



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEAS**

FRANCISCO GILSON REBOUÇAS PÔRTO JUNIOR

**ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: O PROCESSO DE
BOLONHA E AS AÇÕES FORMATIVAS EM CURSOS
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO EM PORTUGAL**

**TESE DE DOUTORADO
V. II – Apêndices - Entrevistas**

Salvador

2012

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Pôrto Junior, Francisco Gilson Rebouças

Entre Comunicação e Educação: o Processo de Bolonha e as ações formativas em cursos de Comunicação Social /Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior. -- Salvador: UFBA / Faculdade de Comunicação, 2012.

2 v. 614 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva Palacios

Tese (doutorado) – UFBA / Faculdade de Comunicação, 2012.

1. Jornalismo. 2. Ensino de jornalismo. 3. União Europeia. 4. Processo de Bolonha. 5. Portugal. 6. Universidades. 7. Processos formativos. 8. Educação. 9. Jornalismo - Tese. I. Pôrto Junior, Francisco Gilson. II. Palacios, Marcos Silva. III. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. IV. Título.

CDD – 070.4

CDU – 070

FRANCISCO GILSON REBOUÇAS PÔRTO JUNIOR

**ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: O PROCESSO DE
BOLONHA E AS AÇÕES FORMATIVAS EM CURSOS
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO EM PORTUGAL**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Silva Palacios

Salvador

2012

SUMÁRIO

APÊNDICE C - Entrevistas.....	446
Roteiro de entrevistas	446
1. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (UBI)	
Entrevistada: Prof. ^a Dr. ^a Anabella Gradim	449
2. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (UBI)	
Entrevistado: Prof. Dr. João Canavilhas.....	469
3. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (UBI)	
Entrevistado: Prof. Dr. Antonio Fidalgo	496
4. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DO MINHO (UMINHO)	
Entrevistada: Prof. ^a Dr. ^a Helena Pires.....	510
5. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DO MINHO (UMINHO)	
Entrevistado: Prof. Dr. Manuel Pinto	529
6. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DO MINHO (UMINHO)	
Entrevistada: Prof. Dr. ^a Sandra Marinho	542
7. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA (UFP)	
Entrevistado: Prof. Dr. Jorge Pedro de Souza	566
8. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DO PORTO (UPORTO)	
Entrevistado: Prof. Dr. Helder Bastos	580
9. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DO PORTO (UPORTO)	
Entrevistado: Prof. Dr. Fernando Zamith	604



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEAS

APÊNDICE C - Entrevistas

Roteiro de Entrevista

ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: O PROCESSO DE BOLONHA E AS AÇÕES FORMATIVAS EM CURSOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/JORNALISMO EM PORTUGAL

Esta pesquisa tem como foco os processos de formação acadêmica jornalística e os possíveis impactos das tecnologias digitais nas estratégias formativas de jornalistas no Brasil e Portugal. Ela é desenvolvida com a orientação do prof. Dr. Marcos Palácios, no âmbito do Programa de Doutorado da FACOM-UFBA (Brasil). Agradecemos sua atenção e respostas às questões a seguir.

Bloco 1 – Dinâmica de transformação das estratégias de formação acadêmica

1. Desde quando o Sr./Sra. percebeu algum impacto causado pelas mudanças tecnológicas sobre a dinâmica da formação acadêmica nessa instituição? Como caracterizaria esse impacto?
2. No campo do ensino, o Sr./Sra. percebeu que as mudanças tecnológicas tiveram impacto sobre:

- a. As práticas docentes? De que tipo, desde quando? Com que alcance (a maioria dos docentes, quase todos, só uma minoria)? Há professores resistentes à introdução de mudanças em função desses impactos? Se for o caso, o que explica essa resistência?
 - b. Sobre o currículo, pedir para historiar a forma como se deu a introdução de disciplinas associadas às tecnologias digitais no currículo então existente. Foi uma “reforma” (reformas) em um momento específico? Foi uma introdução gradual de disciplinas associadas às Tec. Digitais?
 - c. Sobre a capacitação dos docentes? Autocapacitação? A Universidade tem curso de reciclagem/formação para docentes?
3. É possível perceber em sua instituição uma prática de convergência na forma como as disciplinas são praticadas? Como isso ocorre?

Bloco 2 – Processos formativos

4. Olhando para o que é praticado em sua instituição, do ponto de vista da formação, o que diferencia ela das outras instituições do país?
5. As práticas de pesquisa/investigação, existentes em sua instituição, mudaram com as tecnologias digitais? Como?
6. É possível perceber em sua instituição uma relação entre pesquisa/investigação e graduação (licenciatura/1º ciclo)? Esses são processos complementares?

Bloco 3 – Impacto dos processos macro de ajustes educacionais/jurídicos

7. Segundo a sua percepção, o que mudou em sua instituição com o Processo de Bolonha:
 - a. No campo da formação em graduação/licenciatura, houve transformação nos processos ou apenas ficou no campo discursivo?

- b. No campo da formação em investigação/pesquisa, há uma relação clara de criação de um espaço propício para o desenvolvimento intelectual-profissional?
 - c. No campo dos currículos, as mudanças curriculares foram apenas ajustes ou houve um redesenho, com redefinição clara de objetivos, ementas e bibliografias face às novas demandas?
 - d. Qual a sua avaliação desses efeitos de Bolonha no curso de Jornalismo em sua instituição em particular?
8. As mudanças desencadeadas pelo Processo de Bolonha foram percebidas e aceitas:
- a. Pelo conjunto de professores? De que forma (resistência, ambiguidade, total aceitação)?
 - b. Pelos alunos? De que forma?
 - c. Na relação que vocês desenvolvem com outras universidades? Como? Houve aproximação de instituições ou antes um maior distanciamento?

Bloco 4 – Outros direcionamentos

9. Na prática vivenciada pelo Sr./Sra, há considerações/discussões a respeito das demandas de mercado no nível das competências (competências produzidas no curso x competências exigidas pelo mercado)? Até que ponto a formação atende às demandas do mercado? Deve atender?
10. As discussões sobre mercado eram comuns antes do Processo de Bolonha ou a partir dele foi desencadeada essa perspectiva? Como o Sr./Sra. percebe isso?
11. O que o Sr./Sra. acha que falta nesse Processo? Que sugestões teria para a melhoria?

1. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (UBI)

Entrevistada: Prof.^a Dr.^a Anabella Gradim

Bloco 1 – Dinâmica de transformação das estratégias de formação académica

GP: DESDE QUANDO A SENHORA PERCEBEU ALGUM IMPACTO CAUSADO PELAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS SOBRE A DINÂMICA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NESSA INSTITUIÇÃO? COMO CARACTERIZARIA ESSE IMPACTO?

AG: Desde que comecei a dar aulas, desde 98, aliás, desde que vim pra cá estudar em 95, estava a começar a ligação das Universidades Portuguesas a *World Wide Web*. Estava-se a começar a popularizar a internet, ainda não havia boas ligações aqui no interior para as pessoas individualmente, era preciso fazer ligações telefônicas a Coimbra, enfim. Ainda era muito arcaico, mas que estava a começar a popularizar e massificar o uso da internet. Todos sabemos que isso revolucionou não só o ensino, como o lazer. E esse impacto foi se sentindo e agravando ao longo dos anos ao ponto que já podemos quase que falar até em impacto negativo, porque há questões que são difíceis de controlar, como plágio, qualidade da bibliografia, qualidade dos trabalhos e das pesquisas dos alunos. Eu, desde que dou aula, desde 98 e desde que vim estudar aqui, que é em 95, que sinto esse impacto e sinto que ele vem se intensificando de ano para ano nem sempre de modo positivo.

GP: EM SUA PERSPECTIVA, ENTÃO, ESSE IMPACTO JÁ É NEGATIVO HOJE?

AG: Não disse isso. Tem facetas que são negativas. No início não, em 95, 96 e 98, tudo era positivo, hoje já começamos a ver alguns aspectos menos bons, mas normalmente claro que...

GP: VOCÊ ACHA ESSE AMADURECIMENTO NECESSÁRIO E IMPORTANTE?

AG: Sim, sim.

GP: VOCÊ ACHA QUE OS PROFESSORES TÊM PERCEBIDO ISSO TAMBÉM?

AG: Sim, eu penso que hoje já recorrem muito mais em termos de exposição nas aulas, recorrem muito mais a materiais audiovisuais, recorrem a ferramentas *on-line* pra dinamizar grupos de discussão, para se manterem em contato com os alunos, enfim. Podemos desde o básico com o *e-mail* até verdadeiras ferramentas *e-learning*, porque a universidade já tem algumas plataformas *e-learning* implementadas e dirigidas quer aos professores quer aos estudantes. E pouco a pouco esses instrumentos vão fazendo caminhos na vida dos professores e na vida dos alunos e vão sendo utilizados cada vez com mais frequência. Por exemplo, também temos tentando equipar o departamento com meios amigáveis para (...) há pouco tempo novos projetores nas salas, projetos hoje e muitas salas têm capacidade de projeção audiovisual estão equipadas com plasmas. Tudo isso facilita e cria nos professores a vontade de usar o audiovisual e o tecnologicamente mais atraente, mais no fundo é pra passar os mesmos conteúdos que passavam antes recorrendo exclusivamente à oralidade. Mas o que se verifica que é mais fácil se comunicar e manter os alunos interessados com o uso dessas tecnologias, depois tem aquela parte da pesquisa da investigação, das base de dados do acesso a publicações que as novas tecnologias vieram trazer e que tem um valor inestimável pra quem está na academia quer docente quer alunos.

GP: JÁ QUE ESTAMOS FALANDO SOBRE EDUCAÇÃO, COMO QUE VOCÊ PERCEBEU ESSAS MUDANÇAS QUE AS TECNOLOGIAS TROUXERAM E QUAIS OS IMPACTOS QUE SE PODE FALAR SOBRE O TRABALHO DOCENTE? CONSEGUIU PERCEBER ESSA MUDANÇA POSITIVA?

AG: Eu penso que isso tornou as aulas mais dinâmicas, digamos assim, na questão de se começarem a utilizar em massa argumentos audiovisuais para cativar os alunos, por traz a decisão dos professores porque eu percebo que ela não é toda feita, e acho que isso até desejável, não é toda feita a mesma velocidade. Eu, por exemplo, a 100% das minhas aulas teóricas recorro à projeção e meios audiovisuais para fazer a minha exposição, mas basicamente continuo a ser uma exposição magistrada das antigas, só que tem acompanhamento de fundo e isso ajuda a captar os alunos. E eu já tenho 100% das aulas assim. Mas tem aspectos que são muito práticos porque os alunos são extremamente maleáveis quanto a apontamentos tradicionais. Quando dava aula com apontamentos tradicionais, ficava difícil recortar, montar e transportar a informatização. Disso faz com que seja muito fácil montar blocos, seminários, montar o programa de uma cadeira, e isso é uma

ferramenta de produtividade pra nós enquanto docente. O que eu noto é que os professores vão aderindo e, hoje enfim, penso que poderá ser 0% quem nunca tenha usado pelo menos um PowerPoint numa aula. E vamos fazendo com velocidades diferentes e também com intensidade diferentes. E acho que isso é bom, é positivo, que representa a diversidade, que representa riqueza na experiência formativa dos alunos. Isto é, o fato de dar 100% das aulas assim é positivo num cenário de felicidade, se toda gente fizesse esse (...) seria negativo e se ninguém fizesse esse (...) também seria negativo.

GP: VOCÊ COMENTOU EM PARTE ESSE ALCANCE. VOCÊ CARACTERIZARIA QUE QUASE TODOS, POUCOS OU ALGUNS QUE AINDA NÃO TÊM USADO AS TECNOLOGIAS?

AG: Quase todos, aliás, eu diria todos, eu que digo é que é com intensidades diferentes, até porque a natureza das disciplinas, as disciplinas não têm todas a mesma natureza. Nós temos aqui cursos como exame multimídia, por exemplo, (...) das disciplinas que é multimídia que é impossível não serem lecionadas com recursos com meio tecnológico que ultrapassam. Até o curso de cinema também envolve muito trabalho de edição com *software*, edição de imagem e de filme. Enfim todos os professores recorrem em existência absoluta, mas em intensidade diferente, quer pela natureza das disciplinas que lecionam, porque há disciplinas muito práticas e todas elas ligadas com tecnologia ou disciplinas teóricas e disciplinas filosóficas, por exemplo, retórica, ontologia. Eu posso ensinar ontologia e não preciso recorrer a meios tecnológicos, posso fazer para facilitar o processo e para tornar a minha comunicação mais agradável, mas não é necessário. Mas eu diria que nenhum professor aqui da universidade dispensa esses meios ou nunca utilizou tais meios.

GP: DEPENDENDO DO CARÁTER DAS DISCIPLINAS ALGUNS SÃO MAIS PRÓXIMOS...

AG: É obrigatório, não podem ser lecionadas de outra maneira.

GP: MESMO ENTRE ESSAS QUE SERIAM OBRIGATÓRIAS PELO FOCO, HÁ ALGUMA RESISTÊNCIA DE PROFESSORES NA UTILIZAÇÃO DESSAS TECNOLOGIAS MODERNAS, PRINCIPALMENTE AS DIGITAIS?

AG: Não, nas cadeiras em que não é obrigatório, não, porque aquilo é disciplina. Por exemplo, edição e montagem de vídeo é feito em *macintosh*, só pode ser feito assim, não pode ser feito de outra maneira. O professor que ensina isso não pode ter resistência em ensinar o que ocorre na cadeira. Depois nas disciplinas mais clássicas entre os cursos mais clássicos é o de filosofia o mais (...), não é o mais antigo em ordem de criação, mas no canal da ciência é o mais (...). Enfim, muitos professores recorrem às tecnologias, outros não recorreram tanto. Não vejo, não posso falar em resistência porque não há nenhum, isto é, nós só resistimos quanto é aplicada alguma força contrária, e aqui não há nenhuma força a dizer às pessoas “usem as tecnologias, deem as aulas assim, façam assado”. Eu creio ser uma riqueza da universidade a sua diversidade, é bom ter um professor que dá aula assim a ler o seu livro e nada se passa no cenário atrás dele, e é bom ter aulas emocionantes e ajeitadas nos laboratórios de computadores. Então, não há resistências desses professores e também ninguém faz força para que se possa resistir.

GP: SOBRE O CURRÍCULO, VOCÊ PODERIA HISTORAR UM POUCO A FORMA COMO É QUE SE DEU INTRODUÇÃO DAS DISCIPLINAS ASSOCIADAS ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS?

AG: Relativamente ao curso de comunicação? As disciplinas que nós temos relacionadas às tecnologias digitais no curso de comunicação? Temos a disciplina de *Webjornalismo*, temos as disciplinas de Ateliê de Jornalismo e depois temos uma disciplina nova chamada Infografia *Multimédia* para jornalistas, que é lecionada em conjunto com os professores de Comunicação e do curso de *Design Multimédia*. Essas são as cadeiras mais tecnológicas, pois há também uma Ateliê de Rádio, que também implica naturalmente a mexer com máquinas. Então teríamos como cadeiras tecnológicas os Ateliês, o *Webjornalismo* e a Infografia *Multimédia* para jornalistas. Qual é a gênese dessas cadeiras? A Infografia e *Webjornalismo* são disciplinas novas que têm a ver com a emergência dos meios de comunicação e meios de informação digitais e, portanto, com o aparecimento dos jornais, rádio e provisões *on-line*. Rapidamente percebemos que os nossos alunos quando saíam que a sua melhor saída profissional para esses alunos era nesses novos meios. A partir daí, foi proposta, frente à renovação da proposta de Bolonha, a criação dessa cadeira. Na verdade, nos nossos ateliês, os nossos alunos já trabalhavam, porque estavam assim tão bem no mercado dos meios

audiovisuais? Porque a universidade ou o curso já dispunha de uma série de meios digitais onde os alunos treinavam em seus ateliês com o jornal e o “UBI Orbis”, que é o jornal digital mais antigo da universidade, já tem uns dez anos, já tem sido publicado ininterruptamente desde a sua fundação, ele é semanal e começou a ser publicado em 31 de janeiro de 2000. O jornal graficamente já mudou muito do primeiro número pra cá. Este jornal é feito com os trabalhos dos nossos alunos, eles treinam nos ateliê para este jornal. Já há onze anos fazem isto, e nós começamos a reparar por altura de 2004 e 2005 que eram uma competência muito apreciada deles, eles saberem colocar notícia no ar, saberem escrever para *on-line* e quando chegavam para as redações. Agora não é tanto assim, mas, na altura da transição, os estagiários da “Ubi” eram os únicos que sabiam mexer nessas, então isso era uma mais valia para eles. A cadeira do *Webjornalismo* nasceu quando foi transição para Bolonha, porque já tínhamos aqui uma tradição.

GP: VOCÊS TÊM AQUI NA CASA EGRESSOS (EX-ALUNOS) QUE TRABALHARAM NESSE JORNAL NO INÍCIO E HOJE SÃO DOCENTES (...)?

AG: O chefe de redação foi nosso aluno, o Dr. Eduardo Alves, e temos uma docente que foi a primeira chefe de redação do primeiro jornal, que é o número que nós vimos, que é a Dr.^a Catarina Moura está a concluir o doutoramento e é docente. Há mais pessoas que a Catarina Rodrigues que ensina a “calma caseira”, a Ivani Ferreira não sei também se ela fez este ateliê, porque os alunos podiam escolher outros ateliês. Mas pelo menos o Eduardo Alves, Catarina Moura, Catarina Rodrigues trabalharam aqui e agora trabalham cá na Universidade. E então dizia eu que tínhamos essa tradição do jornal e a mais antiga de Portugal e também aquele que se publica com uma periodicidade mais constante que está semanal. E, portanto, é difícil manter uma estrutura assim meio amadora, e só tem uma pessoa a trabalhar aqui praticamente, pois é um trabalho solo e é difícil, mas já é o número 565 (...).

GP: TODAS NOTÍCIAS MONTADAS POR ELES?

AG: Sim, tudo feito pelos alunos. Não são de agências, não fazem corta e cola, são notícias feitas ou pelo aluno ou pelo chefe de redação. Dizia eu quem, em 2000, por meio do professor Fidalgo, nasceu o “Ubi”, depois criou-se uma rádio *on-line*, onde os alunos fazem programação e divulgam, e temos também uma provisão onde os alunos do audiovisual

colocam seus trabalhos que fazem no ateliê, então essas disciplinas, por exemplo, fazer montagem de vídeo. Tínhamos um bom estudante de jornal, daí começamos a ver que era uma ferramenta importante na empregabilidade deles e que havia falta no mercado de trabalho de pessoas qualificadas nesta área. E a partir daí, criou-se a cadeira o mesmo para Infografia *Multimédia*, e os ateliês não são marcadamente tecnológicos, mas, para editar uma peça de rádio, é preciso *software*. Para fazer um texto pra “Ubi”, é preciso colocá-la *on-line*, tentar criar uma linguagem *multimédia*, fazer *links*, por vezes editar som e editar imagem. São essas as cadeiras mais marcadamente tecnológicas do curso de comunicação.

GP: ESSA INCLUSÃO FOI UMA REFORMA, FOI UM CONJUNTO DE REFORMAS GRADUAIS, OU FOI BASICAMENTE UMA DEMANDA PELA MUDANÇA QUE A UNIVERSIDADE PASSOU NOS ÚLTIMOS ANOS?

AG: Foi uma transição na continuidade de tal forma que nem sequer poderíamos pensar em reforma. Quando eu vim pra cá lecionar, já existiam ateliês que não estavam tão orientados para os meios digitais. A partir do aparecimento e massificação desses meios, os ateliês começaram a se orientar, mas eles já existiam. Por exemplo, no primeiro ano em que eu lecionei em ateliês, os alunos fizeram textos e reportagem que depois publicaram em jornais da região e em revistas tradicionais de papel. Estávamos em 1998 e era o que se fazia, não havia jornais *on-line*. Não chamaria de reforma, mas se fez uma evolução natural. O próprio panorama midiático começou essa evolução dos meios tradicionais irem deslocando paulatinamente para o *on-line*. Tudo sem haver um corte houve, uma continuidade eu diria muito suave.

GP: QUANTO AO IMPACTO DAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS SOBRE A CAPACITAÇÃO DOS DOCENTES, A OPÇÃO DE VOCÊS FOI A AUTOCAPACITAÇÃO. HOUE UMA “RECICLAGEM”, UMA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA OS PROFESSORES?

AG: Eu sei que ao nível da universidade são promovidos a formação numa área ou noutra, mas felizmente a maioria dos professores faz sua própria autoformação. Nestas áreas, temos o Labcom, temos o serviço de informática. Quando eu quero aprender alguma coisa que não sei, tenho a quem perguntar, não é preciso institucionalizar propriamente a formação. A maioria

das pessoas resolvem seus problemas sem necessitar de recorrer a ações de formação organizadas. Agora estou a pensar a única vez que teve uma forma de formação organizada, foi um curso sobre o “Labtec”, com o professor Fidalgo deu ao professores da faculdade já alguns anos. No resto, é raro isso. Eu já precisei trabalhar com o Labtec, ele já havia ensinado a mim, eu não precisei ir lá aprender algo especial. Basicamente os docentes recorrem à autoformação, e a Universidade tem recurso que permitem que cada um aprenda conforme a sua necessidade.

GP: O PRÓPRIO DOCENTE ESCOLHE QUAL CAMINHO, QUAL PERCURSO A FAZER, ESCOLHE QUAL CURSO QUE MAIS LHE INTERESSA?

AG: Nem sequer falamos em cursos organizados, enfim, e que cursos organizados poderia um professor fazer? Houve inovações de *e-learning*, mas que são promovidas pela Reitoria e pela universidade. Os docentes que desejarem escrevem-se e participam, mas não é o meu caso.

GP: NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS, NORMALMENTE, TEMOS UM NÚCLEO PEDAGÓGICO, PORQUE A LEGISLAÇÃO OBRIGA QUE EXISTA, E ESSE NÚCLEO É RESPONSÁVEL POR ESSA CAPACITAÇÃO CONSTANTE...

AG: Ter formação obrigatória, é dito que, na administração pública portuguesa, que isto existe, mas, para o caso dos funcionários por (x) tempo, eles são obrigados, obrigados mesmo, os docentes não, os docentes têm que fazer as provas inerentes à sua carreira, têm que fazer mestrado, um doutoramento, depois um pós-doc. Mas não são obrigados a (...) a ter ações de formações, quer na área pedagógica, quer na área tecnológica. Supõe-se porque têm ensino superior, têm uma capacidade de gerir suas próprias aprendizagens, que deve ser suficiente o bastante. Não sei se será sempre assim em todos os casos, mas que, em princípio, vê-se bastante suficiente para ele bastar a si próprio.

GP: É POSSÍVEL PERCEBER EM SUA INSTITUIÇÃO UMA PRÁTICA DE CONVERGÊNCIA NA FORMA COMO AS DISCIPLINAS SÃO PRATICADAS? COMO ISSO OCORRE?

AG: Existe por um lado a organização das disciplinas, isto a coordenação estará a cargo do diretor de curso. Ele tem a missão de verificar que os programas não colidam, por exemplo, em duas com nomes diferentes não sejam ensinadas as mesmas matérias, em algumas áreas isso é relativamente possível (...) do curso deve zelar para que não haja sobreposição. Depois aqui há um ano começou-se a implementar um afinamento do Processo de Bolonha que consistia em organizar de fato a articulação. Apesar d'eu dizer isto, a articulação entre as cadeiras nem sempre é perfeita, suponho que suscitara em todas as escolas. As pessoas são muito autônomas na criação do programa e em sempre reúnem para falarem o que cada um andar a fazer, apesar de as cadeiras terem sido criadas com esta perspectiva do conjunto do que é o conjunto. Depois, na prática, cada professor pode na aula prática, pode não garantir 100% dessa articulação. Então o ano passado começou-se a tentar articular o curso de Ciências da Comunicação a certas metodologias no Processo de Bolonha, começando pelo primeiro ano. Agora neste ano letivo, essa articulação será feita para o segundo e depois para o terceiro, de modo que, para o próximo ano letivo, a articulação de Bolonha, a condição efetiva mesmo porque formalmente ela já está feita, a articulação de Bolonha do curso de Comunicação esteja aperfeiçoada num nível verdadeiramente alto. Por que digo isso? Porque estou envolvida dando aulas ao primeiro ano, portanto só existiam reuniões preliminares. O diretor do curso, prof. Ricardo, já deve ter explicado em que pé que está o processo, o que se fez foi promover uma série de reuniões entre os docentes do ramo, pra tentar articular o programa de todas as disciplinas, as metodologias, o processo de avaliação da maneira como era lecionada. Eu sei que, para o primeiro ano, isso estava concluído e, para este ano, está a começar a trabalhar o segundo neste estilo.

Bloco 2 – Processos formativos

GP: OLHANDO PARA O QUE É PRATICADO EM SUA INSTITUIÇÃO, DO PONTO DE VISTA DA FORMAÇÃO, O QUE DIFERENCIA ELA DAS OUTRAS INSTITUIÇÕES DO PAÍS?

AG: A UBI é a única universidade numa larga faixa aqui no interior de Portugal. Existem instituições mais próximas, são institutos politécnicos, que são o politécnico da Guarda, que fica a 40 km ao norte da Covilhã, e politécnico de Castelo Branco, que fica a 60 km da Covilhã. Neste raio de 100 km ou mais até, a UBI é a única universidade. O próprio quadro

jurídico que enquadra os diferentes sistemas de ensino prevê essa diferenciação, que o ensino politécnico é muito mais vocacionado para a prática, pois, para a profissão, o ensino muito tecnológico voltado para as empresas. E o ensino universitário entendido, da maneira clássica, como um ensino mais teórico e que prepara o aluno para uma aprendizagem para ao longo da vida e para a resolução de problemas, no entanto confere competências não só para a execução como para a reflexão sobre essa execução e para a concessão. Tanto que eu diria que alguém formado em Comunicação num politécnico está mais preparado para a execução, e alguém formado na universidade está preparado para a execução e reflexão e concessão.

GP: COMPARANDO COM OUTRAS INSTITUIÇÕES DO PAÍS?

AG: As diferenças estão ali no jornal. Além de termos conseguido reunir um conjunto de docentes e um conjunto de competências que aqui em Portugal são de alto nível teórico, o nosso curso está muito bem enraizado naquilo que é prática profissional. Isto é, nossos alunos saem excelentemente preparados no domínio prático, recebem preparação teórica própria e característica e típica do ensino universitário, mas também recebem uma preparação prática, que supera em muito a preparação que se faz em escolas politécnicas. E isto porque temos excelentes recursos tecnológicos a nível audiovisual, de rádio, do lado prático do jornalismo. E depois com o “Ubi”, que é um jornal que sai todas as semanas, os alunos acabam a praticar muito jornalismo, muito mais que em qualquer outra escola que eu conheça. E então sério que isso nos distingue dos restantes dos cursos, quer politécnicos, quer universitário, e que os nossos alunos de fato praticam bastante. Não quero dizer que são melhores que os outros e que os outros não cheguem lá depois, mas, quando chegam às empresas, a impressão que eles causam é boa, pois estão à vontade com os computadores, com as câmeras, para escrever notícias. Ao passo que era possível fazer curso de Comunicação e, há uns anos mais ainda, sem nunca ter escrito uma notícia, ter feito um *press release*, nunca ter treinado nada que fosse uma atividade prática (...) para depois o aprender no ambiente das empresas. Eu penso que essa vertente prática que entusiasma aos alunos é aquilo que eles mais gostam, eles não gostam de ter aulas de teoria nem de retórica. Esse vertente mais prática é o que nos distingue das demais.

GP: AS PRÁTICAS DE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO EXISTENTES EM SUA INSTITUIÇÃO MUDARAM COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS? COMO?

AG: Os docentes investigam ligados ao instituto de pesquisa e investigação o instituto de filosofia prática, que é composto pelos docentes de filosofia, e o Labcom, que é composto por docentes da comunicação, docentes do cinema e do multimídia. Neste aspecto, eu não consigo explicar o que está a fazer um colega de cinema e um colega de multimídia, só posso falar por mim. E a minha área não é excessivamente tecnológica, sou licenciada em filosofia, fui jornalista. Desde muito anos, comecei a fazer notícia e sei fazê-la e sei ensinar a fazer. E que impacto é que as tecnologias tiveram na minha atividade de pesquisa? Tiveram um impacto enorme, sobretudo na pesquisa bibliográfica e do acesso aos materiais bibliográficos. Por exemplo, poder importar livros diretamente de todo mundo, poder ter a base de dados, poder fazer pesquisa em fóruns, poder comunicar com colegas da mesma área que estão a pesquisar assuntos que me interessam a partir das tecnologias digitais. No entanto é uma experiência restrita a partir do que as tecnologias permitiriam, porque, na verdade, o meu trabalho de investigação e pesquisa é tradicional, que dizer um monge do século XII fazia a mesma coisa, lia um livro e depois escreviam um artigo. Mas as tecnologias tiveram um impacto brutal porque há 15 anos não se conseguia comprar um livro na Covilha, porque na livraria tinha pouca coisa. Se quisesse um livro mais especial, tinha que ir até Lisboa para buscá-lo, portanto não grandes bases da área (...) No entanto foi sobretudo nesta medida que as tecnologias tiveram um impacto na minha atividade de investigação, e elas próprias se constituem como objeto de investigação. Tem bastante texto publicados sobre comunidades *on-line*, vários objetos, filmes no *Youtube*, vários objetos que se constituem a partir das tecnologias. O impacto direto como objeto sim tem impacto, como facilitador na pesquisa bibliográfica. E a técnica propriamente dita é o que se fazia há vinte anos é o que fazia há trinta, há quarenta, que é a ideia de se escrever, e nisso a técnica não interfere.

GP: É POSSÍVEL PERCEBER EM SUA INSTITUIÇÃO UMA RELAÇÃO ENTRE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO E GRADUAÇÃO (LICENCIATURA/1º CICLO)? ESSES SÃO PROCESSOS COMPLEMENTARES?

AG: A relação entre investigação e graduação é tênue, não é muito grande, estamos a tentar promover uma maior ligação. As pessoas que lecionam na graduação fazem investigação e pertencem ao laboratório. Os alunos de graduação muito raramente são envolvidos nessas atividades. No mestrado, isso já acontece com mais frequência. No doutoramento, essa

ligação é total porque os alunos estão a fazer os seus trabalhos que produzir as suas dissertações nas suas linhas de investigação dos laboratórios. No doutorado, o envolvimento é total, no mestrado não excessivamente animador o panorama, e na licenciatura é vago, é muito tênue. Não será fácil de fazê-lo porque neste momento os estudantes de licenciatura não estão nem preparados, nem sensibilizados para a investigação. O que temos que fazer é primeiro dar a preparação básica, isto fazemos na licenciatura e, portanto, ao nível de licenciatura, quase não há investigação.

Bloco 3 – Impacto dos processos macro de ajustes educacionais/jurídicos

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DA FORMAÇÃO EM GRADUAÇÃO/LICENCIATURA? HOUVE TRANSFORMAÇÃO NOS PROCESSOS OU APENAS FICOU NO CAMPO DISCURSIVO?

AG: Os currículos foram adaptados porque foi necessário encurtar o período da formação, de quatro anos passou a ser três. Tentamos fazer essa adaptação sem ferir o que eram as áreas-chaves do curso e as áreas que eram o “cólume” do curso, sobretudo, nas áreas teóricas. No fim, acabaram a cair as cadeiras marginais e que enfim não faziam tanto sentido num curso de Comunicação. Por exemplo, língua estrangeira, que não podiam ser oferecidas como fazendo parte do currículo principal. Depois, tentou-se adaptar os métodos de ensino aos de Bolonha: cumprimos os créditos, cumprimos as horas de trabalho que cada crédito implica, e os docentes não quer dizer que estejam assim 100%, mas tentam se adaptar, quer as suas lições, quer os materiais que entregam aos alunos, tentam adaptar a essas diretivas. O aluno X tem que estudar 360 horas, ele construiu uma bibliografia, pra isso, ele não precisa confirmar se trabalhou as 360 horas ou não. E o que é espetável é que uns trabalharam um tanto e outros muito mais do que as 360 horas, trabalharam 500. É difícil de medir isso, porque só temos o resultado final (...). Mas penso que os professores tentaram adaptar as suas aulas a Bolonha (...) do ensino central do aluno, tornar o aluno participante, ativo. Creio que hoje se pede muito mais trabalho aos alunos, hoje se espera muito mais do aluno desde pesquisa, não a pesquisa orientada, a nossa própria investigação. São pedido aos alunos muito mais trabalhos, e essa foi umas das consequências de Bolonha, que penso que todos eles têm avaliações

clássicas, com testes, mas também com trabalhos que pedem um envolvimento mais ativo da parte deles. Não chamaria de investigação, mas envolvem alguma investigação. Em geral, os resultados não são trabalhos acadêmicos como acabados, como seria no mestrado ou no doutoramento.

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DA FORMAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO/PESQUISA? HÁ UMA RELAÇÃO CLARA DE CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO PROPÍCIO PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL-PROFISSIONAL?

AG: Tem potencial pra trazer. Já que estamos num processo de reflexão sobre o assunto, não se pratica tanto quanto poderia, e é provável que isso venha a ser um atraso no futuro próximo. Não é fácil porque são cursos são de três anos, e os alunos precisam aprender tanta coisa, tanto conceito básico em três anos que de fato não sobra (...). E a preparação deles muitas vezes não é brilhante, não é melhor. E, no meio disso tudo, desejar as competências básicas do licenciado e da comunicação e, no meio disso tudo, temos ainda a fazer investigação científica. Não será nada fácil, será muito difícil. Fazer sair daqui alunos com competências mínimas para exercer as profissões na área da comunicação já é suficientemente difícil. Para que uma tarefa adicional como essa, não posso encarar isso com otimismo. Embora seja desejável, não sei qual vão ser os resultados, nem sequer se vai haver receptividade por parte dos alunos a isso, porque pode nem haver.

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DOS CURRÍCULOS? AS MUDANÇAS CURRICULARES FORAM APENAS AJUSTES OU HOUVE UM REDESENHO, COM REDEFINIÇÃO CLARA DE OBJETIVOS, EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS EM FACE DAS NOVAS DEMANDAS?

AG: Não foi um redesenho total, foi uma adaptação daquilo que tínhamos ao novo currículo e a nova duração e ao tempo e as exigências de Bolonha, mas as disciplinas e os cortes das disciplinas mantiveram-se porque eram as corretas. Houve reajuste em tempo das disciplinas, houve uma que desapareceram com a criação de disciplinas novas. Eu poderia resumir as alterações principais que ocorreram da seguinte forma: por um lado, nosso curso antigo estava

estruturado em três ramos, tínhamos o ramo do jornalismo, o ramo da publicidade e relações públicas e o ramo do audiovisual. Então, o primeiro ano e o segundo ano, o currículo era todo igual, no terceiro e no quarto ano, escolhiam o ramo e faziam cadeiras opcionais relacionadas com o ramo que tinham escolhido. E o aluno que havia escolhido o ramo jornalismo só podia fazer cadeiras de jornalismo, e o que escolheu audiovisual, e o que escolhesse RP tinha que fazer todas as cadeiras que compunham o ramo das relações públicas, não podiam se comunicar. Uma das questões de Bolonha, porque é suposto responsabilizar o aluno por seu próprio percurso acadêmico, uma das alterações foi que destruimos os ramos, mas as áreas de formação se mantiveram. Continuamos a oferecer opcionais nestas áreas, não são as mesmas, algumas mudaram de nome, criaram-se cadeiras novas, algumas como o *webjornalismo* que não existia. O aluno hoje pode escolher fazer duas cadeiras de jornalismo e uma de relações públicas e uma audiovisual e, portanto, pode fazer o antigo ramo tradicional, isto é, uma das alterações que correspondem ao espírito de Bolonha de responsabilizá-lo pela sua formação e possibilitar-lhe criar percursos diversificados. Esta suposta liberdade cria alguns problemas, por exemplo, na disciplina que vai no segundo semestre “gêneros jornalísticos” chegam estudantes que nunca tiveram uma cadeira de jornalismo, fizeram as cadeiras de relações públicas, depois querem vir aprender gêneros, ou ainda pior, no ateliê, tem alunos que tinham feito as cadeiras todas de relações públicas a chegam ao ateliê de jornalismo sem (...). É raro isto acontecer, normalmente eles seguem o percurso, mas acontece e tornar-se problemático. Por exemplo, no último semestre do curso, receber um aluno que quer aprender a fazer notícia e que não teve nenhuma preparação antes. Esta foi uma das alterações que a adaptação ao currículo trouxe, destruimos os ramos e tornamos as possibilidades de percurso dos alunos mais flexíveis. Depois tentamos manter as áreas que eram mais importantes e houve a necessidade de eliminar certas cadeiras, porque, no fundo, desapareceu um ano, desapareceu 25% da nossa lecionação. Isto é matemática, é somar e subtrair, neste caso tivemos que subtrair tentando, com essa subtração, tentamos não privar os alunos de coisas essenciais.

GP: NESSE MOMENTO DE ESCOLHA, AS TECNOLOGIAS TIVERAM IMPACTO?

AG: Tiveram porque incitaram a criação de disciplinas novas que não tinham como *webjornalismo*, infografia e a *multimédia* e a extensão de outras cadeiras que existiam e que seriam importantes, mas que, num curso de três anos, não era seria possível lecionar, por exemplo, “lógica” como disciplina da filosofia. E eu não penso que não é importante, mas que teve que desaparecer porque representava uma formação demasiada alargada para um curso

de três anos, que é um curso que tem que ser mais profissionalizante, não há alternativa. Outros casos pegamos as disciplinas que parecia-nos importantes, submetemo-las para o mestrado. Isso aconteceu com estética, que é uma disciplina teoria que era do quarto ano e passou para o mestrado. Algumas cadeiras do quarto ano passaram para o mestrado.

GP: MUDANÇA DO CURRÍCULO: GRUPOS DE INTERESSE

AG: Isso foi objeto de um debate alargado aqui no departamento, os colegas se reuniram várias vezes, era uma imposição legal, agora vão mudar o currículo, toda gente compreendeu que se tratava de uma imposição legal e que tinha que se feita. Não houve discussão ou negociação, sequer houve algumas tensões, não houve nada de extraordinário, toda gente percebia que estava pronta uma inevitabilidade, nós não decidimos passar a licenciatura para um curso de três anos. Tratava-se apenas de nos adaptarmos, não estou a dizer que foi pior ou que Bolonha foi mal, mas foi um decisão externa, a universidade foi ouvida de uma forma lata. Durante o debate, a universidade da Beira Interior não foi ouvida, o departamento de Comunicação não foi ouvido quando se determinou a alteração dos cursos. Por exemplo, se tivesse sido ouvida, eu diria que preferiria o curso de quatro anos, mas isso não aconteceu. Então as pessoas percebiam que era um processo de adaptação que nos ultrapassava, e isso facilitou, isso ajudou a que não fosse complicado o processo desse ponto de vista. Quando as questões foram menos debatidas, foi com disciplinas que são lecionadas. Por outros departamentos, o debate foi sobretudo interno, não houve grande debate com outros departamento que estavam sobretudo estavam reunidos a fazer o seu próprio trabalho. Então talvez tenha havido aí mais incompreensões sobre o produto final ou não, porque não chegamos ainda a ter o *feedback* disso, pela magnitude do processo, pelo que aconteceu, ou seja, eliminara 25% do curso das áreas de licenciatura. Estou surpreendida como é que não houve tantos problemas quanto seriam de esperar. Mas, ao mesmo tempo que perdemos um ano, os mestrados (...) criamos três mestrados novos, então houve espaço para toda gente representar a suas áreas e fazer aquilo que era importante para si, senão na licenciatura, pelo menos no mestrado

GP: QUAL AVALIAÇÃO DE BOLONHA SOBRE OS CURSOS DE JORNALISMO?

AG: Em 1990 e 95, o curso de Jornalismo, aqui da UBI, tinha cinco anos, e o aluno terminava sua graduação com a defesa de uma monografia, dum projeto, uma pequenina tese, e esses alunos saiam bem preparados, porque cinco anos é suficiente para fornecer uma boa formação. Depois mais tarde, o curso passou a ter apenas quatro anos e deixou de ser concluído com a defesa de uma monografia. Depois com Bolonha, passou a ter três anos mais dois. E é possível fazermos corresponder a antiga licenciatura de cinco anos mais monografia, a atual situação que nós temos que é de três anos de licenciatura mais dois de mestrado com monografia, então nós temos cinco anos daquilo que chamava licenciatura, com cinco anos daquilo que se chama mestrado. E, se compararmos esses cinco anos, os alunos que saem hoje com mestrado saem mais bem preparados com melhor formação. O nosso currículo é melhor, está mais aperfeiçoado que o antigo currículo, os nossos cinco anos hoje são melhor que os cinco anos de 1990, embora o nome dos graus não tenha deixado de corresponder.

GP: HOJE ALUNOS SAEM MAIS TITULADOS?

AG: E os que saem assim saem melhor dos que faziam licenciatura de cinco anos ou com a licenciatura antiga de quatro anos, mas os que saem com três anos sem dúvida sairão melhor do que os que saiam com cinco ou quatro anos. É difícil comparar essas realidades, o aluno que saem daqui com três anos ele está capacitado, habilitado, mas não tem aquela maturidade porque passou aqui pouco tempo. O primeiro ano é pra se adaptar, o segundo é para aprender qualquer coisa e o terceiro ano já está com aquela coisa “sou finalista, preciso arrumar emprego pra sair daqui”. Que dizer, mal aquecem os bancos, já têm que ser retirados. Isso a formação deles é diferente, o preferível para o aluno sair daqui formado é do cinco anos, três anos é pouco.

GP: MUDANÇAS DE BOLONHA: ACEITAÇÃO PELOS PROFESSORES?

AG: Foi mais ou menos pacífico, porque era uma inevitabilidade, não poderia ser alterado. Talvez os colegas não tenham apreciado muito, talvez tenham sido sentido com desconfiança por outros, ou não estavam muito animados com a perspectiva, portanto era uma inevitabilidade, por isso foi aceito.

GP: E OS ALUNOS?

AG: Os alunos da transição, o governo decretou que um aluno não poderia ser prejudicado na transição, então os alunos foram colocados no novo currículo, alguns tiveram que fazer cadeiras de compensação pra não perder áreas. Como o curso encurtou, o aluno que tivesse no segundo ano ou no terceiro ano tinham feito muitas cadeiras que desapareceu e nós considerávamos essenciais. Por exemplo, lógica e línguas e faltava fazer muitas cadeiras essenciais que foram mantidas no currículo, então foi adaptado um currículo especial para esses alunos para eles pudessem sair no mesmo tempo. Em alguns caso, tiveram que fazer cadeiras extras, alguns foi dada a oportunidade de saírem com os quatro anos. No caso daqueles que estavam no quarto ano, saíram no currículo antigo, quem estava no terceiro ano foi dada a oportunidade de concluir neste ano fazendo mais algumas cadeiras. E isso agradou muito aos alunos, pois a mudança também caiu bem, visto empiricamente, ficaram satisfeitos com algumas das alterações. Por exemplo, cadeiras psicológicas, por não serem cadeiras da comunicação, eram cadeiras que colocavam dificuldades. Isso agradou mais a eles.

GP: DA GRADUAÇÃO PARA O MESTRADO NO BRASIL TEM UM RITO.

AG: Agora a oferta está bastante adequada a procura. Quando eu entrei na universidade, 60% dos alunos ficavam de fora, ou seja, entrava 40%. Embora o processo não fosse conduzido pelas universidades, fazia-se exames nacionais, depois fazia-se a média desses exames nacionais. Ainda hoje é assim, e os alunos concorriam às universidades com essas notas, mas 60% ficavam de fora, não conseguiam entrar. Não há muito tempo, entrar na universidade era muito difícil, e hoje temos áreas onde isso permanece, é muito difícil entrar, é muito difícil. O curso de medicina em Portugal tem muito estudantes que vão estudar no estrangeiro por causa disso, eles entram nas universidades estrangeiras e não entram aqui porque que não têm condições de entrar aqui, porque é difícil. Em outras áreas, em arquitetura, é difícil também entrar em certos cursos. Então, apesar de haver muitas vagas, não é fácil entrar, é fácil entrar numa qualquer, é fácil entrar num curso qualquer. Em dez a quinze anos, só entravam quatro de dez aluno, seis ficavam de fora.

GP: O RITO PARA O MESTRADO CONTINUA ASSIM?

AG: Antes de Bolonha, teria poucos mestrados. Antes de Bolonha, sim havia um processo de mestrado um pouco duro, difícil. Posso falar, quando eu entrei no mestrado aqui para a UBI, foi em 95, havia vinte vagas e houve quatrocentos candidatos. Selecionar vinte de quatrocentos não deve ter sido fácil. Hoje aparentemente não é tanto assim, aqui na UBI nós não sentimos essa pressão, mas havia em outras universidade, o número e alunos que tentam entrar é grande. Aqui nós fazemos seleção e, pelo menos na minha área, o número de alunos que tenta seleção consegue ser colocado. Isso faz com que os alunos encarem o mestrado com uma perspectiva de continuidade com a licenciatura. Temos licenciatura com cinquenta vagas, e depois temos dois mestrados cada um com vinte vagas, ou seja, o mestrado corresponde às vagas de licenciatura.

GP: HOUVE UMA APROXIMAÇÃO DAS UNIVERSIDADES COM BOLONHA?

AG: Não noto grandes diferenças, porque cada universidade tratou da sua própria adequação, as relações que existiam continuaram a existir. Não vejo que Bolonha tenha propiciado novas relações entre as universidades, mas posso estar enganada.

Bloco 4 – Outros direcionamentos

GP: NA PRÁTICA VIVENCIADA PELA SENHORA, HÁ CONSIDERAÇÕES/DISSCUSSÕES A RESPEITO DAS DEMANDAS DE MERCADO NO NÍVEL DAS COMPETÊNCIAS (COMPETÊNCIAS PRODUZIDAS NO CURSO X, COMPETÊNCIAS EXIGIDAS PELO MERCADO)? ATÉ QUE PONTO A FORMAÇÃO ATENDE ÀS DEMANDAS DO MERCADO? DEVE ATENDER?

AG: Isso aconteceu, o currículo foi implantado há pouco tempo, uns três ou quatro anos, tanto que o mercado não alterou as exigências. As exigências que existiam há três ou quatro anos são as mesmas. Já havia um debate alargado sobre isso, nós já formávamos alunos com competências valorizadas pelo mercado e contentamos porque sabíamos que isso uma mais valia, ou seja, uma coisa boa do nosso curso e tentamos mantê-los. Não acontece o mesmo num curso de gestão ou de mais técnico, haverá competências que estejam a mudar mais

aceleradamente. O que se pedia de um profissional de Comunicação há quatro anos é mais ou menos o mesmo que se pede hoje.

GP: MESMO COM AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS?

AG: Sim, este é um curso universitário, nós nos preocupamos que o nosso aluno tenha capacidade de se adaptar quando chegar ao mercado, o que se supõe é que daqui a dez anos tudo o que eles aprenderam aqui quanto ao tecnológico esteja tudo ultrapassado. No curso de multimídia é diferente, eles fazem o curso em três anos e daqui a cinco nada do que aprenderam será o mesmo. O que é que o licenciado tem que ter capacidade para aprender de adaptar e evoluir no mercado de trabalho. Isso só em competências transversais que nós já fornecemos e continuamos a fornecer a partir da formação teórica e do apelo que fazemos à refletividade, a pensar no que estai a fazer, ser críticos no seu trabalho. Cada vez mais as competências práticas concretas se tornam obsoletas em menos espaço de tempo e sobre isso não tenho ilusões nenhuma e nem queremos nos adaptar desse jeito, porque entendemos isso ser mais politécnico. Não estamos muito preocupados se eles sabem usar o último modelo de programa, nós queremos que eles saibam projetar e construir conteúdos, independentemente do meio técnico.

GP: DISCUSSÃO DE MERCADO E BOLONHA

AG: Nós tentamos, porque isso é um curso universitário, não ter o mercado como nossa preocupação. Uma universidade não deve ter como fim formar mão de obra especificamente de hoje, porque o de hoje já não é de amanhã e depois. Pensamos nisso, mas não é uma preocupação, eu prefiro eles tenham uma formação humanista, intelectual e sólida e possam se adaptar ao longo do tempo do que a formá-los na inclusão digital, trabalhar com *software* depois estão obsoletos. Isso acontece com profissionais no mercado que estão mais velhos e têm mais dificuldades para adaptar-se. Uma característica do nosso aluno é de adaptabilidade, então não estamos a olhar para o mercado para saber o que eles querem, por exemplo, em abril de 2010. Não, isso é ter uma visão muito estreita do que é uma formação universitária e de que gênero de profissional devemos produzir. E essa preocupação com o mercado terá que existir, que uma preocupação com algum distanciamento, o mercado não é uma deus nem o nosso objetivo últimos, temos outros.

GP: O QUE A SENHORA ACHA QUE FALTA NESSE PROCESSO? QUE SUGESTÕES TERIA PARA A MELHORIA?

AG: Me perturbou que as designações das formações de Portugal não tenha acompanhado a dos outros países europeus. Em Portugal, nos tínhamos, na antiga licenciatura, o grau que era o bacharelado, uma licenciatura tradicional tinha cinco ao fim do terceiro ano ou do quarto o aluno tinha o bacharelado. E havia uma distinção no mercado entre o bacharel e o licenciado, e, nos primeiros politécnicos, eles formavam bacharéis com formações mais curtas e os licenciados com formações mais longas. Foi nessa altura que as universidades perderam, os bacharelados passou a ser o grau dos politécnicos. Em Portugal, pelo Processo de Bolonha, se cometeu um erro que foi chamar licenciatura o processo dos três anos. Preferiria que os três anos tornar-se o bacharelado e que é um nome que tinha em Portugal e que não tinha conotações negativas, numa altura em que o ensino superior não tava massificado e que só pessoas de uma certa condição social podiam prosseguir nos estudos. O bacharelado era considerado um curso inferior, a licenciatura tinha conotações não muito positivas. Eu preferia que os três anos fosse chamado bacharelado como é na Inglaterra, como se chama na França. E que chamar de licenciatura um ciclo de três anos foi opção infeliz, uma vez que os três anos não conseguem competir de maneira nenhuma com os cursos de cinco anos. E, se chamasse bacharelado, estaria em linha com o restante dos países europeus de Bolonha, era para harmonização das qualificações, não estaríamos com essa sensação de está aquém, porque estaríamos a formar bacharéis e não estaríamos a dizer “não está tão bem como deveria não está”, tão bem como o licenciado estava os estudantes que saem daqui nos três anos seriam estudantes bacharéis. Então tenho que, nesta altura, tenha se optado por esta designação e que tenha haver com esta carga negativa e até com este estigma social que o bacharelado tinha em Portugal. Neste sentido, é compreensível, mas é uma pena porque neste sentido corresponderia melhor à realidade que nós temos. Então teria melhorado o Processo de Bolonha e a sua implantação porque não estaria tão frustrada a pensar “nossos licenciados não estão tão bem quanto deveriam”, pensaria “nossos bacharéis estão muito melhor que há vinte anos atrás”. Essa mobilidade eu não a vejo acontecer como seria desejável há muitos alunos que vão fazer erário, mas não temos experiências de fato de trocas por países europeus. Isto seria o grande aspecto positivo de Bolonha, o estudante poder circular por todo espaço europeu, e eu não vejo essa mobilidade, embora haja, não a vejo tão pujante como gostaria. E

não sei será assim tão fácil assim reconhecer os graus e os diplomas nos países europeus. Por exemplo, os espanhóis ficaram com as licenciaturas de quatro anos, ou seja, um licenciado em Portugal pode ter dificuldade em ter sua licenciatura reconhecida na Espanha, que é de quatro anos. Essa unificação universitária do espaço europeu está imperfeita, está inacabada e pode ser melhorada. Mas também isto é uma suspeita porque nunca tentei reconhecer nenhum curso na Espanha, mas acho que precisará de um aperfeiçoamento para ficar tão como faria parte do espírito do projeto.

2. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (UBI)

Entrevistado: Prof. Dr. João Canavilhas

Bloco 1 – Dinâmica de transformação das estratégias de formação académica

GP: DESDE QUANDO O SENHOR PERCEBEU ALGUM IMPACTO CAUSADO PELAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS SOBRE A DINÂMICA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NESTA INSTITUIÇÃO? COMO CARACTERIZARIA ESSE IMPACTO?

JC: Quando nós falamos de anos, é sempre complicado, o curso passou por várias reformulações. Começou por ter cinco anos, depois passou para quatro e, nessa altura, fecha uma reformulação, depois posteriormente, por causa de Bolonha, mudou para três anos e fecha uma nova reformulação. Mas logo na mudança de cinco para quatro anos, foram introduzidas algumas disciplinas específicas ligadas ao campo, sobretudo, do jornalismo na *web*. Já havia uma disciplina chamada Jornalismo *On-line*, posteriormente o nome foi mudado para *Webjornalismo*. Mas aquilo que se fez não foi tanto mudar as disciplinas, foi mais mudar os conteúdos das disciplinas e, ao longo dessas alterações, de forma gradual, foram sendo introduzidas disciplinas novas. Há dois anos, por exemplo, nós mudamos o currículo no mestrado e uma das cadeiras que foram introduzidas que já existiam na licenciatura no primeiro ciclo e que agora existe no segundo ciclo chama-se Ética. Embora elas tenham o mesmo nome, quase por um erro, quando estávamos a preencher um formulário, essa segunda Ética que nós temos no mestrado, deveria chamar-se Ética para os Novos Meios, porque aquilo que efetivamente se trata, por exemplo, é tudo aquilo que estão as éticas ligadas com a digitalização do setor. Por exemplo, a manipulação de imagens, a manipulação de sons, todos esses problemas são tratados no âmbito dessa disciplina. Então é algo que aparentemente, se alguém olhar de fora, acha que não houve grande alteração, que não há ali um conteúdo, mas na verdade ela tem conteúdo relacionado com os novos meios. E, portanto, por isso é que eu digo é complicado perceber que mudanças vão acontecer, pelo menos a partir de quando, porque elas acontecem fundamentalmente dentro das próprias disciplinas, elas são inteiradas nos currículos. Sei lá, Teorias da Comunicação foram as teorias que nós sim perdemos, mas provavelmente agora, com enfoque também na questão do digital, e, portanto, as matérias relacionadas ao digital foram sendo incorporadas nestas disciplinas da mesma forma que nas

disciplinas mais técnicas acontecia o mesmo. Ou seja, o Jornalismo Televisivo ou o Ateliê de Jornalismo continua a ter o mesmo nome de antes, nós trabalhávamos com que de VHS e hoje trabalhamos com câmeras digitais. E isso levantou um conjunto de questões que nós, portanto, temos que incorporar no próprio conteúdo da matéria.

GP: VOCÊ CARACTERIZARIA ESSE IMPACTO QUE TEVE AS NOVAS TECNOLOGIAS COMO POSITIVO, COMO PARTE DE UM PROCESSO NORMAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL?

JC: O impacto é positivo definitivamente. Por variadíssimas razões, o impacto é positivo. Agora é um processo normal de desenvolvimento, só que o que acontece é que, com essas tecnologias, esse processo é um processo de maturação muito mais rápido. Enquanto nas fases anteriores, nós assistíamos as novidades que apareciam de tempos em tempos, com a digitalização desde a fotografia digital, pois também com o vídeo digital, o som digital, a evolução foi toda ela muito rápida, como em paralelo com a digitalização do setor. Nós temos a verificar que a internet e a *web* têm tido um desenvolvimento muito rápido, nós estamos aqui perante uma revolução muito parecida ao que foi a revolução de Guttenberg. Ou seja, de repente surge aqui um conjunto enorme de variáveis que é preciso tratar, que é preciso inteirar, mas que é preciso também ter atenção num aspecto também que eu tenho dito, quando nós falamos em tecnologias digitais, pensamos muito nas tecnologias e pouco no *background*. Uma crítica vulgar em popular, pelo menos com os alunos dos cursos de Comunicação, é que os cursos são muito demasiado teóricos. Eu penso que isso é mais ou menos legal, que eles gostam das disciplinas mais práticas. E por quê? Porque, sendo mais instrumentais, uma pessoa tem uma aula de teoria e, mais ou menos no final da aula, não sabe exatamente o que aprendeu ou não tem noção do que aprendeu. Uma aula prática, se o professor lhe ensinar três menus num *software*, você sabe que, com aqueles três menus, consegue colocar um conteúdo dentro do computador e extrair de lá um produto noticioso. A partir dessa ideia que os alunos têm com o aparecimento das tecnologias digitais, o fato delas estarem cada vez mais acessíveis, ficou uma sensação que agora ia tudo ser muito mais fácil – “agora que entrei no próprio curso, como já sei editar vídeo, já sou repórter”. E ontem me chamava a atenção para esta questão que me parece importante, é o fato de nós termos este ensino mais instrumental não significa, portanto, que todo ensino teórico seja esquecido. Por exemplo, quando pensamos em termos de edição de imagem, há um conceito anterior que

vem do analógico, que não tem nada a ver, que é o conceito de recorte. Ou seja, nós editamos uma peça em uma determinada lógica de forma que ela conta uma história com princípio, meio e fim. Um aluno que domina perfeitamente um *software* de trás pra frente e de frente pra trás, mas que não sabe o que um recorte, nunca vai conseguir editar uma peça bem. O que significa que, para além desses conhecimentos mais instrumentais de manuseamento de *software*, vai ser necessário continuar a pensar à luz de todas as teorias que nós tínhamos antes, embora eventualmente com pequenas adaptações. O caso da ética que eu falei é mais um exemplo, nós ética já tínhamos, o que não tínhamos era uma ética debruçada sobre as questões digitais. Manipulação da fotografia, por exemplo, nem sequer é uma coisa nova, nós temos inúmeros exemplos ainda no tempo da fotografia analógica, em que sabemos que a pessoas que foram retiradas de algumas fotografias para que a história fosse contada à vontade de quem a queria contar, contudo é mais fácil editar ao gosto de qualquer pessoa este problema “agudizasse”. Portanto é importante à luz da ética, neste caso, da ética jornalística, estudar o que se pode fazer e não se pode fazer em uma fotografia, de forma a não estar a enganar os leitores. Portanto, há um conjunto de conhecimentos que são uma evolução muito rápida e concentrada dão uma importância aquecida, mas é preciso que nós pensemos que, apesar dessa rapidez, nós precisamos ir mais rápido e acompanhar todo o desenvolvimento tecnológico. É preciso olhar também pra base disso, ou seja, uma casa pode ter um bonito telhado, aparece um novo material, nós mudamos o telhado, mas, se as fundações forem más, a casa mais tarde ou mais cedo vai acabar por cair. Portanto, convém não nos afastarmos dos conceitos básicos, temos que ter a capacidade de fazer evoluir esses conceitos e essas teorias, do modo que eles possam responder também às questões que surgem resultantes do digital.

GP: PENSANDO UM POUCO NO CAMPO DO ENSINO, ESSAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS TIVERAM IMPACTO SOBRE AS PRÁTICAS DOCENTES? DE QUE TIPO ESSE IMPACTO FOI PERCEBIDO POR VOCÊ?

JC: O impacto é percebido de duas maneiras. Primeiro, pelo contato que os professores continuam a ter com as empresas e percebem que as rotinas dentro das empresas estão a ser alteradas e, portanto, compete à universidade preparar os estudantes também pra o mercado de trabalho. Qualquer professor deve saber o que está a acontecer nas empresas de forma a preparar os seus alunos para as empresas. Quer dizer, no fundo compete às universidades até fazerem o contrário, ou seja, puxar pelas empresas teoricamente, deveriam ser a

Universidades a indicarem o caminho para as empresas e depois fazerem a transferência desse conhecimento às empresas. Acontece que historicamente, pelo menos no campo do jornalismo em Portugal, o ensino sempre andou com passo, e as empresas e os profissionais com passos completamente diferentes. E, durante muito tempo, houve aqui um conflito entre a prática e o ensino. A partir do momento que começaram a parecer licenciados em Comunicação, que é um sinal muito recente em Portugal, é o final dos anos 70 que surgiu ensino universitário do Jornalismo em Portugal. A partir então dos anos 80, começam a entrar licenciados em Comunicação nas redações. Há um período inicial que continua a haver um conflito entre os licenciados e os jornalistas, que nós aqui chamamos de formados na “tarimba”. Ou seja, no dia a dia, há um conflito inicial em que uns dizem os outros pouco sabem, os jornalistas antigos dizem que os novos não sabem nada e os que saem licenciados dizem – “tá bem, mas nós sabemos coisas que vocês também não sabem”. Depois dessa fase inicial, passamos uma fase seguinte em que os licenciados começaram a ser mais aceitos nas redações. Em Portugal, para ser jornalista, não é preciso ser licenciado. É precisamos explicar isso para que possamos entender um pouquinho desse conflito. A partir de um certo momento, essas diferenças foram de abatendo, entretanto essas pessoas, nos primeiros anos, foram chegando ao cargo de direção e hoje já não se nota tanta diferença entre uns e outros nas empresas. De qualquer das formas, continua a acontecer o mesmo, ou seja, a universidade ainda não está a conseguir puxar pelas empresas neste campo da investigação. E eu tenho visto sempre o digital como uma oportunidade para isto acontecer e em vários pontos. Ou seja, para editar equipamentos quando uma empresa procura comprar equipamentos, isto é apenas um exemplo, por norma recebe um conjunto de vendedores para comprar equipamentos digitais. No caso, o que interessa, recebe uma série de vendedores e, no fundo, é confrontado com três ou quatro vendedores, tem uma trilha de argumentação e acabam sempre por comprar aquele que é melhor argumentação. Este seria um bom campo pra trabalhar com as universidades, onde as universidades seriam as primeiras a testar os equipamentos numa primeira fase e depois indicariam a essas empresas quais eram os equipamentos melhores. Mas também no campo da ética, como estávamos a dizer, era um bom campo de colaboração. O estudo daquilo que são os problemas éticos com que se confortam as empresas todos os dias pela velocidade como têm produzir a informação é um bom campo para a universidade estudar e dar de alguma forma diretivas. Em termos de linguagem de *web*, é a mesma coisa, as empresas não arriscam a provavelmente modelos que deveriam ser testados em protótipos nas universidades e, depois a partir daí, serem lançadas nas empresas. Portanto, há aqui um conjunto de atividades em que

as empresas e as universidades deveriam estar mais juntos, o que não acontece. O que acontece efetivamente é que as universidades olham para as empresas por um lado, procura saber o que é estão a fazer e conduz e prepara os seus alunos para essa resposta. E, paralelamente, depende já no professor, há uma observação atenta daquilo que vai pra lá nas empresas, daquilo que pode ser o futuro, daquilo que são os estudos que decorrem a nível internacional e que podem ser adaptados à realidade portuguesa e tenta adotar também os alunos com essas capacidades. No caso específico da Universidade da Beira Interior, foi sempre preocupação nossa andarmos uns passos à frente daquilo que é mercado. Quando nós começamos a falar em jornalismo *on-line*, falasse muito pouco nisso em Portugal, da mesma maneira que falamos agora para jornalismo telemóveis e falamos muito pouco hoje para telemóveis. Da nossa parte, sempre houve uma preocupação, não só neste campo do jornalismo, mas também da publicidade, de procurar andar uns passos à frente do mercado e ir, de alguma forma, antevendo aquilo que irá acontecer. O resultado dessa estratégia é que os nossos alunos têm tido muita aceitação, e as empresas vêm ter conosco à procura de alunos nossos. E acontece muito das empresas perguntarem se há alunos nossos disponíveis, diferentemente hoje não temos alunos disponíveis, porque estão todos colocados por terem um conjunto de valências que não é comum encontrar-se em alunos saídos dessa área, por uma formação teórica consistente que foi nossa preocupação desde o início. O curso nasce do departamento de sociologia e tem um grande peso, quer da sociologia e quer da filosofia, que mais tarde evoluiu para Ciências da Comunicação. Portanto tem um núcleo forte ligado a Ciências da Comunicação e tem também um núcleo muito forte de preparação para o mercado de trabalho, com estes três passos à frente do mercado de trabalho. E este equilíbrio entre a teoria, a prática e a divisão que tem feito com que a aceitação dos alunos seja grande.

GP: O ALCANCE DISSO ENTRE OS PROFESSORES, VOCÊ PODERIA ME DIZER SE FOI MAIORIA, QUASE TODOS OU MINORIA? HOUVE RESISTÊNCIA A ESSE MODELO QUE VOCÊ ACABOU DE EXPRESSAR, NA FORMA DE TRABALHAR EM SALA DE AULA?

JC: Essa é uma pergunta mais complicada, porque, na verdade, enfim não tenho contato com alguns dos meus colegas, mas não, não presencio as aulas deles, tanto o que eu sei é um pouco por aquilo que os alunos vão dizer. E eu diria que, da mesma forma que temos estes dois grandes grupos, vamos dizer assim esses dois blocos de informação, uma corrente mas teórica

e uma corrente mais prática, provavelmente a utilização desses conceitos e destas tecnologias em tudo isso estará também dividida em dois grandes blocos. Sendo que o bloco mais ligado à teórica incorpora já muita informação deste gênero, se não utiliza, não é por recusa de utilizar, é por considerar que são disciplinas que, pelas suas características, não precisam deste tipo de abordagem eventualmente.

GP: PENSADO AGORA UM POUCO SOBRE O CURRÍCULO E SOBRE O IMPACTO DESSAS TECNOLOGIAS, VOCÊ PODE FALAR UM POUCO SOBRE COMO É QUE SE DEU A INTRODUÇÃO DESSAS DISCIPLINAS ASSOCIADAS ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CURSO DE COMUNICAÇÃO DA BEIRA INTERIOR? FOI UMA REFORMA, FOI UMA MUDANÇA TOTAL?

JC: Como eu disse há pouco, a introdução de disciplinas foi sendo gradual e resultou de várias alterações que nós tivemos de fazer, porque, no caso de Bolonha, foi uma imposição, digamos assim, e, nos casos anteriores, foi o envolvimento dos cursos de Comunicação que passaram de cinco para quatro anos. Cada uma dessas oportunidades, nós aproveitamos para tirar algumas disciplinas e colocar outras. Como eu disse, não houve tanta preocupação em colocar disciplina e sim conteúdo nas disciplinas. Objetivamente até houve disciplinas que nós poderíamos considerar tecnológica que desapareceram, por exemplo, Introdução à Informática, que era uma cadeira que havia e foi uma das que saiu não por haver aversão à tecnologia, mas porque nós consideramos que, a partir de determinado momento, eles já chegam com o básico, digamos assim, da informática. Hoje logo desde o ensino básico, eles já recebem computador em Portugal no princípio de Magalhães, o que faz com que eles comecem a ter alguma rotina em informática. E depois, ao longo do curso, há uma série de programas que lhes facilita o acesso a tecnologias e um conjunto de disciplinas que se chama TIC e coisas do gênero, que faz com que eles tenham conhecimentos básicos. E, portanto, nós achamos por bem tirar essas disciplinas mais básicas de utilização de *software* mais vulgar e nos concentrar em *software* mais específicos para a área deles. Como digo, mais do que colocar disciplinas novas, a nossa opção foi colocar conteúdos novos nas disciplinas que já existiam.

GP: COMO É QUE VOCÊS FAZEM ACOMPANHAMENTO DESSAS DISCIPLINAS PRA NÃO HAVER CHOQUE ENTRE OS DOCENTES? PELO QUE VOCÊ ME FALOU E

QUE EU JÁ PERCEBI, AS LINHAS TEÓRICAS SÃO MUITOS PRÓXIMAS, OS AUTORES SÃO MUITOS PRÓXIMOS TAMBÉM. COMO É QUE VOCÊS EVITAM REPETIÇÃO DO MESMO CONTEÚDO?

JC: Esse é um problema com que nós já nos deparamos algumas vezes, eu pelo mesmo já me dei conta disso. E agora falo pelo mestrado em Jornalismo, que o curso que sou Diretor e agora tenho mais conhecimento. Na conversa com os alunos vulgarmente no final do ano, eu peço alguns deles que me digam o que é que acharam do curso, o que é que aconteceu, e eu verifiquei que havia algumas disciplinas que havia repetição de algumas matérias. Como dizem bem, nós trabalhamos no mesmo laboratório, as linhas de investigação são próximas, é natural que partilhemos alguns autores e também é natural que, como cada um trabalha a investigação nessa área, acaba por transpor estes conhecimentos para aula e haja aqui algumas zonas em comum. Não é muito preocupante quando são apenas algumas partes em comum, porque serve justamente para mostrar aos alunos que esta é uma determinada área que, apesar de serem disciplinas diferentes e por vezes áreas diferentes, há autores comuns, é por isso que é chamada de Ciências da Comunicação e não apenas Ciência da Comunicação. Agora reparei que, nalgumas situações, que, em algumas situações, havia repetição não só de autores, mas de obras e, portanto, o que tem sido feito é nos reunirmos com regularidade a comissão de curso do mestrado. E, no final de cada ano, faço uma compilação daquilo que os alunos dizem daquilo que poderia ser alterado e, nessas reuniões, é transmitido aos colegas que estão dentro desta matéria “é assim e assim aqui muito uma parte muito significativa em comum com a cadeira x fala lá e vê de forma podem anular essa coincidência”, porque os alunos já repararam que falaram duas vezes no mesmo. Portanto, a partir dessas reuniões, nós vamos, digamos, aperfeiçoando o sistema de forma que continuemos a ter algumas zonas comum e que essas zonas comuns não sejam meia disciplina.

GP: NO BRASIL A GENTE TEM UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA QUE FAZ PARTE DO PROCESSO DE CAPACITAÇÃO AO DOCENTE. AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS TAMBÉM TIVERAM UM IMPACTO IMPORTANTE SOBRE A CAPACITAÇÃO DOS DOCENTES DA BEIRA, ESPECIALMENTE NO CURSO DE COMUNICAÇÃO? EXISTE UM PROGRAMA ESPECÍFICO OU É AUTOCAPACITAÇÃO? O PROFESSOR PROCURA, DE ACORDO COM O SEU INTERESSE, SE CAPACITAR?

JC: Em princípio, é o próprio professor que procura manter-se atualizado em termos de novidade. A universidade oferece alguma formação aos docentes, não especificamente na área da comunicação, mas coisas mais gerais na área das novas tecnologias, na área dos novos meios, na área do *e-learning*. Ou seja, oferece formação não específica na área que nós depois, de alguma forma, tentamos adaptar. O que fazemos é para além dessa procura de novidades em termos de, enfim, na nossa área é, através do Labcom e através das várias linhas de investigação, manter um programa anual de conferências e *workshop*, que nos permite convidar um conjunto de pessoas que, de certa forma, também nos trazem também aquilo que seria novidade, às quais nos podíamos ter tido acesso através da internet. Mas estamos interessados em ter um acesso direto, falando com especialista. Então, ao longo de todo ano, a razão de uma a duas conferências/*workshop* por mês existem atividade que nos permite fazer este *upgreat*, em termo de informação.

GP: ESSA TROCA ACONTECE TAMBÉM ENTRE OS DOCENTES? OS PRÓPRIOS PROFESSORES PARTICIPAM SENDO PALESTRANTES?

JC: Sim, por norma, em todas as atividades que nós desenvolvemos, há um de convidados e há um conjunto de professores da casa que porventura estas ocasiões justamente para colocar ao dispor dos colegas não só a sua investigação, mas para receber da parte deles algum apoio, algum tipo de questões que eventualmente ele não tinha pensado e que abre novas portas de investigação. E, portanto, estas iniciativas participam todos e, pois claro, a normal participação de professores em congressos nacionais e internacionais acontece o mesmo, nós levamos os nossos projetos e as nossas ideias e de onde trazemos também novas ideias de investigação, novas parcerias, novos projetos internacionais nos quais estamos envolvidos. E, neste fluxo de informação, que nós vamos atualizando nossos conhecimentos.

GP: VOCÊ PERCEBE NA INSTITUIÇÃO DO CURSO A PRÁTICA DE CONVERGÊNCIA NA FORMA COMO AS DISCIPLINAS SÃO TRABALHADAS?

JC: Convergência em que sentido?

GP: CONTEÚDOS, TECNOLOGIAS, PERCEPÇÕES, DESEJOS TAMBÉM.

JC: Não, como eu digo, há sempre as decisões em grupo, mantém-se sempre um grupo com as disciplinas tradicionais da Comunicação e grupo das disciplinas não diria que são novas, são mais técnicas e mais específicas do curso. Ou seja, temos a disciplina de banda larga em semiótica, por exemplo, que é comum a todas as áreas, e temos de banda estreita, por exemplo, como é relações públicas e como é jornalismo. É evidente que aqui há perspectivas diferentes porque são disciplinas com algumas diferenças, há realmente uma tentativa de encontrarmos sempre uma zona comum que nos sintamos todos confortáveis. Como é evidente que quem trabalha mais as áreas técnicas não consegue produzir investigação sem recorrer aos conteúdos teóricos. E, hoje em dia, pelos padrões mais anglo-saxónico de investigação, que existe parte empírica que está a trabalhar mais as teorias, também não consegue publicar ou investigar se não tiver uma parte empírica. Portanto diria que nós vamos encontrar aqui um solo comum, em que ambos participam, e alguns acabam por apreender alguma coisa com o colega que está no outro grupo. E, neste sentido, diríamos que sim que uma convergência de interesse, há uma convergência de expectativas, porque, no fundo, quando alguém tá a desenvolver algum determinado modelo, tá sempre na expectativa de que esse determinado modelo tenha alguma fundamentação teórica. O que quase sempre acontece da mesma forma que quando alguém está a trabalhar a teoria, está sempre na expectativa que há sempre um conjunto de dados que confirma aquilo que é sua teoria, às vezes até em áreas muito diferentes. Outro dia estava numa conferência que falava sobre modelo de negócio para jornalismo na *web*, tudo que é jornalismo *web* teria que usar plataforma *web* não como meio. Mas por outra forma estavam um engenheiro que estava a fazer uma conferência, dizia ele que estava desconfortável porque era um congresso de Comunicação e ele estava ali como engenheiro para apresentar algo bruto que tinha como finalidade distribuir o bolo das receitas por todos os elementos que participam no processo de comunicação. Ele dizia – “muito bem, a empresa que produz uma notícia vai receber X, agora essa notícia é publicada em redes sociais e, portanto, quem divulga a notícia em redes sociais está a gerar mais tráfego para a notícia e, portanto, também deve receber alguma parte. E, se cada uma dessas pessoas têm cinquenta amigos e os cinquenta amigos também divulgarem que está aqui atrás, deve receber ainda mais”. Ou seja, ele estava a tentar explicar como é que o modelo ia funcionar, como é que iam criar o algoritmo. E eu estava a ouvir e, no fim da conversa, disse “tu és engenheiro, mas somos da comunicação e já temos modelos que explicam isso”. O *two step flow* no fundo acaba por explicar isso mesmo, ou seja, há uma série de líderes que recebem a mensagem e

são eles pois a distribuir. Se olharmos para isso por critérios cognicistas e olharmos à luz das teorias da comunicação, o princípio é exatamente o mesmo. Portanto o colega estava muito contente por descobrir de repente que dez engenheiros de não sei quantos países estavam a trabalhar isso à luz das teorias da comunicação. A parte boa é que, como resultado dessa conversa, vou parte desse grupo de investigação e nunca lhes tinha passado pela cabeça que alguém de comunicação fizesse falta. O modelo que está a ser desenvolvido unicamente por engenheiros, um grupo que envolve os seguidores do MIT, a partir do próximo congresso que vai ser em Las Vegas em princípio, vai passar a contar também com uma pessoa de comunicação, que vai, de alguma forma tentar contextualizar o modelo deles em termos de ciência da comunicação. Portanto, este é um exemplo de como áreas tão diferentes como essas encontram áreas comuns, mal seria que, dentro do mesmo curso e dentro da mesma área, pessoas que dão matérias diferentes não encontrassem também algo em comum.

Bloco 2 – Processos formativos

GP: PENSANDO NO PROCESSO FORMATIVO AQUI NA UNIVERSIDADE E NO CURSO, O QUE DIFERENCIARIA ESTE CURSO E ESTA INSTITUIÇÃO DE OUTRAS NO PAÍS?

JC: Eu acho que o que faz a grande diferença é esse equilíbrio que nós encontramos entre a componente forte das Ciências da Comunicação e componentes fortes de práticas ligadas a novas tecnologias. O mais habitual é encontrar essas formações com algum desequilíbrio. Quando as duas áreas existam sempre com algum desequilíbrio entre uma e outra ou bem, porque são escolas que nasceram no seio de uma faculdade mais de Letra ou de Filosofia e por ali ficaram sempre, ou seja, tem uma fraca componente de novas tecnologias e de prática, ou bem porque nasceram no seio de instituições muito ligadas às tecnologias e falha depois nessa parte teórica ligada às Ciências da Comunicação. Eu acho que a diferença que nós temos em relação às outras universidades é ter encontrado um ponto de equilíbrio. E, quando digo em relação às outras, não digo em relação a todas, digo em relação a algumas delas, o que aliás se reflete até na avaliação que foi feita há alguns anos. Aquilo que a comissão dizia era isso mesmo, tínhamos encontrado aqui uma boa base teórica no campo das Ciências da Comunicação. E, em cima dessa base, conseguimos construir uma casa que procura responder

àquilo que são as novidades neste campo, sem nunca deixar de ver aquilo que são os fundamentos das Ciências da Comunicação. Como é que isso se reflete nos alunos? Bem, reflete no imediato, nas empresas, no fato deles chegarem aos locais, serem muito autônomos e comecem imediatamente a produzir contrariamente ao que seria de esperar de um aluno de formação mais teórica, que depois não sabe trabalhar com as ferramentas que colocam à sua disposição, e por outro lado sustentar aquilo que é a sua produção nos conceitos teóricos que vemos que, na aquilo que acontece a todos os outros que têm a formação muito prática e depois têm aquela dificuldade que agora falamos há pouco, de não saber o que é um *Hardcore* e evidentemente ter alguma dificuldade em fazer edição, executa o trabalho, mas não com primor, mas não com as características desejáveis para um trabalho daquela qualidade. Portanto, eu penso que a nossa grande vantagem é essa preparar alunos com uma forte componente teórica, com uma forte componente prática e com muita autonomia, que é algo que nós os preparamos aqui. Desde o início, eles têm os equipamentos, levam os equipamentos para rua, fazem o seu trabalho, funcionam como se fossem um ambiente de redação no campo do jornalismo, funcionam como se fossem uma empresa no campo das relações públicas e da publicidade. Essa autonomia, que é central, é muito bem vista nas empresas. As empresas não querem receber um estagiário ou novo elemento que seja menos uma pessoa, porque é ele que não produz, e é o jornalista ou o publicitário que não está a ajudar que deixar de produzir. E, portanto, essa autonomia que eles têm, essa capacidade de fazer, por mais que errem, podem errar, mas voltam a fazer e podem errar, mas voltam a fazer. Todo este tempo que eles erram e acertam é um tempo de aprendizagem que é valorizado nas empresas.

GP: PENSANDO NA PESQUISA E NA INVESTIGAÇÃO E O QUE EXISTIA ANTES DA INCLUSÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS, HOVE MODIFICAÇÃO NESTAS PRÁTICAS?

JC: Houve alguma modificação porque, com o aparecimento do Labcom, podemos até recuar à origem do curso. Formou-se, como eu disse, no departamento de sociologia, e comunicação, portanto, tem essa base mais sociológica. A partir de um determinado momento, nós percebemos que deveríamos encontrar aqui um fator de diferenciação, não poderíamos lutar contra as faculdades mais antigas e mais tradicionais que já tinham campos de investigação perfeitamente no mercado, e tínhamos que encontrar aqui uma forma ou de fazer diferente o

que eles já faziam, ou fazer uma coisa completamente nova. Desde o início, nós apostamos numa investigação mais ligada a esta linha do digital. Por isso o Labcom está fundamentalmente ligado em tudo o que é digital, desde o jornalismo digital, a retórica digital, a ética no digital, a persuasão pelos meios digitais. Toda a nossa investigação está muito virada para o campo digital. Foi uma opção quase do início, portanto não podemos dizer aqui que houve uma mudança, houve nos primeiros anos que o objetivo foi estabilizar o curso que andávamos à procura pra ver qual seria o modelo. A partir do momento que esse modelo de ensino está preparado, damos um salto para a investigação que se fazia de forma individual. Não podemos olhar pra ela da mesma forma que olhamos agora, porque cada professor fazia aquilo que era sua área de interesse. A partir do momento que aparece o Labcom, passamos a ter um objetivo comum e, portanto, não houve mudança, houve sim, desde início, uma aposta no digital, nas suas várias vertentes. É isso que aliás mantemos até hoje e, portanto, eu não diria que houve mudança.

GP: PENSANDO UM POUCO NA RELAÇÃO ENTRE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO E GRADUAÇÃO E, NO CASO AQUI EM PORTUGAL (LICENCIATURA), SÃO PROCESSOS COMPLEMENTARES OU SÃO SEPARADOS REALMENTE E NÃO SE COMUNICAM?

JC: Digamos que, em Portugal, há umas bolsas para jovens investigadores que são justamente para integrar os alunos nos laboratórios de investigação, mas duas a três bolsas têm um valor extremamente baixo só para os alunos começarem nas investigações. No nosso caso, a investigação funciona mais a nível do mestrado e do doutoramento. A licenciatura hoje em dia é de três anos, é um período muito curto. O primeiro ano é de adaptação dos alunos. No segundo, eles já percebem um pouco o funcionamento da universidade, começam a dar-se conta daquilo que é. Daí entramos no terceiro ano e eventualmente poderíamos falar neste campo da investigação, só quando chegamos ao terceiro ano, os alunos estão fundamentalmente preocupados em encarar o seu curso. E, portanto, não será este tempo disponível para aquilo que é a investigação. Daí porque nós fazemos mais este trabalho ao nível do segundo ciclo e terceiro ciclo. Isso não impede que esporadicamente, o meio investigatório é uma porta aberta, isso não impede que esporadicamente os alunos não venha ter conosco, não peçam pra entrar nos projetos de investigação e não acabem por entrar nos projetos de investigação. Mas digamos que aqui é um bocadinho, ao contrário não é tanto o

Labcom que vai atrás de alunos que participem, são mais os alunos que, olhando pra sua disponibilidade temporal, dizem – “ok, eu consigo aqui arranjar um período em que vou investigar e colaborar com o Labcom”. Portanto, a investigação está muito concentrada no segundo e no terceiro ciclos. Onde o estudante do primeiro ciclo toma contato com a nossa investigação é fundamentalmente nas conferências e nas aulas nomeadamente dos professores que entregam os resultados das suas investigações, dentro do próprio ensino. E voltamos ao que dizia no início, todos os professores que procuram andar um pouquinho à frente em termo de investigação, esse trabalho, a maneira de divulgar acaba sendo nas próprias aulas e os congressos, dessa maneira tentando de alguma forma que essa investigação passe então para os estudantes. Mas, como digo, aí já são processo mais individuais, digamos assim, que, muitas vezes, sobretudo nas cadeiras novas, especificamente no *webjornalismo*, meio do ano parte da matéria que nós vamos dar agora resulta de investigação e que, portanto, a validade que tem não é exatamente a mesma de outra matéria que nós demos que está perfeitamente estável, perfeitamente cimentada, perfeitamente discutida entre os investigadores. É mais matéria nova que resultou de investigação recente e que obviamente elas sejam livres de discutir, de propor, de perguntar, porque isso até vai ajudar a repensar algumas destas questões. Por exemplo, da teoria da pirâmide deitada, que é uma coisa que eu produzi e que é muito discutida com eles nas aulas pra ver até que ponto eles, como consumidores e não como alunos, percebem que aquela nova técnica de redação tem ou não faz ou não faz algum sentido no meio para o qual foi pensada, neste caso para o jornalismo *web*.

Bloco 3 – Impacto dos processos macro de ajustes educacionais/jurídicos

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DA FORMAÇÃO EM GRADUAÇÃO/LICENCIATURA? HOUVE TRANSFORMAÇÃO NOS PROCESSOS OU APENAS FICOU NO CAMPO DISCURSIVO?

JC: Eu diria que, até o momento, não mudou grande coisa. O que mudou foi que passamos de quatro pra três anos, portanto tivemos que suprimir mais um conjunto de disciplinas. Apesar de nós já estarmos em Bolonha há alguns anos, só este ano é que verdadeiramente se começou no primeiro ano a implementar Bolonha. Ou seja, já havia algumas [atividades] antes de

Bolonha, já havia alguns dos princípios que Bolonha preconiza, ou seja, os alunos trabalhem sozinhos, os professores dão problemas, e os alunos vão procurar soluções para este problema. Bem, isso não foi Bolonha que nos trouxe, nós, em algumas disciplinas, já tínhamos isso. E, se pensarmos no campo do jornalismo, isso é o que acontece, ou seja, nos reunimos, temos uma agenda, uma pauta, e os alunos vão pra rua e deparam-se com todos os problemas que vão captar, som e a vento, que o entrevistado não quer dar entrevista. Portanto, deparam-se com um conjunto de problemas que vão tentar resolver e depois, quando voltam, falam com o professor, explicam como resolveram, e eles vão evoluindo e discutindo se o problema foi mal resolvido. Neste aspecto, Bolonha não trouxe novidade nenhuma, porque nós já tínhamos este sistema. Agora como aplicação pós-Bolonha, como implementação a partir do processo, é que no primeiro ano se começou a implementar esse processo e porque, porque isto implicava fazer algumas alterações estruturais. Por exemplo, era necessário que houvesse sítios específicos com determinadas características para que os alunos possam fazer os seus trabalho sozinhos. Estão neste momento a ser preparadas um conjunto de salas para que eles possam fazer os seus trabalhos, porque achou que a Biblioteca não seria um bom sítio, a biblioteca não é um sítio onde os alunos possam discutir em voz alta o problema que estão a estudar naquele momento. Portanto, está a ser preparada uma sala com meios audiovisuais que lhes permita em grupo fazer esse tipo de discussão. Por outro lado, também é impossível implementar Bolonha dentro do modelo que se preconiza quando se tem turma de sessenta alunos, setenta alunos, oitenta alunos. Como é que pode haver mais proximidade entre professor e alunos se a aula tem três horas e a setenta alunos na aula? Portanto, foi necessário também partir a turma em grupos mais pequenos e, para isso, foi preciso também, em algumas situações, contratar mais professores. Mas, como há dificuldades econômicas que nós conhecemos na maioria dos casos, a turma foi partida e professor acumulou mais horas com essas disciplinas. E, portanto, nós estamos neste momento a implementar este processo, este é o primeiro ano que nós aplicamos ao primeiro ano. No próximo ano, será ao segundo e, no próximo, ao terceiro. Isto significa que só daqui a três anos é que poderemos dizer o que é que aconteceu, ou quais são as consequências práticas da implementação plena do Processo de Bolonha. Pra já, como eu disse ao início, não grandes alterações porque algumas coisas estamos a fazer no primeiro ano eram coisas que nós já fazíamos que algumas disciplinas específicas, mas veremos o que acontece daqui a três anos.

GP: POR QUE VOCÊ ACHA QUE DEMOROU TANTO?

JC: Demora tanto...

GP: BOLONHA É DE 97.

JC: Sim, não sei exatamente qual é o ano. A nossa implementação aqui na Universidade, aliás Espanha só agora que está a implementar, nós implementamos na nossa faculdade, porque também houve processos diferentes, e implementamos de uma vez só há cerca de quatro ou cinco anos, não tenho presente exatamente quando foi. Mas é a partir dessa altura que começa a ser aplicado em todo país, sendo que alguns, eu penso, que quase todos os cursos estão adaptados a Bolonha. Eu digo que a países como Espanha que só agora estão aplicar o primeiro ano em Bolonha. Atrasou-se muito porque, na verdade, porque as pessoas não perceberam muito bem o conceito, ou seja, eu diria que é um conceito que acaba por ser importado dos países nórdicos, que eventualmente funciona com uma determinada mentalidade e que poderá não funcionar nos países do sul, que tem uma mentalidade diferente, há um ensino diferente, as dificuldades advir daí. Percebeu-se exatamente o que era pra fazer. Agora o que acontece é que não foram disponibilizados imediatamente os recursos necessário pra isso. E, portanto, fala-se em passamos a ter turma de quinze, dezesseis, dezessete, dezoito alunos e, na verdade, o que acontece é que continuamos a ter turmas de quarenta, sessenta, oitenta alunos. Ou seja, é humanamente impossível com o mesmo de horas, com o mesmo número de professores, com o mesmo número de alunos passar a ter um sistema de ensino mais individualizado. O tempo não é elástico e, portanto, é completamente impossível. A partir do momento que tentamos a implementar esse processo, eventualmente conseguiremos chegar a esse ensino de maior proximidade. Agora, eu terei sempre as minhas dúvidas, porque, na verdade, não basta haver vontade da parte dos professores pra implementar o processo, é preciso também que haja da parte dos alunos vontade de entrar nesse processo. E isso, digo às vezes, depende muito das mentalidades dos povos, e parece-me que a nível sul do mediterrâneo não tem exatamente a mesma mentalidade dos países do norte. E isso irá colocar algumas dificuldades na implementação do processo que é tipicamente de país nórdico.

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DA FORMAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO/PESQUISA? HÁ UMA RELAÇÃO CLARA DE CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO PROPÍCIO PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL-PROFISSIONAL?

JC: Não, nesse caso Bolonha não tem uma influência direta não. Na forma como pesquisamos, há outros fatores de influência, na forma como nós pesquisamos, há outros fatores que têm influência nomeadamente esta recente implementação do regime de avaliação dos docentes, que é uma coisa muito recente, que está sendo implementada neste momento. Este regime de avaliação é feito de acordo com um regime de critérios que foram definidos. Um dos critérios ou uma das partes que é avaliada tem haver com a investigação e, dentro do critério de avaliação, tem algum especificamente tem haver com publicações. E aí sim, porque as publicações que são pedidas são publicações onde a máxima classificação é obtida quando nós falamos de publicações “ISI”. E, para conseguir publicar neste tipo de revista, com estes índices de impacto, é preciso obedecer a um determinado padrão, que é um padrão mais anglo-saxônico, que é aquilo que vimos há pouco, a esmagadora maioria do trabalho que é feito é feito com estudos empíricos. E isso é claro nos obrigar a alterar o nosso padrão de investigação, porque quem fizer essa investigação exploratória, investigação básica, e quem fizesse esse tipo de trabalho da forma que vamos ser avaliados. Agora toda gente terá tendência para este tipo de investigação, neste modelo, porque é a única forma de ter a revista “ISI” é a forma de publicar nestas revistas, que vão os tais pontos, que vão permitir progredir na carreira. Portanto, mais do que Bolonha, a nova avaliação veio moldar a forma como nós investigamos.

GP: É MAIS MOTIVANTE, NÉ?

JC: É mais uma obrigação.

GP: PENSANDO NA LICENCIATURA E NA PESQUISA, BOLONHA TROUXE ALGUMA DIFERENÇA NA FORMA COMO OS ALUNOS PARTICIPAM, POR QUE OS ALUNOS ANTES NÃO PARTICIPAVAM, CONTINUAM NÃO PARTICIPANDO?

JC: Sim, pronto. Este é um processo que nós temos a implementar no primeiro ano. Aquilo que eu dizia há pouco dos alunos terem um sítio próprio deles, vão trabalhar em grupo, é tal tentativa de que eles também investiguem já se fazia isso nalgumas disciplinas. Quero “dizer na próxima aula nós vamos estudar texto X, portanto vocês vão ler este texto assim e assim” e nós vamos discuti-lo. Bom, não sei como é que acontece com os meus colegas, alguns já me disseram que nem sempre as coisas correm bem. Eu fiz isso uma vez e não correu efetivamente nada bem, eu percebi que, de toda a turma, eventualmente cinco ou seis pessoas teriam feito uma leitura do texto, outros puro e simplesmente leram as folhas, as páginas que tinham, foram muito poucos que confrontaram aqueles autores com outro que anotaram que tinham para dizer. Portanto, este é o “estudial” que eu conheço esses casos e que alguns colegas relatam neste caso. Estamos a estudar este novo modelo que já não é individual, mas eventualmente do estudo em pequenos grupos, de forma que eles façam esta investigação, há mais cabeças a pensar, há mais contributos, eventualmente há mais competição e talvez, neste tipo de trabalho, consigamos então que haja mais investigação da parte deles, e aí sim será um contributo do Processo de Bolonha. Mas isso vamos ter que esperar até a implementação.

GP: VOCÊ JÁ FALOU UM POUCO SOBRE ESSA QUESTÃO NO CAMPO DOS CURRÍCULOS, MAS PÓS-BOLONHA O REDESENHO FOI CLARO? HOUVE UMA REDEFINIÇÃO DE OBJETIVOS, EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS OU FORAM PEQUENOS AJUSTES PARA SE ADEQUAREM À DEMANDA DA DIMINUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA?

JC: Foi mais uma adaptação eu diria. Como eu disse, nós, ao longo do tempo, sempre tentamos foi introduzir as novas matérias e adaptar os currículos e não as cadeiras, ou melhor, os conteúdos das cadeiras e não os planos de estudo. Portanto, na passagem pra Bolonha, o que nós fizemos foi suprimir algumas disciplinas e, nalguns casos, como considerávamos que eram disciplinas importantes, mas que deixavam de ter um lugar no currículo, procuramos que parte dessa matéria fosse incorporada noutra disciplina. Eu diria que, na supressão de cadeiras, houve a tentativa de colocar matérias importantes nas cadeiras que ficaram e eventualmente expurgar algumas repetições que roubavam dele tempo.

GP: VOCÊ TAMBÉM JÁ FEZ UMA PEQUENA AVALIAÇÃO SOBRE BOLONHA, MAS QUAIS SERIAM OS OUTROS EFEITOS QUE BOLONHA TEVE OU TERÁ SOBRE O CURSO DE JORNALISMO DAQUI DA BEIRA?

JC: Bem, como eu digo, não sei se no caso do curso de jornalismo terá grandes efeitos, pois, como digo, nestas disciplinas específicas nós já tínhamos, posso falar mais pelo mestrado até. Nas disciplinas específicas, nós já usávamos o esquema do trabalho individual, nas disciplinas teóricas, é que não era feito um trabalho exatamente desta forma, com ângulo na pesquisa. Exatamente aí terá algum efeito pelo que eu tenho me dado conta, até pelas conversas que eu tenho visto dos alunos pelo *Facebook*. Ainda ontem dizia que estava a fritar, já tem a cabeça quase frita, eu percebi que estava a fazer um trabalho pra uma cadeira que é uma cadeira teórica, é uma cadeira muito teórica e, portanto, eu percebi que aquele professor já enveredou para esse caminho. Ou seja, já apresentou um conjunto de conceitos e, a partir daí, colocou os alunos a fazer trabalhos sobre esses conceitos. Eu diria que, neste aspecto, nalgumas disciplinas numas, já acontecia, noutras está a acontecer esse processo de mudança de colocar mais responsabilidade de investigação sobre o aluno. É como digo talvez ainda seja cedo pra dizer se é bom ou mau.

GP: PENSANDO NAS MUDANÇAS CURRICULARES QUE FIZERAM, VOCÊ PERCEBE UMA MELHOR FORMAÇÃO AGORA OU AINDA NO MODELO ANTERIOR, QUE TALVEZ A FORMAÇÃO NA LICENCIATURA TENHA DEIXADO A DESEJAR?

JC: Não tem haver com modelo, tem haver com tempo. Quando suprimimos disciplinas, suprimimos algumas, tentamos que os conteúdos mais importantes fossem incorporados noutros. Portanto, em termo de matéria, digamos assim, a diferença talvez não seja tão grande, só que é dada mais rapidamente e com menos profundidade porque temos menos tempo. Se eu pensar então no campo específico do jornalismo, acho que a redução foi negativa, porque o jornalismo é uma profissão que, para além dos conhecimentos, exige maturidade. Se nós pensarmos que um aluno entra com seus dezessete anos, no fim de três anos, tem vinte anos e vai para o terreno, parece-me que ainda é muito jovem pra começar a trabalhar. Não é porque seja uma profissão complicada, mas é uma profissão que depende de um conjunto de conhecimentos que se vão adquirindo também ao longo da vida. Uma entrevista é sempre uma

entrevista, mas entrevistar um político é uma experiência que não depende de mais ou menos conhecimento, tem que ter mais ou menos experiência. E, neste aspecto, penso que mudou eles ter menos tempo, portanto eles têm menos tempo de maturação e, portanto, eles aqui ficavam quatro anos, a matéria era dada de uma forma mais lenta, era possível pensar mais os temas, refletir mais sobre os temas. Agora, como é tudo mais rápido, há um conjunto de matéria de história às vezes que nós trazíamos para a própria matéria para exemplificar os casos que agora não temos tempo, o que fazem com que eles não tomem contacto com essas realidades e, por vezes, quando se cruza com elas na rua, não conseguem interpretar, porque nunca haviam ouvido falar daquilo. Eu penso que não tem tanto haver aquilo que piorou pra já, não tem haver com a mudança, o que esperamos é que a mudança compense o ano que se perdeu. Eu tenho dúvida, por isso ter haver com o próprio processo de maturidade de um jovem. Portanto, esse processo não pode ser acelerado, decorre daqueles *timing* preestabelecidos, ele confronta-se com obstáculos diferentes a cada momento da sua vida. E, ao encurtamos esse período, eventualmente ele não está a tropeçar nalguns obstáculos como estudante em que ele irá tropeçar enquanto profissional que pode ser um problema pra ele.

GP: EM CONVERSA COM ALGUNS COLEGAS AQUI DO DEPARTAMENTO, ELES FALARAM QUE O MODELO QUE VOCÊS TINHAM ANTES ERA QUATRO ANOS DE GRADUAÇÃO, MAIS DOIS E MEIO OU TRÊS DE MESTRADO, MAIS OU MENOS ISTO.

JC: Desde o princípio, o modelo era este de cinco anos, primeiro modelo, quatro anos e meio de aulas e meio ano de estágio, mais dois de mestrado, sendo o mestrado um ano de aula e um ano de palestra e apresentação. Depois evoluímos para o modelo de quatro mais dois, quatro anos de aula, ou seja, desapareceu o estágio e desapareceu o primeiro semestre do quinto ano, e dois de mestrado no mesmo modelo, um ano de sala de aula e o segundo ano de dissertação. Atualmente, estamos no modelo de três anos de formação básica, primeiro ciclo, mais dois anos de mestrado, sendo que o primeiro continua a ser formação, em sala de aula, e o segundo pra dissertação. Ou seja, no fundo, ao longo desses anos, nós passamos de cinco mais dois para três mais dois, e é eventualmente só no caso da Comunicação, há outros casos onde isso acontece. Por exemplo, nas engenharias, na psicologia, os mestrados na arquitetura são integrado, embora tenham nomes diferentes, os alunos continuam a fazer a carreira. São menos anos de qualquer maneira, mas garantia de ter uma profissão é fazer os cinco anos. No

nosso caso, para ascender a profissão, não necessita licenciatura no curso normal. No final de três anos, eles podem ir para o mercado de trabalho.

GP: PENSANDO DO PONTO DE VISTA ECONÔMICO (ECONOMIA DE TEMPO E DE PROFISSIONAIS), PARECE SER UMA BOA SOLUÇÃO DO PONTO DE VISTA DA PROFISSÃO. VOCÊ VÊ QUE ESSA DIMINUIÇÃO TROUXE VANTAGENS, TROUXE MELHORIA NO EGRESSO DO PROFISSIONAL DE JORNALISMO? SAI MAIS TITULADO? PORQUE PARECE SER UMA MELHOR VANTAGEM, PORQUE, EM CINCO ANOS, ELE SÓ SAÍA COM LICENCIATURA, HOJE ELE PODE SAIR COM A LICENCIATURA MAIS O MESTRADO, ENTÃO O AUMENTO NA TITULAÇÃO PARECE SER UM GANHO EXPRESSIVO.

JC: Sim, mas no fundo a única diferença se quisermos entre aqueles cinco anos de então e os cinco anos de agora é que agora aquele quinto é exclusivamente dedicado à investigação quando antes era um ano dedicado a aulas e ao estágio, se bem que uma parte pode ser estágio. Ou seja, a diferença é que reforçamos aqui o componente de investigação. O grande problema é que, dos sessenta alunos que entram anualmente, depois pra mestrado só passam 30, 35. Ou seja, aqui metade dos alunos que continuaram sua carreira continuaram sem mestrado, o que significa que neste aspectos houve uma perda, vamos dizer assim. Aqueles que ficaram no sistema saem com mais graduação, saem com mais sensibilidade e mais trabalho em termos de investigação. Agora aquele conjunto pura e simplesmente foi ao mercado de trabalho e não pode em três anos fazer a mesma formação que os anteriores tinham em cinco anos. Em termos de professores, teoricamente devia estar tudo igual, ou seja, foi isso que se falou no início “vão ser menos anos, mas não vamos precisar dispensar ninguém porque as turmas vão ser partidas, também, para ver maior proximidade, vamos precisar exatamente dos mesmos professores”. Na prática, o que está acontecendo é que essa divisão também acabou-se por não se fazer. Portanto não parece pra já que haja um ganho pra nenhuma das partes.

GP: PENSANDO NESSE PROCESSO QUE FOI BOLONHA, QUE ESTÁ SENDO BOLONHA E A ACEITAÇÃO, COMO É QUE VOCÊ CARACTERIZARIA A ACEITAÇÃO PELO CONJUNTO DE PROFESSORES? FOI TRANQUILA, HOUVE RESISTÊNCIA TOTAL, ACEITAÇÃO, AMBIGUIDADE NESSE PROCESSO?

JC: É difícil, ou seja, numa forma geral, eu diria que as pessoas consideram que não houve uma melhoria, ou seja, que não houve (...) terão mais ou menos a mesma opinião que eu tenho, ou seja, não é possível fazer em menos tempo o mesmo o mesmo que se fazia em mais tempo. Agora também não houve, digamos que, uma recusa na implementação do modelo, houve uma aceitação. Embora me parece que, na maior parte dos casos, algo contrariados, houve a aceitação da implementação do processo, uma vez também que foi dito que este é um processo feito a nível europeu e, no entanto, não iríamos nós ficarmos fora do barco e dizer – “não nós vamos manter nosso sistema porque este é o melhor”. Na prática, nós começamos a verificar agora é que, em outros países, como, por exemplo, na Espanha, mantivemos quatro anos, ou seja, nós, no modelo de quatro, provavelmente teríamos optado por isso, acabaríamos por estar igual a um conjunto de países, passamos pra três anos e estamos iguais a outro conjunto de países. Ou seja, não há, apesar de tudo, apesar de tentar ser um modelo igual pra toda Europa, o modelo acabou por ficar algo diferente.

GP: ALGUNS APONTAM QUE A MOBILIDADE COM ESSA DIFERENÇA DE MODELO VAI SER O GRANDE CALCANHAR DE AQUILES DE BOLONHA. VOCÊ CONSEGUE VER CLARAMENTE SE ISTO EXISTE DE FATO?

JC: Não, em Portugal não.

GP: POR EXEMPLO, AQUI PRA ESPANHA AQUI VAI SER TRÊS E LÁ VAI SER QUATRO...

JC: Eu por caso, como tenho essa parte de alunos em “Erasmus”, tenho acompanhado que essa mudança não causou grandes problemas, ou seja, eles fazem quatro, nós fazemos três ou três mais dois. E, quando e os alunos quando vão escolher disciplinas do primeiro ou do segundo ciclo, acaba por não ser nenhum problema, o problema no caso da Comunicação coloca-se mais ao nível das disciplinas, que isso era um segundo nível pra além da duração dos cursos digamos assim, que é importante, mais não é tudo. Provavelmente seria importante pensar num conjunto de disciplinas que deviam ser transversais a todos os cursos de Comunicação e não é isso o que acontece. Por exemplo, na prática, acontece muito, mas não nas teóricas, não é isso que acontece. É muito difícil um aluno vai daqui pra Espanha

encontrar um cadeira, por exemplo, semiótica e é praticamente impossível encontrar um cadeira de retórica disciplinas que existem em todos os cursos de Comunicação em Portugal e em Espanha não há. Na Espanha, há uma cadeira que existe em todos os cursos que chama Estrutura da Empresa de Comunicação. Em Portugal, essa cadeira pura e simplesmente não existe, portanto há sempre alguma dificuldade. No ensino das línguas, acontece o mesmo, o próprio ensino de jornalismo, a forma como se ensina nos dois países é diferente, eles têm muito mais opções de especificidade, nós temos basicamente o mesmo escrito, o audiovisual e o radiofônico. Depois nas relações econômicas e economicidade, depois entrevista, há muita pouca disciplina em oferta, eles têm muito jornalismo local, jornalismo político, há uma especificidade muito maior na oferta deles. E, portanto, por vezes é difícil encaixar currículos, é difícil conseguir que nossos alunos vão pra lá, eles têm mais com o próprio plano de estudo do que com a direção do curso, porque eles navegarem entre dois níveis pra já não tem sido problemático. Problemático é isto que estou dizendo, que é encontrar às vezes disciplinas que existe em nenhum outro país, e acabamos sempre por ter que adaptar algumas coisa à procura de conteúdos, pra ver se há alguma coisa em comum e muitas vezes nem sempre nenhum. E depois é a organização, nós temos ciência da comunicação e, na Espanha, os cursos são ou de jornalismo ou de audiovisual da publicidade. E, portanto, até esse encaixe é difícil. Por vezes, o aluno que vai daqui tem que escolher disciplinas de jornalismo e disciplinas de audiovisual. Como são de cursos diferentes, por vezes coincidem e temos um conjunto de problemas, o mesmo pra eles que vêm pra cá, escolhe jornalismo e, como há muitos em cinema que lhes interessam, escolhem várias, depois coincidem chegando ao extremo, como de uma aluna espanhola de sete disciplinas quatro eram exatamente do mesmo dia e, portanto, isso complica-se um pouco.

GP: NO PROCESSO DE BOLONHA, COMO É QUE FICARAM OS ALUNOS? ELES FORAM OUVIDOS, ACEITARAM TRANQUILAMENTE O PROCESSO, AS MUDANÇAS?

JC: Sim, em Portugal, os alunos foram ouvidos. Houve inicialmente alguma reação que alguns interpretaram como sendo uma reação política ligada a alguns partidos políticos, mas foi uma reação com pouca visibilidade. Houve mais preocupação dos estudantes da manutenção do apoio social do que propriamente nesta redução de quatro anos pra três, e não houve grande movimentação em Portugal. Já na Espanha, por exemplo, houve, também só

nalgunas partes do país, mas houve algumas reações fortes até há pouco tempo dos alunos em relação a esta de quatro pra três anos. Em Portugal, como digo, tanto quanto me recordo, houve algumas reações muito localizadas em algumas faculdades em relação a estas mudanças.

GP: PENSANDO NA RELAÇÃO COM OUTRAS UNIVERSIDADES ANTES E APÓS BOLONHA, HOVE A APROXIMAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES POR CONTA DO PROCESSO DE BOLONHA OU BASICAMENTE MANTEVE O MESMO FOCO DE APROXIMAÇÃO?

JC: Digamos que, na fase de construção dos estudos, houve alguma aproximação, ou seja, ninguém deu passo nenhum antes de falar com os colegas pra saber o que que ia fazer. Aliás, esta chegada a este modelo de três anos resulta de um conjunto de reuniões geralmente determinadas pelo Sopcom, que é a sociedade portuguesa de Comunicação. De forma que conseguimos encontrar aqui um modelo em comum, tanto que, neste aspecto, houve um esforço no sentido de convergirmos primeiro para uma duração igual em todas as universidades poderia não ter sido assim e, por outro lado, estabelecer um conjunto de cadeiras que deveriam estar presentes em todos os cursos. E, portanto, neste aspecto, houve algum trabalho, houve até muito trabalho das universidades para estabelecer um percurso comum. E decorrendo disto, houve efetivamente uma aproximação.

GP: ESSA APROXIMAÇÃO ACONTECE MAIS EM ÂMBITO DE PROFESSORES INDIVIDUAIS? OU ISTO É UM PLANEJAMENTO DO CURSO E DA UNIVERSIDADE DA BEIRA SE APROXIMAR DE OUTROS CURSOS DA REGIÃO OU MESMO DE LISBOA PARA CONSTRUIR UM CONHECIMENTO EM COMUM?

JC: É mais a nível dos departamentos, foram os departamentos ou as universidades, dependendo de cada um, que procuraram, de alguma forma, encontrar este ponto em comum. Ao nível dos professores, já tem mais a ver com as disciplinas, se eu trabalho em uma determinada área, naturalmente já contatei os meus colegas de outras universidades pra tentar perceber dentro daquela disciplina o que é que podemos priorizar. Mas é que houve os contatos individuais. Mas, antes disso, houve os contatos interdepartamentais, através dos presidentes do departamento, através dos catedráticos da área, de forma a encontrar um

percurso em comum. Eu diria que começou por ser institucional para depois buscar a convergir para processo individuais em disciplinas, onde as pessoas se conhecem de congressos ou investigação.

GP: ESSA APROXIMAÇÃO AINDA EXISTE HOJE? AINDA É UMA PRÁTICA COMUM?

JC: Sim, a comunidade é relativamente pequena, ou seja, nem sequer podemos nos dar ao luxo de não fazer desta forma, porque a comunidade em si já é pequena, a comunidade da Ciências da Comunicação. E, depois dentro das Ciências da Comunicação, os grupos que existem até no próprio Sopcom são grupos relativamente pequenos, com poucas pessoas estão combinadas a entender-se que queira quer não.

GP: ISSO É UM POUCO DIFERENTE DO BRASIL.

JC: Sim, estive no congresso de professores de jornalismo que foi em Minas Gerais, no ano passado, e percebi que a dimensão era uma coisa completamente diferente.

GP: SÓ DE JORNALISMO NÓS TEMOS MAIS DE 700 CURSOS NO BRASIL E, DE COMUNICAÇÃO, COM UMA VISÃO MAIS AMPLA, SÃO MAIS 600. ENTÃO NÓS TEMOS CERCA DE 1.300 CURSOS, AÍ COM GENTE PENSANDO DE TUDO QUE É JEITO.

JC: É uma dimensão de acordo com a dimensão do país. Se eu preciso reunir um colega do sítio mais longe daqui, que neste caso será o Algarve, são quatro horas e meia de caminho, não é nada, não é? E se for pra porto são dois (...) Ou seja, estamos a falar de distâncias tão pequenas, mesmo que seja necessário deslocamento, porque, com as tecnologias de comunicação, não seria necessário que realmente não havia outra forma de trabalhar que não fosse esta.

GP: EU SEI QUE VC JÁ FALOU UM POUCO SOBRE DEMANDA DE MERCADO, MAS PENSANDO NA DEMANDA NO MERCADO NO NÍVEL DE COMPETÊNCIA (AQUELAS QUE SÃO CRIADAS NO CURSO E AQUELAS QUE SÃO EXIGIDAS PELO MERCADO), ATÉ QUE PONTO ISSO É PREOCUPAÇÃO DE FATO DO CURSO? SERÁ QUE É PRECISO TER ESSA PREOCUPAÇÃO? É PRECISO PLANEJAR PARA ATENDER AO MERCADO OU NÃO?

JC: Eu penso que sim, há quem pense que não, mas eu penso que sim. Nós estamos a preparar os alunos para o mercado de trabalho fundamentalmente, e, portanto, o prestígio da nossa escola joga-se não só no campo a avaliação da investigação que é feita, que é uma vertente, como também na aceitação que os nossos alunos têm nas empresas. Se nós prepararmos alunos como uma base teórica muito forte, mas que não ao encontro daquilo que são as necessidades do mercado, eles vão para as empresas, ficam lá três meses e saem imediatamente. E aquilo que o empresário vai dizer a outros empresários é “os alunos que eu consegui desta escola não estavam preparados e foram uma menos valia para minha empresa”. Se nós os prepararmos para o mercado de trabalho, vamos conseguir exatamente o efeito contrário e aquilo que nós temos verificado. E veio recentemente um empresário com um projeto ligado à televisão e disse – “eu dei ordem aos recursos humanos que sempre que abrir concurso para empresa seja dada prioridade para os alunos da Beira Interior, porque a experiência que eu tenho tido com os alunos da universidade da Beira Interior tem sido um experiência muito positiva. Neste caso, é uma televisão, os profissionais que quero devem ser profissionais que devem estar preparados pra trabalhar em três missões de jornalismo propriamente dito: captação de imagem e edição de imagem neste caso específico. E, portanto, meu interesse neste perfil não significa que ele precisa fazer as três coisas, significa que, quando forem pra rua, se o editor de imagem por um mero acaso adoecer e se eu chegar à empresa e por qualquer razão o editor tiver que fazer outro trabalho, ele também consegue editar e consegue resolver o assunto. E, neste caso, os alunos beneficiados são os alunos que respondem a minhas expectativas e, por isso, eu pedi que esses alunos fossem colocados em primeiro na fila”. Enfim, isso cai bem nos professores que os prepararam e caiu bem também nos colegas que aqui estavam, ficaram também com esta ideia de que este é o caminho certo. Eu penso que esta universidade deve ceder não só às expectativas do mercado, ceder também

a conjunto de conhecimentos que os permita estar à frente até daquilo que é o trabalho dessas empresas. Eles chegam lá e dizem – “ok eu consigo fazer como vocês fazem, mas, se nós fizermos dessa forma, vamos ter um ganho na qualidade no rendimento no que quer que seja”. O empresário olha e diz “ele, além de saber fazer isto, parece ser um rapaz ou uma rapariga com ideias, pois vou dar uma oportunidade dele implementar esse processo”. Portanto, é isso que nós procuramos, que eles querem que saibam fazer o que fazem as empresas, mas que tenham iniciativa, capacidade de propor alterações e desimplementar o terreno.

GP: A DISCUSSÃO SOBRE O MERCADO PROPRIAMENTE ERA COMUM ANTES DE BOLONHA? OU ERA UMA NOVIDADE QUE VEIO COM BOLONHA?

JC: Essa discussão já vem desde o tempo de divergência entre mercado e universidade. Em que o mercado diz que as universidades não preparam os alunos para as empresas, e a universidade também não estava muito preocupada com isso. A universidade considera que deve preparar bem os seus estudantes e, pra preparar bem, entendem que não só o mercado, mas também pra outras situações de investigação.

GP: ESSA PERGUNTA É JUSTAMENTE PORQUE UM DOS ASPECTOS DE BOLONHA É A ATRATIVIDADE. PELO MENOS, UMA DAS DITAS “INOVAÇÕES” É UMA ATENÇÃO ÀS NECESSIDADES QUE CADA PAÍS TERIA. DAÍ, CADA UNIVERSIDADE COLOCA UM ATRATIVO QUE ATENDA ÀS DEMANDAS DE BOLONHA BASICAMENTE PORQUE COMEÇAM A OLHAR COM MAIS INTENSIDADE PARA O MERCADO. NA BEIRA ISSO JÁ ERA UMA PRÁTICA COMUM?

JC: Já era uma prática comum. Era aquilo que eu dizia – “formação teórica forte e preparação para o mercado de trabalho”. Portanto, ainda que em algumas situações nos custe o dobro de trabalho nos N exemplos de disciplinas que no horário tem três horas semanais, mas que na prática o professor leciona seis, porque sente necessidade de trabalhar mais tempo com os alunos, e como são matérias que eles gostam por vezes de dar mais essas três horas, de conseguir esse equilíbrio que tínhamos antes, quando éramos cinco anos, que mantivemos de alguma forma quando passou pra quatro, mas que temos dificuldade agora que passou pra três. Portanto, de alguma forma, nós estamos até a tentar compensar pra tentar responder da

mesma forma. A alternativa mais fácil era o que – “ok vamos abandonar umas das partes se é pra forma pro mercado então venhamos as práticas”, mas isso que os alunos tivessem tal consistência que nós queríamos. E, portanto, muitas vezes até as custas do nossos professores que lecionam mais horas, enfim, também graças às novas tecnologias, muitas vezes não é preciso tanta divulgação, muitas fazemos com apoio das novas tecnologias com Skypes, com redes sociais. E tudo isso com um acompanhamento com os próprios *software de e-learning*, com todas essas ferramentas acompanhasse mais de maneira a manter essa formação de forte resposta ao mercado, mas com formação teórica também.

GP: O QUE VOCÊ ACHA QUE FALTOU OU FALTA NESSE PROCESSO? AINDA QUAIS AS SUGESTÕES QUE VOCÊ TERIA PRA BOLONHA?

JC: Isso é parte complicada, ou seja, nós vamos ter que esperar até final do terceiro ano pra ver o que acontece. O Processo de Bolonha tal e qual como está só com três anos parece-me que nesta profissão é complicado como que isto poderia resultar. Poderia resultar se tivéssemos mais professores a trabalhar com grupos mais pequenos, se estou a trabalhar 3 horas com 60 alunos, dividimos as 3 horas ou 180 minutos por alunos, dá 3 minutos para cada aluno. Se em vez disso eu tiver mais dois colegas e se cada um tiver três horas com vinte alunos, quer dizer a situação é bastante diferente, eu tenho mais tempo pra me dedicar. Portanto, para que a implementação funcione bem, eu acho que seria necessário reforçar o quadro de professores para que o professor tivesse mais tempo para trabalhar individualmente com cada alunos. De outra maneira o que nos fizemos foi reduzir o tempo de contato, se reduzimos o tempo de contato, o resultado não pode ser bom, já basta ter reduzido os anos e o aluno não ter o tempo de maturação necessário e como ainda por cima não tempo para colocar no caminho, mostrar os obstáculos necessários com que ele se vai deparar, então ele irá tropeçar neste obstáculos na vida profissional e não na vida de estudante que era aquilo que seria desejável. Portanto, para este sistema seja um sucesso, precisamos reduzir o número de alunos, e isto só é possível aumentando o número de professores que estão a lecionar.

3. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR (UBI)

Entrevistado: Prof. Dr. Antonio Fidalgo

Bloco 1 – Dinâmica de transformação das estratégias de formação acadêmica

GP: COMO O SR. DEFINIRIA O MOVIMENTO DO ENSINO DE JORNALISMO EM PORTUGAL?

AF: Há vários textos em Portugal sobre isso, há um texto de Edvaldo Mesquita na Bocc que é o “milagre da multiplicação dos cursos”. Este conceito o milagre da multiplicação do curso tornou-se muito conhecido em Portugal, um texto de 1994/1995. O primeiro curso de Comunicação surge muito tarde, em 1979, na Universidade de Nova Lisboa, e só dez anos mais tarde é que se forma o terceiro, surge o da UBI, forma-se em 1989, e o da Universidade do Minho em 1990. São os quatro primeiros cursos públicos. O primeiro foi da Universidade de Nova Lisboa, o curso da Universidade Técnica de Lisboa, depois o curso da Universidade da Beira Interior e depois o curso da Universidade do Minho. Aliás começam a ser curso de ginásio da Comunicação Social e são mais tarde, depois nas remodelações curriculares, é que eles passam ao curso de Ciências da Comunicação. Mário Mesquita apresenta essa descrição dos inícios dos cursos e aliás e há um trabalho dele publicado na Bocc. Mário Mesquita é um personagem importante do ensino de jornalismo em Portugal, porque ele vem do meio profissional. Ele foi um diretor muito considerado nos anos 80 do Diário de Notícias, que é um grande jornal de referência em Portugal à altura, um diário de notícias. E ele foi o diretor do Diário de Notícias e depois ele dedica-se ao ensino de jornalismo, primeiro como professor convidado na Universidade Nova Lisboa, mais tarde como professor associado ou convidado, porque ele nunca fez doutoramento pela universidade. Ele é que cria o curso de Jornalismo pela Universidade de Coimbra, e depois como professor da Escola de Ensino Superior de Jornalismo da Politécnica de Lisboa e aí ele tem escrito sobre a origem e mais sobre os cursos de Comunicação em Portugal. Eu também tenho um escrito como que abre as atas dos congressos nos livros do Labcom, como que as atas dos congressos que é o CCCC (Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã) e também traço esse panorama da abertura dos cursos.

GP: APROXIMAÇÃO BRASIL PORTUGAL

AF: A primeira foi em 97, que é o primeiro encontro de investigadores de brasileiros e portugueses em Ciências da Comunicação da Universidade da Nova Lisboa, 1997. Não aparece na Sopcom efetivamente, esse é considerado o primeiro Sopcom, não é oficialmente, mas é partir daí que nós iniciamos a constituição que vem depois da associação primeira da Ciência da Comunicação e nasce dessa reunião, desse encontro noticiada pelo (...) de Lisboa em abril de 97.

GP: ESSA FOI A PRIMEIRA APROXIMAÇÃO EFETIVA?

AF: Oficial (...) já havia uma aproximação a nível individual ou de escola. Nomeadamente já havia havido uma aproximação entre os professores da Universidade da Nova Lisboa, que é a universidade mais antiga de Portugal, com a COMPÓS, isto é, um movimento importante em 94, 95 e 96, sobretudo. Depois mais o evento cresce, depois surge a ligação primeiro com a COMPÓS, depois a relação entre a COMPÓS e a INTERCOM estarem um pouco tensas, a INTERCOM estabelece uma ligação com SOPCOM.

GP: QUAL IMPACTO ESSA APROXIMAÇÃO TEVE COM O ENSINO?

AF: Pra dizer eu acho que o mais importante foi que isso deu origem a uma aproximação entre os próprios cursos de Portugal de criarem uma comunidade acadêmica. A comunidade acadêmica de primeira geração eram pessoas que vinham da sociologia, vinham das línguas e da filosofia que se encontraram e que formaram os primeiros corpos docentes. Com isso, nós temos o curso de Comunicação em todas as universidades públicas portuguesas e das privadas também e muitos politécnicos. E, portanto, essa criação da SOPCOM consegue estabelecer uma comunidade de pessoas que trabalham na área, porque antes não havia. E deve ser essa ligação que a comunidade portuguesa deve isso ao Brasil, que foi através da INTERCOM que se constitui a SOPCOM.

GP: IMPACTO DESSA APROXIMAÇÃO NA FORMA COMO FAZIAM PESQUISA...

AF: Desde logo pelo acontecimento daquilo que estava a fazer no Brasil, nós íamos a congressos, apresentávamos *papers*, tínhamos acesso ao que estava a produzir no Brasil, havia o conhecimento do Brasil ao que estava a fazer aqui em Portugal, e aqui em Portugal havia o modelo Bruxelas. Nós temos a figura de referência na criação dos cursos de Comunicação em Portugal é o Adriano Latorrez, professor administrado em Nova Lisboa. E, de certa forma, esse pensamento marca muito aquilo que Mário Mesquita chama de triângulo semiótico. O termo semiótica é Universidade de Lisboa, a Universidade da Beira Interior e a Universidade do Minho. Portanto, curiosamente tanto (...) e Rodrigues tem um livro de *Introdução à semiótica*, ele trabalha também a lógica da comunicação. E uma das matiz que é o professor catedrático da Universidade do Minho faz da semiótica a sua área de investigação inicial. Ele chama as três grandes escolas de Portugal nos finais dos anos 90, é claramente a Universidade da Nova Lisboa, a Universidade da Beira Interior é a segunda escola do país a ter mestrado, só depois é que vem o mestrado nas outras escolas, começam a ter mestrado nos finais de 90. Fica muito claro que a investigação está nesta três escolas, na Universidade do Minho, da Beira Interior e da Nova Lisboa, e o termo semiótico utilizado por Mário Mesquita neste texto também.

GP: IMPACTO SOBRE A LICENCIATURA...

AF: Não havia doutores na área. A questão fundamental é essa, havia muito pouca (...), o nível de estudos de pós-graduação havia muitos poucos para a demanda que havia dos cursos de graduação, ou seja, foi numa altura em que os cursos de Comunicação tinha uma demanda altíssima em Portugal, mas não havia um corpo docente. Então é importante este movimento por parte da associação da SOPCOM, por parte dos professores do primeiro mestrado aqui na Beira Interior, aqui na UBI, depois mestrado no Minho. Isso é muito importante porque foi a partir daí que se começou a formar o pessoal docente para os outros cursos e também para a formação dos centros de pesquisa. Os centros de pesquisa só viriam a se constituir em 2003, que foram avaliados posteriormente, mas em 2003 é que aparece a constituição dos grupos de pesquisa e ficam seis ou sete grupos de pesquisas. O “Cecol”, que é o centro de pesquisa mais antigo, o centro de estudo em comunicação e linguagem, que é universidade da nova Lisboa. Depois funcionava o “Cines”, que o centro de investigação de mídia e jornalismo, o LABCOM, e o centro de estudo de comunicação, e sociedade na Universidade do Minho, e depois alguns outros. Mas estes são os mais conhecidos e, portanto, este é todo um

movimento que arranca (...). E o “Cecol”, que cria uma revista de comunicação e linguagem, que é a revista científica mais antiga de Portugal. E este é um movimento que vai se consolidando, sobretudo no final da década de 90, sobretudo com a SOPCOM, com a ligação ao Brasil. E depois do ano 2000 pra cá, é a pesquisa e a consolidação da pesquisa já no nível da fundação da ciência e tecnologia, ou seja, das exigências pra financiamento da pesquisa com acontecimento das unidades de investigação.

GP: MUDANÇAS TECNOLÓGICAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO...

AF: O impacto é que, logo a partir dessa altura, nós temos que ter atenção que neste primeiro encontro do português e do brasileiro, ele dá-se com o surgimento da internet, em 97. Nós estamos na própria história da internet, e aí já começamos a falar da internet como um veículo de comunicação. O primeiro grande congresso que vem Muniz Sodré do Brasil fazendo conferência, ele tem lugar em abril de 1999 na (...), ou seja, é fruto da SOPCOM, é o primeiro congresso de afirmação pública do panorama social universitário em Portugal. E aí eu lembro de já ter apresentado uma sobre internet, e é nessa altura que eu lanço a biblioteca *on-line* da Ciência da Comunicação. Ela está bem no início desta caminhada, deste fazer comunidade portuguesa de um lado e depois luso-brasileira de outro, e o que começa a ser o BOCC (biblioteca *on-line*). Ela começa por ser um esforço que crio quando estou em Harvard, quando estou em (...). E é nessa altura que digo assim “somos muito poucos que sabem congregar toda a produção científica para servir a comunidade que está em formação”, é que aí que surge a BOCC. Surge na necessidade de disponibilizar a uma comunidade muito jovem, mas com muita demanda por parte dos estudante, mas que não havia bibliografia. Portanto, foi uma maneira de fazer frente e de resolver um problema que era a falta de bibliografia e também um estímulo à produção científica. E aí é fundamental depois a adesão que existe por parte do Brasil e dos investigadores brasileiros à BOCC até se tornar referência no âmbito dos países lusófonos de toda lusofonia na área da comunicação. Portanto, as novas tecnologias pode se dizer quando surgiram, a internet, elas estavam bem no início de todo esse movimento, todo esse movimento de associação de cursos e de comunidade científicas portuguesa e brasileira.

GP: MUDANÇAS TECNOLÓGICAS TIVERAM IMPACTO NAS PRÁTICAS DOCENTES?

AF: Eu acho que de muitos lados. Logo eu coloquei o meu *Manual de semiótica*, e esse *Manual de semiótica* era adotado em Portugal por muitas escolas e era adotado porque era de acesso livre na BOCC. E havia textos que estavam em revistas, se não engano na revista Comunicação e Linguagem, mas estavam na versão em papel, ou seja, havia um difícil acesso. E, quando colocaram alguns autores, colocaram os livros deles e textos na BOCC, eles tiveram acesso muito grande por parte da comunidade portuguesa e brasileira com outra dimensão. E, portanto, aí foi muito importante, penso que as novas tecnologias permitiram uma visibilidade dos cursos entre si, da produção do que estava a fazer que não houve em outras áreas. E, portanto, aí foi um fortalecimento que constituiu um elemento na afirmação e na consolidação desse campo de pesquisa.

GP: IMPACTO NOS CURRÍCULOS...

AF: Nesta altura que também todas as universidades começam a construir suas páginas e, portanto, mostrar quais os currículos dos seus cursos, e também depois não podemos ser alheios a isso, o primeiro movimento de avaliação institucional da qualidade dos cursos. Há dois ciclos de avaliação, o primeiro ciclo ele é feito em 1999 dos cursos universitários, e depois o segundo que é feito em 2005, é feito o segundo ciclo de avaliação no país. E, portanto, aí estão os relatórios sobre estes cursos, que eu diria é interessante analisar. Aí já há um conhecimento vasto e também um movimento simultâneo à constituição dessa comunidade, da constituição dos centros de pesquisa.

GP: CAPACITAÇÃO DOS DOCENTES...

AF: Essa capacitação ela dá-se em nível de doutorado. E os programas de doutoramento são feitos em Portugal, o modelo era feito numa maneira individual, orientador e doutorando. Altera-se à medida que, com a criação dos centros de pesquisa, os centros de pesquisa só poderiam constituir-se com o mínimo de três doutores, e a questão fundamental é que esse era o único requisito para começar. Mas, na avaliação, o fundamental era haver centros com massa crítica e, portanto, a necessidade de qualificar o mais rápido possível e da maneira mais elevada, portanto não só com mestrado, mas também com doutoramento o corpo docente. Portanto, nós temos aqui vários fios condutores para aumento de pesquisa e, ao mesmo

tempo, uma capacitação do corpo docente, isto é, uma qualificação, como dizemos aqui em Portugal, qualificação do corpo do docente.

GP: QUALIFICAÇÃO É PLANEJADA EM ÂMBITO INSTITUCIONAL?

AF: Ela foi as duas coisas, por um lado a própria carreira acadêmica em Portugal, ela exige que os docentes se qualifiquem, ou seja, para ganhar o vínculo só com o doutoramento, isso ao contrário do Brasil. Portanto, em Portugal, não há vínculo com o mestrado, nem sequer com a licenciatura. Nessa altura, o mestrado é de grande qualidade que nesse momento as dissertações de mestrado de 90 têm o nível de tese de doutoramento de hoje, porque eram cursos anteriores à licenciatura de cinco anos, eram dois anos nesse caso de tempo letivo e, portanto, a própria carreira acadêmica ou profissional obrigava a uma qualificação. Só que essa qualificação anteriormente era feita de uma forma individualista, sem uma grande contextualização do grupo e da estratégia. A partir da formação dos centros de pesquisa (nomeadamente ligados ao departamento da Universidade da Nova Lisboa, departamento da Beira Interior ou ao departamento da Universidade do Minho), aí começou haver uma estratégia de qualificação.

GP: RELAÇÃO CENTROS DE PESQUISA E AS DISCIPLINAS...

AF: Sim, o docente com doutorado leciona nos cursos de primeiro ciclo, que nós chamamos de licenciatura. Isso permitiu avançar com os cursos de mestrado antes de Bolonha, porque Bolonha agora é uma situação diferente. E também houve, por parte dos institutos politécnicos em Portugal, uma demanda por parte dos docentes pra virem fazer o mestrado primeiro e agora o doutoramento e agora. Isto é, nos anos 90, pra fazer o mestrado e, nos finais dos anos 90, nós começamos o curso aqui em 95 na Beira Interior, o cursos de mestrado já havia tido na universidade da Nova Lisboa. Mas poderíamos dizer que essa qualificação, essa capacitação do corpo docente, primeiramente do universitário e depois do politécnico, é feita a partir da criação desses cursos de mestrado nas universidades, porque só as universidades é que podiam dar os cursos de mestrado, os politécnicos não têm curso de mestrado antes de Bolonha, não têm curso de mestrado. Neste momento, acho que, preenchendo certos critérios, elas podem dar cursos de mestrado, não podem de doutoramento, os cursos de doutoramento estão reservados às universidades.

GP: OLHANDO PARA O QUE É PRATICADO EM SUA INSTITUIÇÃO, DO PONTO DE VISTA DA FORMAÇÃO, O QUE A DIFERENCIA DAS OUTRAS INSTITUIÇÕES DO PAÍS?

AF: Eu penso que a UBI se caracteriza por duas coisas, primeira por uma forte formação teórica de base durante os primeiros tempos, nomeadamente os primeiros três semestres, que antigamente era os dois primeiros anos, e depois pelo aperfeiçoamento tecnológico, nível do audiovisual única em Portugal nos anos 90, finais dos anos 90, com a capacitação do audiovisual, da edição, produção de produtos audiovisuais. E, portanto, o aluno, quando ele terminava o curso, dominava perfeitamente e completamente as técnicas de edição e produção de vídeo, e isso foi caso único em Portugal.

GP: AS PRÁTICAS DE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO EXISTENTES EM SUA INSTITUIÇÃO MUDARAM COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS? COMO?

AF: Penso que sim, neste período também no início dos anos 2000, as novas universidades com a compreensão das potencialidades da internet que avança com iniciativas como o ensino *on-line* nomeadamente através de apoio. Nessa altura, há um programa em Portugal que é chamado *e-conteudos*, que é financiado pela União Europeia e que permitia que houvesse o uso da internet para fins letivos e pedagógicos e, portanto, através do aparelhamento das escolas com computadores ligados a net. Podemos dizer que aqui em Portugal esse (...) na internet foi até mais forte em Portugal do que na Espanha. Por exemplo, em 93, aqui na Universidade da Beira Interior, que já é interior de Portugal, não tinha uma conexão à internet, e a Universidade de Salamanca não tinha. Portanto, a conexão à internet que está nas universidades no final dos anos 80 ele é importante nas universidades, sobretudo, neste movimento. Quando eu cheguei aqui a universidade em 1991 ou 92, o acesso à internet na universidade era ainda antes da *web*, portanto ainda não havia *browsers*, fazia-se por tela *net*, por *rtp*, por *woffer*, por *e-mail*, ainda sem internet gráfica, a internet era só texto com computadores monocromáticos ainda com texto. E, portanto, eu posso que o que ocorre nos finais dos anos 90 início de 2000 aqui há um grande investimento em computadores ligados à internet.

GP: RELAÇÃO ENTRE GRADUAÇÃO E PESQUISA...

AF: Não até porque o primeiro ciclo, já no sistema pós Bolonha, ele é de uma preparação de fornecer as bases e, ao mesmo tempo, de uma formação profissional. Um jovem, ao fim de três anos de licenciatura, tem que estar capacitado de alguma forma para o mercado de trabalho, isso uma formação de base e, ao mesmo tempo, uma preparação profissional. E, portanto, a pesquisa é efetivamente pertence à pós-graduação no segundo e no terceiro ciclo, ou seja, no mestrado e no doutorado.

GP: NÃO HÁ PRÁTICA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO PRIMEIRO CICLO?

AF: Propriamente não, há alguns movimentos que podem ser considerados nesses aspectos, prepara-se até bolsas de iniciação à investigação científica. E, portanto, digamos que não é o objetivo primeiro do primeiro ciclo, embora toda formação universidade deve ser feita em proximidade da investigação, isto é, de que é um saber não estático, de um saber em enriquecimento de produção e mudança. Portanto, o jovem vai se dar conta disso com reformulação dos currículos, com a atualização curricular permanente e na própria maneira como os cursos são lecionados de modo diferente. Eu diria que, nas universidades que têm centros de pesquisa nos cursos estão ligados de alguma forma a grupos de pesquisa, o aluno ele fica muito em contato com a atmosfera de pesquisa. E é isso que distingue os cursos universitários dos politécnicos em Portugal. E a ideia que está na lei é de o cursos universitário eles são de cadeiras mais científicos e, portanto, mais virados pra pesquisa do que os cursos politécnicos mais virados para a profissionalização.

Bloco 3 – Impacto dos processos macro de ajustes educacionais/jurídicos

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA NO CAMPO DA FORMAÇÃO EM GRADUAÇÃO/LICENCIATURA? HOUVE TRANSFORMAÇÃO NOS PROCESSOS OU APENAS FICOU NO CAMPO DISCURSIVO?

AF: Houve muito grande, que só para dar uma ideia que, quando os cursos foram criados em Portugal, os cursos da Universidade Nova Lisboa, da Universidade do Minho e da Beira Interior, eram cursos de cinco anos, depois eles foram reduzidos para quatro anos. À exceção da Universidade do Minho, que só quando veio Bolonha foi que reduziu para três mais dois, mas foi o único que se manteve com cinco anos, os outros eles passaram de cinco para quatro (Nova Lisboa, Universidade da Beira Interior e os outros). O Processo de Bolonha marcou de uma forma decisiva essa reestruturação curricular que houve, [já] que foram obrigados todos os cursos em Portugal de todas as áreas à adequação ao Processo de Bolonha. E, portanto, essa divisão do primeiro e segundo ciclo e isso foi feito não de maneira única, graças aos relatórios de avaliação nacionais que estavam, que estavam disponíveis *on-line*, houve aí uma certa (...). Quando há a explosão dos cursos universitário, cada um fazia programas muito diferenciados. À medida que os cursos vão sendo avaliados, eles vão aproximando os seus currículos, justamente pelo processo de avaliação. Os cursos iniciais e suas conclusões de avaliação chamaram atenção para isso. Os cursos de Comunicação muitos deles já não tinham demanda, meramente os cursos de Humanidade e os cursos de Letras que depois os docentes converteram em cursos de Comunicação. A matriz inicial de cada curso reflete a origem de onde vinha, se eram cursos que eram mais sociológico, se eram mais humanísticos vindo das Letras e etc. Havia bastante modalidades nestes cursos de Comunicação. Com a avaliação, começa a haver uma maior sintonia de currículos, isso é muito importante. Isso é feito tanto na avaliação 99 e 2005.

GP: O SENHOR PARTICIPOUS NAS DUAS COMISSÕES...

AF: Não, na primeira eu estava nos Estados Unidos. Participou outro professor da Beira Interior, o professor Santos. Eu sou o presidente do segundo painel de avaliação. E, portanto, o Processo de Bolonha é um pretexto para todos os cursos de todas as universidades públicas e privadas se adequarem não só ao Processo de Bolonha, mas também às indicações que vinham das comissões de avaliação.

GP: AS INDICAÇÕES ERAM OBRIGATORIAMENTE SEGUIDAS?

AF: Não, porque elas eram sugestões. Porque dizem assim nomeadamente o segundo painel, a segunda avaliação o que vai dizer é que se nota uma falta de disciplinas que estudem imagem,

que investiguem imagem. Porque, como as fontes desses cursos estavam nas humanidades, havia pouca tecnologia. Quando nós prevemos tecnologia na área do audiovisual, na área do som, e aí o que se faz é que as instituições muitas delas não tinham infraestrutura laboratoriais para o ensino de disciplinas mais técnicas, nomeadamente rádio, televisão, fotografia e imagens.

GP: ERAM AVALIAÇÃO DO CURSO?

AF: Eram mais indicativos para melhoria da qualidade, não eram, não traziam (...)

GP: QUAIS OS EFEITOS DE BOLONHA PARA CURSO DE JORNALISMO DA UBI?

AF: Eu acho que, neste momento, ainda não podemos fazer porque nós estamos ainda (...), nós fomos um dos primeiros cursos, a primeira leva de universidades a fazer a adequação ao Processo de Bolonha. E o que eu acho é que isto teve por um lado um efeito de diminuir, numa primeira fase, a presença de disciplina de outras áreas no currículo, nomeadamente os currículos. Quando informática era novidade, eles tinha sempre disciplina de introdução à informática, de base de dados etc., que depois desapareceram essas disciplinas à medida que a informática deixa de ser uma novidade, um “papão”, e há mais familiaridade, ou seja, os alunos já chegam com conhecimento em informática. Essas disciplinas desaparecem do curso de Comunicação, mas não só essas, por exemplo, aqui nós podemos dizer que desaparecem outras disciplinas. Como o curso ele é de cinco anos e depois passa a três anos, vai perdendo disciplinas que eram fora da área, vai se concentrado na área específica de comunicação e, portanto, disciplinas de história e economia elas são arreadas do programa. Portanto, aquelas disciplinas que no início, quando está no início, tem muita história, literatura etc. e, depois isso, vai desaparecendo à medida que se vai produzindo um número de anos.

GP: BOLONHA FOI IMPORTANTE PRA DAR OBJETIVIDADE NA FORMAÇÃO?

AF: Eu não diria objetividade, quer dizer que não seja o termo mais correto, mas centrar o curso no especificamente comunicacional.

GP: O DESENHO DE BOLONHA DÁ “UMA FORMA” PARA CRIAR O “FORMATO DO CURSO”?

AF: Formato de comunicação pra cursos menos abrangentes, e essa é defeito de Bolonha penso eu, porque, tendo mais conhecimento, tendo mais disciplinas no primeiro ano, ele depois tem mais maturidade cultural superior para uma abordagem de muitos temas depois no jornalismo.

GP: ESSA É UMA REALIDADE NO BRASIL...

AF: Neste momento, houve em Portugal uma nova divisão, ou seja, todos os cursos têm três anos licenciatura, e depois o segundo ciclo são dois anos. No início, houve até em Portugal algo caricato, um curso universitário ter menos anos do que um curso politécnico, porque os cursos eram de cinco anos, depois passaram pra quatro, ao passo que os do politécnico eram bacharelados com três anos e depois tinha um complemento que era dois anos. E, portanto, nós tínhamos pessoas que chegavam aqui pra concorrer ao mestrado com quatro anos de licenciatura nas universidades e com cinco anos de estudos de bacharelado e dois de complemento nos politécnicos, o que é berrante. E, portanto, o modelo de Bolonha, ao unificar todo o sistema, ele trouxe um contributo muito positivo.

GP: AS MUDANÇAS DESENCADEADAS PELO PROCESSO DE BOLONHA FORAM PERCEBIDAS E ACEITAS PELO CONJUNTO DE PROFESSORES? DE QUE FORMA? RESISTÊNCIA, AMBIGUIDADE, TOTAL ACEITAÇÃO? E PELOS ALUNOS? DE QUE FORMA?

AF: Não, eu não que não houve muita resistência. A questão foi que a maior dificuldade foi o fato do Ministério ter imposto um ritmo muito acelerado de mudança, isto foi pelo Ministério, ele impôs períodos muito curtos de mudanças, e aí foi preciso reformular e, se houvesse mais tempo pra reformular o currículo, teria sido melhor, teria sido mais pensado e assim poderemos fazer ajustamentos. É claro que Bolonha não está a acabar, mas, dentro desse ajustamento, não há o termo (...) dos três mais dois que esta se encontra institucionalizada.

GP: OBRIGATÓRIO NO PAÍS INTEIRO TRÊS MAIS DOIS...

AF: Isso três mais dois. Quer dizer, uma só pode ser com três anos e há muito alunos, nós aqui da Beira interior, há muitos alunos que saem para os mestrados para fazer o segundo ciclo e como também tem, a que se chamar atenção, esta mobilidade que não é uma mobilidade geográfica, mas também uma mobilidade de cursos de percursos. Ou seja, nós temos neste momento caso de estudantes que fazem Comunicação e depois vão para Sociologia e Ciência Política no segundo ciclo, como temos também alunos que fazem qualquer outra licenciatura e que depois entram no segundo ciclo de Comunicação.

GP: QUANTO À MOBILIDADE, COM ESTRANGEIRO OU INTERNA?

AF: É uma mobilidade também interna por isso. Aconteceu não há dúvida, neste momento, o aluno terminava a licenciatura, neste momento o aluno poderia concorrer a qualquer mestrado.

GP: DURANTE O PRIMEIRO CICLO HÁ UMA CERTA MOBILIDADE...

AF: Não, já houve mais quando a demanda era muito alta e os alunos tinha que deslocar-se para instituições que eles queriam a fim de entrarem. Neste momento, (...) a mobilidade no primeiro ciclo é baixa.

GP: SE EU SOU, POR EXEMPLO, ALUNO DO PRIMEIRO CICLO...

AF: Isso não, isso não acontece. Acontecia das pessoas mudarem de curso, antigamente isso era muito difícil, hoje é muito fácil, ao aluno faz aqui o primeiro anos e, no segundo ano, pedir transferência para outra universidade (...).

GP: NO BRASIL, A GENTE ESTÁ EXPERIMENTANDO ISSO...

AF: Isso não acontece em Portugal, deveria, nós temos os programas de “Erasmus”, mas infelizmente não éramos internos, só externos. O “Erasmus”, que é passar o semestre a um ano no outro país europeu, isto conta para a formação e infelizmente os “Erasmus” internos

não funcionam como funciona a mobilidade, é terminar a licenciatura num lado e fazer o mestrado no outro, ou seja, o segundo ciclo.

GP: BOLONHA E A RELAÇÃO COM AS OUTRAS UNIVERSIDADES...

AF: Não vejo que Bolonha tenha alterado mais. Por exemplo, na pós-graduação, a nível de banca de júri aí sim tem que haver (...) presença de outros membros de outras universidades, mas não se pode dizer que Bolonha tenha aumentado o intercâmbio científico dos cursos.

Bloco 4 – Outros direcionamentos

GP: NA PRÁTICA VIVENCIADA PELO SENHOR, HÁ CONSIDERAÇÕES/DISCUSSÕES A RESPEITO DAS DEMANDAS DE MERCADO NO NÍVEL DAS COMPETÊNCIAS (COMPETÊNCIAS PRODUZIDAS NO CURSO X COMPETÊNCIAS EXIGIDAS PELO MERCADO)? ATÉ QUE PONTO A FORMAÇÃO ATENDE ÀS DEMANDAS DO MERCADO? DEVE ATENDER?

AF: Aqui em Portugal a tutela é o (...) e uma das questões de avaliação tem haver com relacionamento e com saídas profissionais. Aliás, esse é um dos itens da avaliação dos cursos com qual o nome que uma universidade usava no mercado de trabalho, ou seja, as saídas profissionais. Eu penso que, a princípio, houve a criação dos cursos de jornalismo nos anos 90, ela vai um pouco à revelia das classe profissional e dos sindicato dos jornalista. Eu lembro que o próprio ministro, em 1996 ou 97, que era o Marcelo Grilo, ele organizou uma reunião entre os diretores das universidades e os sindicatos dos jornalistas para estimular um diálogo, mas não foi fácil. Os jornalistas olhavam para a profissão como feita na tarimba, ou feita através da experiência e não compreendiam muito bem toda a simbiótica, ou seja, toca carga teórica a volta da formação de jornalistas, isso é algo difícil. Depois com o mercado de trabalho, um jovem que queria ir pro jornalismo, o mercado não aceitava, tinha que prestar primeiro jornalismo. E, por isso, em dez anos, se alterou, porque os jornalistas que já estava, e foi um surto das televisões privadas, foi na altura que já havia recém-licenciados, foram esses que ocuparam os novos cargos e foi uma questão de passagem de testemunho a médica que os jornalismo que já haviam sido licenciados tornavam-se cada vez mais (...) havia rege a

maneira de chegar à profissão era através dos cursos porque aqui em Portugal nós nunca tivemos o fecho da profissão, ela sempre esteve liberada.

GP: HOJE AINDA EXISTEM OS GRADUADOS E OS SEM GRADUAÇÃO...

AF: Não, neste momento já não, porque isso foi um choque dos anos 90, porque muitos jornalistas eram vocacionados e que tinham interrompido o curso universitário, tinham medicina, economia etc., e daí notaram que o que eles queriam era jornalismo, e começaram a fazer jornalismo e interrompiam os cursos. E muito desses profissionais mais tarde iam cursar ou fazer pós-graduação em comunicação.

GP: O QUE O SENHOR ACHA QUE FALTA NESSE PROCESSO? QUE SUGESTÕES TERIA PARA A MELHORIA?

AF: Foi um processo que abriu e fechou... A sua realização foi feito de forma apressada, nós temos que corrigir. Não está encerrado. Houve, por um lado, um aspecto positivo, o aluno que quer ter o mínimo dos mínimos dos conhecimentos fica com a licenciatura, depois quer ter mais uma formação, faz o mestrado. Alguns preferem, ao fim dos três anos, irem para o mercado de trabalho ou ter uma experiência profissional e depois regressa à universidade para fazer o mestrado. Neste aspecto, eu penso que é positivo. Está um processo em aberto com os ajustes necessários que se tem a fazer.

4. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DO MINHO (UMINHO)

Entrevistada: Prof.^a Dr.^a Helena Pires

Bloco 1 – Dinâmica de transformação das estratégias de formação académica

GP: DESDE QUANDO O SR./SRA. PERCEBEU ALGUM IMPACTO CAUSADO PELAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS SOBRE A DINÂMICA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NESTA INSTITUIÇÃO? COMO CARACTERIZARIA ESSE IMPACTO?

HP: Se bem percebi será o impacto das novas tecnologias no curso e no processo que houve a transformação do próprio plano. Eu nunca tinha pensado propriamente nesta questão neste impacto mais ou menos que as tecnologias poderão ter tido na transformação do curso propriamente dito antes mais estou a pensar que estou aqui numa posição privilegiada para poder pronunciar-me sobre o curso e sobre a transformação pelo menos na medida em que eu conheço bem o curso antes e pós Bolonha, ou seja, eu fiz parte inclusive do primeiro grupo de alunos do primeiro ano de funcionamento de criação do curso aqui na Universidade de Minho. Portanto quando o curso surgiu pela primeira vez na universidade do Minho pela primeira vez eu fiz parte do primeiro grupo de alunos desse mesmo desse mesmo curso.

GP: ISSO FOI EM QUE ANO?

HP: Eu sou péssima para datas, rapidamente fazemos algumas consultas e conseguimos e descobrir, mas confesso realmente que não consigo dizer, mas foi o ano de criação do curso pelo professor “Aníbal Alves” aqui na Universidade do Minho, chama-se então comunicação social era um curso completamente diferente de cinco anos. Era uma licenciatura das mais extensas já então em Portugal uma licenciatura de cinco anos em extensa, porque em média a elas tinham quatro anos e não cinco. Cinco seis já eram extensões para os cursos como medicina arquitetura, para comunicação já era uma licenciatura muito extensa para o contexto das licenciaturas em Portugal, e, portanto sei bem o que era e o que é agora o curso e olhando para esse quadro no conjunto posso dizer que de fato no atual plano do curso há mais “unidades” curriculares portanto que estão em particular vocacionadas para o desenvolvimento de “competência” ligadas as tecnologias. Portanto desde a introdução das

tecnologias da informação e comunicação estamos por ver agora o plano que temos aqui na minha frente tem meios digitais, *design multimédia* eram cadeira inexistentes no plano anterior. No plano anterior tínhamos qualquer coisa como uma espécie de informática, informática e telecomunicações uma introdução, enfim, sou do tempo em que os alunos usavam computadores, não os portáteis, mas os fixos, usávamos ainda disquete etc., portanto fomos iniciados ao computador quando numa altura em que o computador já era massificado mas não oferecia possibilidades ao usuário que oferece hoje, e portanto de fato o próprio plano atual reflete a maior presença de cadeiras diretamente ligadas ao desenvolvimento de “competência” tecnológicas. Mas não diria que qualquer curso hoje traduz essa preocupação tentar aplicação da tecnologia a aquela área científica e pedagógica específica. Portanto acho que isso se aplica provavelmente a qualquer curso. Portanto a alteração do plano as cadeiras novas que surgiram também deste desenvolvimento da própria tecnologia que surgiu, portanto disciplinas diversas para tratar já de questões específicas ligadas com utilização de ferramentas fundamentais para a ciências da comunicação nas diversas áreas no jornalismo na publicidade etc., portanto o curso anterior de fato não possuía essa questão do acabamento tecnológico esse sem duvida a superfície seja o aspecto mais visível da transformação, mas eu diria que uma questão talvez menos visível e mais profunda mudou a própria filosofia do curso. Eu diria que este curso que, tanto porque conheço bem o espírito e a motivação que conduziu a própria criação do curso tem haver também com o perfil dos fundadores os primeiros docentes e a sua própria formação, era um curso bem mais voltado, eu posso ser polemica nesta afirmação que muitos colegas não concordem com isso, portanto que o curso anterior era bem mais voltado para a formação cultural e filosófica interdisciplinar em geral e não havia uma preocupação tão presente com uma formação profissional, a veia profissionalizante do curso não estava tão presente. Apesar do nome até poderem deduzir o contrario, comunicação social, associados aos meios de comunicação social o certo é que o curso era de tudo das ciências sociais e humanas eu acho que sem pretendia e o perfil do aluno era diferente, pretendia, sobretudo que o aluno se formasse tendo aquisição de conhecimento em várias disciplinas filosofia, das ciências sociais em geral competências não necessariamente pragmáticas, mas, sobretudo competências ligadas à capacidade de relação crítica teórica. Entendia-se, por exemplo, que fundamental, sobretudo que o jornalista seja alguém muito “eivado” para sua formação continua na cultura em geral enfim. Eu acho que mudou essa filosofia, mas essa filosofia nova se... transversal todo espírito de Bolonha. Portanto há uma preocupação aqui talvez mais pragmática, o curso não perdeu esse caráter

interdisciplinar, mas está desenhado segundo um perfil muito mais profissionalizante muito mais virado para a formação dos alunos tendo vista mais o mercado e menos sua formação, não dispensando o mercado não dispensando e a sua formação pessoal. Eu acho que há de fato uma diferença muito grande, esse é um curso desenhado tendo em conta o mercado tendo em conta as profissões enquanto um perfil muito diferente o que não quer dizer que o curso anterior não procurava estágio nas várias áreas não fosse também ele contendor dessa formação mais prática, também é, mas não era o que mobilizou ou que mobilizava a filosofia até então. Acho que não era esse digamos que o objetivo último. Eu digo isso com alguma nostalgia porque até por isso acabei por seguir carreira acadêmica, quanto mais os cursos vão ganhado estes contornos “embasados neste ensino profissionalizantes”, enfim, mais preocupada fico com outro lugar que as universidades também devem ter e que estão a perder. Não diria que estão a ceder a uma pressão que exige uma universidade uma resposta a problemas concretos etc., quando o papel da universidade a meu ver não deve estar subjugado a um propósito estritamente pragmático e profissionalizante estou a pensar nas universidades clássicas não quer dizer que esse modelo seja perfeito, mas pensar também é uma atividade e exige um tempo diferente, o tempo da formação profissionalizante é outro e o ritmo e etc. Mas exige um tempo diferente, exige o tempo da reflexão, o tempo da contemplação, o tempo da leitura e aqui, digamos, dois registros que muitas vezes não jogam muito bem um com o outro a tensões que se criam eu noto isto porque também dou aulas e vou notando cada vez mais dificuldades que os alunos tem, eles capacidades que no meu tempo não tinha capacidade novas que adquirem são superiores as capacidades que os alunos tinham com a antiga formação, mesmo nova forma de estar em aula às vezes traduz (...) temos dificuldades de lidar com isso está com o computador ligado e ao mesmo tempo com telemóvel. Eu acredito que hoje esta forma de estar não seja inimiga do estar a aprender e do estar adquirir de fato conhecimento etc. É uma forma diferente de estar, são capazes de resolver com alguma rapidez problemas imediatos até porque agora o sistema de avaliação é muito diferente a avaliação é continua pra todas as semanas há trabalhos a fazer no contexto das aulas fazem exercícios que são muitas vezes objetos de avaliação. No meu tempo estudava-se sobre tudo para o exame o trabalho entregava-se no fim do ano era outro ritmo. Acontece que os alunos desenvolvem ao mesmo tempo capacidades pragmáticas que respondem rapidamente a problemas, mas, ao mesmo tempo, são capazes de fazer até varias coisas ao mesmo tempo, mas, ao mesmo tempo, perdem paciência, que é o tempo que se exige para estar focalizado num único propósito e deixar que o tempo passe. O tempo lento é um tempo

insuportável para um aluno hoje e o tempo de leitura, por exemplo, a dificuldade pra ler, sempre se leu pouco acho que agora dizer que se lê pouco é um engano, antes da massificação do livro etc. sempre se leu pouco. Mas agora se dizem os alunos não leem por um lado aprenderam muito rapidamente a repetir dos textos e porque tem pouco tempo daquilo que que é estritamente necessário interessa-lhes é o resumo interessa-lhes é a ficha não é o livro interessa-lhes é a pesquisa no *Google* e rapidamente captar a ideia chave não há tempo para ir mais além, essa paciência essa capacidade para deixar que o tempo corra devagar esse é o tempo que leitura exige é um tempo moroso ler um livro exige deixar passar o tempo devagar e os alunos tem cada vez menos paciência eles causam até uma reação física eles ficam nervosos com a proposta de que se leia um texto, pois a dificuldade de lidar com silêncio, pois estão habituados a estar hiperconectados com muitas tecnologias ao mesmo tempo tem dificuldade em lidar com o próprio silêncio ou a lidar com a sua própria solidão tem de estar permanentemente conectados por meio do *myspace*, telemóvel etc. aqui uma dificuldade que vai crescendo que é a de estar sozinho estar em silêncio estas situações tornam-se estranhas aos alunos, portanto acho que mais que julgar devemos entender porque as coisas estão a transformar acho que tudo isso tem a ver com as tecnologias, acho que a leitura, por exemplo, não se vai a perder, mas a leitura far-se-á daqui pra frente de uma maneira diferente enquanto que aqui até pouco tempo se dizia o quão é desconfortável, por exemplo, ler na *interface* do computador em lugar de ler no papel eu acho que pra mim continua a ser mais confortável ler no papel continuo a obter o trabalho dos alunos no papel embora os alunos tenham ficheiro *online* também no *blackbird* porque de escrever sublinhar fazer comentários eu preciso do papel e não gosto de fato de ler na interface, mas cada vez mais os alunos dispensam o papel e vão ganhando realmente o treino da leitura no *web* é menos desconfortável pra eles do que pra mim, por exemplo, no futuro o livro em versão eletrônica é mesmo o caminho porque se vai perder realmente o contato com papel físico por que as tecnologias estão em desenvolvimento de outras faculdades, quase sempre é isso, traz algumas implicações também no próprio organismo. A própria dificuldade esclarece a própria direção da leitura. Já não é bem como se dizia de cima para baixo ou da esquerda pra direita. Há pouco assisti a uma investigação de dizia isto mesmo: o quanto estão mudadas as diferentes linhas direções da leitura. Mesmo do ponto de vista genético até, acredito estão acontecendo uma série de transformações, portanto o futuro, a leitura, o linear do texto de cima para baixo da esquerda para a direita tem esta direção que, aliás, já está tendo eficácia.

GP: NAS PRÁTICAS DOCENTES, ESSAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS MUDARAM A FORMA COMO OS PROFESSORES INTERAGIAM TAMBÉM EM SALA DE AULA?

HP: Mudaram muitíssimo. Aí as transformações eu acho que são radicais e esta é uma questão que tem me interessa muito particularmente como docente eu tenho me preocupado muito ultimamente. Em primeiro lugar, digamos tacitamente extinguiu-se em obrigatório depois que criou-se esta expectativa a utilização do *PowerPoint*. Uma aula construída no *Power point*, os alunos perguntam logo, onde é que está o *Power point*, como é que eu vou estudar se eu não tenho o *Power point* desta aula. É a única coisa palpável que eles querem da aula. É o *Power point*. E os docentes nem todos e há as constantes diferenças do curso, há constantes diferenças das disciplinas, das regras nossas então os centros de investigações também por que as apresentações das comunicações compreendem também esses espaços. Aderimos de fato todos ao *PowerPoint* não é? E o *Power point* não é um aliado assim tão grande tínhamos antes os status, temos os slides, mas a função dos status a função dos slides apesar de tudo era bastante diferente na medida em que embora possa ser diversas a utilização do *Power point* e produzir no *Power point* para evacuar mais informação menos informação pode ou ser apenas como apoio até para materiais como imagem e não tanto como teste e mais teste, em fim. Os outros podem ser diversos mais o que eu acho que mudou foi talvez a interação com os alunos porque nos habituamos a colocar entre nós e os alunos *interfaces*. De um lado são os alunos tem os computadores portáteis em aula que antes tinham os cadernos e etc. e utilizam os próprios computadores para escrever, para tirar anotações. Há pessoas que tendem a fazer outras coisas enquanto estão em aula, há docentes que às vezes dependendo do que estão a fazer com os computadores entendem os computadores em aula quando utilizados por outros em sala de aula com ruído ou não, depende-se da aula a própria aula pode ter existir na utilização do computador (...) o computador em aula usado por um lado é um instrumento que eles usam em fim pode ser útil, mas também pode se constituir ruído, ruído é (...) por que se perde-se, sinto muito esta perda também, por exemplo, antes mesmo do contato visual, eu tenho hoje que fazer um esforço muito maior para manter o contato visual com os alunos. Eu recordo em que antes da utilização do computador portátil em aula um dos critérios, que eu tinha pra mim, como critério, de prova que a aula estava indo bem no sentido em todos estavam seguindo iam compreender ou pelo menos (...) era o contato visual, portanto. Eu só tinha aula digamos que controlava-se no momento em que todos olhavam pra mim qualquer desvio de olhar era sinal de que eu tinha que conquistar outra vez aquele aluno para ele outra

vez olhar pra mim, agora eu tenho uma série de alunos que não estão a olhar pra mim ou pontualmente ou nunca estão, porque estão olhando o *Power point*, olhando pra mim de vez em quando mas, estão sobre tudo com o olhar para o computador. Nós perdemos esse contato visual, e como ele me incomoda eu acho que este é o maior ruído, por que é fundamental a comunicação humana, por que no olhar dos alunos eu leio, o ceticismo, faço o que estou a dizer, ou dúvida que pode está a surgir no olhar do aluno, o que indica que ele não concorda com alguma coisa que estou a dizer (...) o olhar diz que ele está cansado, se precisa de um intervalo ou se não precisa de um intervalo, portanto, eu preciso do olhar do aluno pra dar seguimento ao meu próprio discurso. Perdendo este sinal eu fico mais perdida, muito mais perdida. Além de que se distancia muito o contato com o docente, portanto, eu sinto esta dificuldade. Por outro lado eu própria a utilizar o *PowerPoint* em aula, por exemplo, estou a convidar os alunos a olharem para o *Power point*, e se estou a utilizar o *Power point*, é por que estão convidados a olhar pra lá, e se estão olhando pra lá, não estão a olhar pra mim, tenho que ficar estática, assim duas vez mais esta quebra do contato visual e de como era importante na comunicação humana. Por outro lado, o fato de eu planear a aula com o *Power point* e depois seguir do *Power point*, pode se seguir de forma mais sistemática ou menos sistemática e claro que há uma variante, isto diz que cada vez mais nós planeamos as aulas e programamos as aulas como quem faz um programa de engenharia como quem programa uma máquina, portanto, eu acho que em termos de espontaneidade há perdas (...) é claro que tem uns que se sentem mais organizados, menos organizados, uns que planejam mais as aulas, outros que planejam menos as aulas, enfim, usávamos os apontamentos críticos nas aulas fazíamos os apontamentos em papel, mas havia mais convite a alguma deriva, e essa deriva às vezes é fundamental, para motivar o aluno às historias que se conta por (...), achamos ou perdemos os papéis, eles perderam às vezes é importante (...). É o imprevisível, é aquilo que vai acontecendo, que não sou só ditado por plano, eu acho que o fato de confundirmos o planear a aula com o fazer o *PowerPoint* da aula de algum modo concordo com alguma perda de espontaneidade, o acontecer da aula, o que não quer com isto dizer que não é uma aula planeada, não é isto. Por outro lado também me parece que os alunos estão cada vez mais tem expectativa e até exigem planejamento eles gosta um pouco, acho que cada vez mais os alunos têm necessidade da segurança e do plano, e daquilo que está ali, cada vez mais os alunos não lidam bem com a deriva.

GP: A GERAÇÃO ANTERIOR PARECE QUE LIDAVA MELHOR COM ISSO. POR QUE MUITAS VEZES O PROFESSOR PLANEJAVA, MAS NUM MOMENTO DE CRIAÇÃO INTELECTUAL, ELE SEGUIA OUTROS PERCURSOS QUE NÃO TINHA TALVEZ PLANEJADO ANTERIORMENTE.

HP: Eu não quero fazer juízo de valor, mas eu acredito que isto possa ser uma hipótese a considerar, eu acredito ou pelo menos suspeito que houve aqui alterações no comportamento de muitos dos docentes e que a aqui perdas e eu tô comigo muitas vezes a aqui repensar na forma como vou planejar, organizar as aulas. Por que sinto às vezes que o *Power point* não é uma amigo eficaz, não é necessariamente, pode ser, mas, acho que utilizarmos de uma forma sistemática como utilizamos os recursos tecnológicos, e se usamos aí o uso do *Power point* e falamos também dos computadores portáteis, e claro que poderia estar a falar de tanta outras coisas entre as tecnologias. Então para as áreas das especialidades para disciplinas laboratoriais trouxeram vantagens sensacionais, como é óbvio, mas para as cadeiras ditas teóricas que exigem entre tudo uma reflexão, que precisam do pensamento do autor etc. há dificuldades novas que são (...) os alunos acabam usando o *Power point* como o único material presente que lhes interessa, eles parte do principio que ali está tudo que e o que é fundamental para estudar para o teste.

GP: NESSAS DISCIPLINAS MAIS TEÓRICAS, HOVE RESISTÊNCIA DOS PROFESSORES À INTRODUÇÃO DAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS?

HP: Em alguns casos sim. Alguns professores sim, e eu digo muito algo por mim própria eu não sou muito entusiasta, em regra, em geral eu nunca reajo muito a qualquer novidade tecnológica embora depois acabo por tirar partido por poder sentir as utilidades que as tecnologias podem trazer, mas sou, portanto um pouco ludita, em contra partida não sou uma entusiasta. Mas acho que há entre os docentes uns entusiastas e há outros docentes que criaram uma certa resistência em alguns casos não dão as aulas com o *PowerPoint*, conheço alguns casos como, por exemplo, no curso de línguas os professores continuam a utilizar o quando preto e que é um recurso que já está em extinção, mas pra algumas matérias é fundamental como nas disciplinas de matemática, na física onde é preciso escrever fórmulas, a explicar como ela evolui, por exemplo, como é o caso da matemática, ou nos casos de línguas para explicar uma regra gramatical, enfim, o uso do quadro preto é ainda 100% na

área das ciências humanas e no curso de línguas, por exemplo, que não usam o *Power point*, colegas mesmo aqui das ciências sociais que aderiram o uso do *Power point* digamos que já muito recentemente muito tarde. Enfim, eu acho que aqui há algumas resistências, há diferentes caracteres de abstenções, há diferentes experiências, de certo que, todo ensino está cada vez mais desenhado no sentido profissional do docente a transformar o ensino em ensino mediatizado. Neste momento, por exemplo, o sistema de *e-learning* da Universidade do Minho sofreu uma alteração este ano, nós tivemos uma plataforma mais complexa do que aquela que tínhamos de até o ano passado, isto tendo em vista a uma implementação da qualidade do ensino que visa avaliar tanto os alunos como os docentes como as disciplinas, e cursos e etc. a partir da utilização das ferramentas *online*, dos materiais que disponibilizam ou não online, portanto tudo isto é desenhado cada vez mais no sentido de transformar o ensino cada vez mais tudo isto é desenhado para transformar o ensino cada vez mais em mediatizado em última instância num ensino até à distância e etc. que dispensa até a presença humana, podemos fazer os testes online, outros colocam os trabalhos online, podemos enviar emails online, podemos até fazer uma conferência com os alunos online, os alunos também podem escrever questionários se gostam do professor ou se não gostam do professor online, enfim, é tudo online. É depois haverá um (...) que vai avaliar tudo isto e dizer se o curso é bom ou não, ou se o docente é bom ou não, por que colocam muitos textos, ou colocam poucos textos, se falam pouco com as pessoas por email. Então, isto assusta neste caráter, do controle da vigilância que eu acho que as tecnologias podem ser perigosas, na medida em que elas servem muito mais por causa do controle da vigilância e entristece-me por que isto reduz muitas vezes a avaliação do ensino a uma avaliação que é feita a partir de materiais auto... que são feitas a partir do processo dessas interações. Enfim, acho que a área de ensino é muito complexa, e ser professor nunca foi fácil, e não é fácil hoje mesmo com todos esses recursos.

GP: NO CAMPO DO ENSINO, O SR./SRA. PERCEBEU QUE AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS TIVERAM IMPACTO SOBRE O CURRÍCULO? (PODERIA HISTORAR A FORMA COMO SE DEU A INTRODUÇÃO DE DISCIPLINAS ASSOCIADAS ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CURRÍCULO ENTÃO EXISTENTE. FOI UMA “REFORMA” (REFORMAS) EM UM MOMENTO ESPECÍFICO? FOI UMA INTRODUÇÃO GRADUAL DE DISCIPLINAS ASSOCIADAS ÀS TEC. DIGITAIS?

HP: A mudança foi radical! Se nós compararmos o atual plano com o plano anterior pré Bolonha, de fato os planos são radicais. Por um lado estamos a falar da transformação de um curso de cinco para um curso de três anos, isto implica até do ponto de vista quantitativo a deixar de fora uma quantidade enorme de disciplinas. Logo a repensar todo o plano de estudos a fundo, não houve uma passagem propriamente progressiva, tanto que o Processo de Bolonha apanhou alunos bem antigos de licenciatura, que tiveram que radicalmente passar por um plano completamente novo, e tivemos aí uma dificuldade imensa que de converter o plano destes alunos de uma antiga para uma nova licenciatura. E houve uma fase bastante dramática de alunos que tinham uma expectativa de fazer um curso de cinco anos, e, portanto, foram engolidos por esta passagem a Bolonha. O próprio nome das disciplinas, o plano é feito de disciplinas com um nome completamente diferente na maior parte dos casos, com programas diferentes, com matérias diferentes. Agora há aqui aspectos que permanecem, uma delas tem haver com as áreas de especialidades, tanto antes como agora o curso sendo uma licenciatura que não oferece uma formação numa área de especialidades, portanto antes o curso se chamava comunicação social e atualmente ciências da comunicação, o que quer dizer que tanto antes como agora este curso não é um curso de jornalismo, não é um curso de publicidade, não é um curso de relações públicas, não é um curso de audiovisual e multimédia, mas é tudo isto, ou seja, tanto antes como agora sempre houve uma preocupação: por um lado, formar os alunos com disciplinas comuns genéricas e transversais, e por outro lado, dar-lhes alguma formação mais específicas nas diversas áreas de especialidades. Neste momento temos três áreas de especialidades, temos formação em jornalismo, publicidade e relações públicas e áudio visual e multimédia. E estas três áreas de especialidades são pro curso diferenciados que os aluno fazem a partir de uma altura do curso, mas, não constam no diploma como tal. O diploma é todo igual, os alunos saem com os diplomas tudo igual independentemente de ter feito esta especialidade ou aquela, não é um curso de especialização, introduz uma formação de base numa das áreas de especialidades, sendo que no primeiro momento os alunos têm até a oportunidade de serem introduzidos a todas as áreas, há dois ateliês, dois laboratórios, de comunicação e informação I e II em dois semestres diferentes que permitem aos alunos conhecerem várias em módulos vários um primeiro contato com todas as especialidades e só escolhem depois de terem este primeiro contato, num segundo momento então se escolhe uma área de especialidade e nos últimos anos da licenciatura, a partir de uma altura fazem então um curso diferenciado, mas o diploma não é uma diploma que traduza nenhum tipo de especialização, é ciências da comunicação.

GP: MESMO COM ESSE DIPLOMA ÚNICO, ELE PODE EXERCER TANTO O JORNALISMO QUANTO A PUBLICIDADE? NORMALMENTE O MERCADO ACEITA?

HP: Sim. Aceita e não aceita, em Portugal se desvalorizou muito e muito rapidamente a licenciatura, tanto que atualmente o grau de licenciado é social e efetivamente bastante desvalorizado, por um lado do ponto de vista da apresentação social isto já não retribui tanto valor, isto é como ter a quarta classe no meu tempo, ou seja, não se valoriza socialmente o grau, as pessoas dizem, “há isto não é nada”, agora toda gente faz mestrado e alguns e cada vez mais até doutoramento, então tá a desvalorização do grau. E mesmo no mercado como uma oferta muito grande, há muitos alunos formados na área, e o país é pequeno e o mercado é pequeno, cada vez mais se os alunos são muitos que estão à procura de um emprego, e cada vez mais, mais alunos tem mais formação acadêmica, é natural que o mercado também vai ficando mais exigente. Por exemplo, se eu tenho dez candidatos e destes dez alguns tem mestrado isto quer dizer que prefiro os que têm mestrado, no nosso caso é particular até por que é no mestrado das ciências da comunicação que os alunos têm a oportunidade de fazer estágio. Portanto digamos que a sua formação na área de especialidade e a sua formação na via profissionalizante do curso só está verdadeiramente completa com o mestrado. Por que inclusive é no quadro do mestrado que eles fazem o estágio curricular na área e o aluno que procure um emprego sem ter pelo menos um estágio que é um dos atrativos principal do nosso mestrado, digamos que ele tem poucos recursos para poder fazer valer a sua competência acadêmica no mercado. O que não quer dizer que o aluno com licenciatura não possa procurar emprego e com este plano pode procurar em qualquer área, porque não é especialista em coisa nenhuma, ele só vai se especializar no nível do mestrado, aí sim sai com um diploma diferente, mestrado em ciências da comunicação, área da especialidade e tal. A área do multimédia, nós tínhamos o audiovisual e não a área do multimédia, por que a área do multimédia é nova, é uma área muito presente no nosso curso e atualmente é uma área nova e não existia também no antigo curso.

GP: SOBRE A CAPACITAÇÃO DOS DOCENTES, EXISTE UM PROGRAMA ESPECÍFICO DE CAPACITAÇÃO CONTÍNUA DOS DOCENTES? POR EXEMPLO, NO BRASIL NÓS TEMOS PROGRAMAS SEMESTRAIS. NÓS CHAMAMOS DE SEMANA PEDAGÓGICA, EM QUE NÓS PARAMOS PARA DISCUTIR FORMAÇÃO, PARA PLANEJAR, PARA PERCEBER NOVAS DEMANDAS, DOCÊNCIAS, NOVAS

CAPACIDADES PEDAGÓGICAS. EXISTE ISSO AQUI NA UNIVERSIDADE OU CADA DOCENTE REGE A SUA PRÓPRIA AUTOCAPACITAÇÃO?

HP: Nós somos autoridade da nossa formação enquanto “pedagogos”. Era assim quando comecei a dar aulas e vai continuar sendo assim, portanto, eu quando comecei a dar aulas tinha acabado a minha licenciatura recentemente, enfim, e disseram: olha vais dar essa disciplina, vais dar aquela, para utilizá-los começa em X e pronto. E somos assim meio atirados aos cãesinhos.

GP: COMO É QUE VOCÊS FAZEM A APROXIMAÇÃO COM O PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO? POR EXEMPLO, NO BRASIL NÓS FAZEMOS A REFLEXÃO SOBRE ESSAS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO PROJETO A CADA SEIS MESES, NÓS VOLTAMOS A OLHAR PARA ISSO, COM O FIM DE DISCUTIR E PARA SABER SE NÓS ESTAMOS CAMINHANDO. A FORMAÇÃO É UMA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA TAMBÉM.

HP: Acabamos por ter canais que acabam por traduzir a informação pedagógica por caminhadamente. Nos encontros regulares que temos por via das reuniões e os diversos órgãos, por exemplo, se há em algum nível de algum departamento de ciências da comunicação nós temos reuniões tanto regular, tanto ao nível das questões mais direcionadas para as questões científicas ou para as questões geral do curso e etc. E nessas reuniões nós discutimos tudo aquilo que possa eventualmente constituir um problema com a questão da disciplina, nós discutimos assuntos relacionados com os alunos, com as aulas, com o plano e recentemente discutimos algumas questões de algumas alterações relacionadas com a ordem das disciplinas, discutimos qual a ordem pedagógica se essa disciplina acaba sendo primeira ou vai ser depois e tal. Portanto, nós acabamos por trabalhar sistematicamente nosso plano, tanto que temos que sentar pra fazer algumas alterações, em função dessa alterações que fizemos de todo o plano e fazemos essas reflexões por ouvir as aulas os alunos e etc. Temos vários canais, temos também uma órgão que se chama comissão do curso e esse órgão é composto por alunos e docentes, é composto pela direção do curso por um aluno representante da turma e por uma grupo representando os alunos. E nessas reuniões nós sistematicamente regularmente quando acontece essas reuniões os alunos fazem porta voz da turma, dão conta de como está o andamento dos preparos e os docentes por sua vez também falam da turma como é que está, se está tudo bem ou não está. Planeamos por exemplo as avaliações no início

de cada semestre, fazemos um plano com os alunos no início do semestre da sabem vão ter que dia tal entregar um trabalho aqui um trabalho prá acolá e fazemos planejamentos de aulas, em conjunto e temos atualmente a nível de escola e, portanto o ICS (instituto de ciências sociais), um órgão que se chama conselho pedagógico que está presente em todas as escolas e esta é uma novidade apresentada à reestruturação orgânica da própria Universidade que é recente, pois vejam só que foi criada ainda este ano, e no conselho pedagógico discute-se tudo que esteja com os processos de ensino. Este órgão é (...) é um órgão paritário. Então tantos por cento....

GP: É NESSE ESPAÇO QUE SE DISCUTE A CONVERGÊNCIA NA FORMA COMO AS DISCIPLINAS SÃO PRATICADAS?

HP: É assim: neste órgão estão presentes alunos e docentes de todos os cursos da escola de ciências sociais, então, digamos que não é um espaço onde se possa ter uma conversa que tenha por objeto questões de prognóstico.

GP: HÁ UMA CONVERGÊNCIA NA FORMA COMO AS DISCIPLINAS SÃO PRATICADAS? EU TENHO DISCIPLINAS TEÓRICAS, PRÁTICAS, MAIS TÉCNICAS, ELAS CONVERGEM PARA FORMAÇÃO OU ELAS VÃO SEGUINDO, A PRIORI, EM QUE FOI PLANEJADO QUANDO SE ESCREVEU O PROJETO? SE FAZ O ACOMPANHAMENTO?

HP: Por um lado o plano está nascendo. Nós passamos a Bolonha a de fato recentemente e se temos sofrido às diversas alterações mesmo assim o plano e resultam já desta avaliação que vamos fazendo do próprio plano, por exemplo, não estava isso, é preciso mudar aquilo, a partir do próprio plano é pensado no conjunto tendo em conta essas convergências, a partir do próprio plano foi pensado atendendo a uma formação completa que se espera que o aluno tenha. Por outro lado, em reunião nós temos discutido muito a necessidade que temos de por vezes trocar informação e impressões que levem a melhorar a articulação entre algumas disciplinas, além disso, o que não quer dizer que façamos isso de modo perfeito. Além do mais nas áreas de especialidades os docentes também se organizam em equipes por áreas de especialidades e desse ponto de vista eu acho que funcionamos bem e ou pelo menos há uma grande preocupação em articular sistematicamente as matérias no que tocarem as especialidades, ou seja, os professores da área de jornalismo e informação pensam seus

programas individualmente, por enquanto é sempre em conjunto, permanentemente em equipe que trabalham as suas disciplinas como um conjunto e o mesmo no que toca as outras áreas. Pois é um conjunto de disciplinas, são transversais a todos os alunos, enfim, que a partida e os problemas estão disponíveis e se quiser, portanto, conhecer um problema da disciplina de um colega meu eu sei que posso ter esse problema, por exemplo, eu própria, designer, uma disciplina que estou a dar neste momento que mede a cultura contemporânea, nunca fiz o mesmo programa todos os anos modifico o programa da disciplina e mesmo assim não estou satisfeita, ou seja, vou o mudar o programa d próxima vez que der a disciplina e sempre que faço isto tento fazê-lo atendendo as matérias que elas dão nas outras cadeiras tendo por um lado por laço na matéria por outro lado complementar, por outro lado, enfim contribuir em fim vamos dizer que seja um componente qualquer.

Bloco 2 – Processos formativos

GP: ESSA FORMAÇÃO, QUE VOCÊ ME FALOU A POUCO, ESSE GRUPO QUE ARTICULA SER UM DIFERENCIAL DO PONTO DE VISTA DE FORMAÇÃO DA INSTITUIÇÃO, AQUI DIFERENTE DAS OUTRAS INSTITUIÇÕES DO PAÍS, PODERIA SER CONTADO COMO UMA MARCA DE VOCÊS AQUI DA INSTITUIÇÃO?

HP: Não tenho dados que me permitam a fazer esse tipo de avaliação, não sei como é que funciona em termo de docência os outros cursos, não tenho (...) não posso especular.

GP: MAS QUAL SERIA ENTÃO UM PONTO FORTE DO CURSO DE VOCÊS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO? QUAL SERIA A MARCA DO EGRESSO QUE SAI DAQUI DO MINHO?

HP: O que é certo é que, não tenho agora aqui presente em rigor quais são os critérios, mas, o que é certo é que nosso curso, enfim, como todos os cursos são pontualmente e periodicamente volta e meia são avaliados e nosso curso tem sido sempre até o momento muito bem avaliado com base em critérios que podem ser discutidos, mas que são aplicados a todos os cursos e com base nesse padrão eles são comparados entre si e o que certifica que nossos discentes são sendo bem avaliados. De fato eu suspeito haja qualquer coisa que tenha

haver com esse trabalho em equipe. Mas é um trabalho em equipe o qual nós fazemos, digamos não oficialmente, não é a instituição, a Universidade do Minho, nem são tantos canais oficiais do que falei que fazem a diferença, eu acho que é o trabalho informal que fazemos por iniciativa, por iniciativa que foram se tornando práticas habituais internas, mas eu acho que é este trabalho espontâneo mais sistemático que fazemos do trabalho talvez em equipe como um todo que faz a diferença. Isto pensando e suspeitando que é capaz de haverem uma razão comum que leva que o nosso centro de investigação tenha sido também recentemente muito bem avaliado. Penso que uma das críticas que na altura se fez a outros centros que não o nosso, e o nosso não está distinguindo, por exemplo, pela quantidade de publicações não tanto por aí, mas pelo fato de fazermos muito trabalho em equipe e houve outros centros a ter com que momentos individualmente representariam até um valor acrescentado, mas que não se mobilizavam por via do coletivo e da equipe, digamos que não apresentavam uma coerência interna tão forte. Suspeito que talvez que essa possa ser uma hipótese, claro. Ainda a pouco alunos nossos vinham falar comigo, por que num dos casos um aluno, por exemplo, o aluno fazia, foi fazer mestrado lá fora e não quis fazer o nosso e foi pra outra universidade fazer o mestrado na área de jornalismo noutra universidade, dizia, ah professora sem dúvida nós temos muito mais bem preparados. Por que que isto acontece? é estranho, eu própria estou intrigada, por que, por exemplo, em termos de equipamentos, termos recursos tecnológicos, dos equipamentos de laboratórios, por exemplo, os cursos ensinados como em Porto e Lisboa da nossa área estão muito muito bem apetrechados. Estão mais próximo do mercado, das empresas portanto, tem docentes que são em sua maioria também profissionais, do ponto de vista profissionalizante até poderiam apresentar muitas vantagens por que é uma área de fato que às vezes requer essa competência profissional da parte dos próprios docentes em cadeiras que digamos mais práticas e também fico um pouco intrigada, não sei se é o fato do nosso curso ser ainda um híbrido quando dizia que o curso de início tinha sido desenhado a pensar sobre tudo na formação do aluno em termos de cultura em geral, preocupação com filosofia com sociologia eu acho que este curso ainda é um híbrido, portanto como seja embora cada vez mais difícil conciliar essa via mais profissionalizante com aqueles mais clássicos que (...) de um plano anterior, é um híbrido, mais é quase que uma esquizofrenia eu procurar reunir essas duas qualidades, mas eu acho que é ainda herdou essa natureza mais clássica. O que quer dizer que somente nestas tais disciplinas que são menos popular aos olhos dos alunos, por que é preciso ler, é preciso fazer trabalhos, nem tudo passa só pelo computador, etc. é preciso parar de estudar pelo

computador, é preciso ler, é preciso pensar, é preciso refletir, não é só produzir vídeo ou coisa do gênero. Não são muitas as disciplinas populares para os alunos digo eu, mas são disciplinas talvez que consigam ainda desenvolver algumas apetências de uma via estritamente profissionalizante a concentrar os alunos, talvez seja essa a diferença também.

GP: AS PRÁTICAS DE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO, EXISTENTES EM SUA INSTITUIÇÃO, MUDARAM COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS? COMO?

HP: Em termos de disponibilização do autoponto da investigação acho que há uma grande diferença e no bom sentido, o fato de agora termos tudo que é auto... da investigação, relatórios, textos e etc. tudo online , seja no escritório, seja no próprio site do centro de investigação disponibilizar via online faz com que os alunos mais facilmente possam ter acesso ao auto (...) da investigação. Por esta via sim, mesmo por que, vamos supor, ela tem que fazer um trabalho, fazem pesquisa online ou acabam por vir ao escritório da universidade, acabam por usar como fonte trabalho de investigação, portanto, acho que em termos de divulgação de disponibilização acho que se aproximou sim.

GP: MAS A PRÁTICA NA LICENCIATURA? O ALUNO SER UM PESQUISADOR NA LICENCIATURA, ISSO É MUITO FORA DO PADRÃO? POR QUE NO BRASIL A GENTE JÁ FAZ ISSO DENTRO DA LICENCIATURA, DESENVOLVE PROJETO DE PESQUISA, PARTICIPA COMO ALUNOS DE INICIAÇÃO (COM BOLSAS ESPECÍFICAS PRA ISSO)?

HP: nós temos também bolsa para a licenciatura, mas, sobretudo, para mestrado e doutoramento. Apostamos mais. Por que a formação dos alunos licenciados muitas vezes é ainda realmente muito frágil. E a colaboração ao objeto de investigação apesar de tudo exige já alguma maturidade acadêmica em fim e mesmo até pessoal. Portanto, nós também temos volta e meia bolsas para licenciados para a execução de tarefas em projetos enfim. E os alunos tem uma disciplina que se chama métodos de investigação um, depois dois, e no quadro dessas disciplinas e também são iniciais quanto às tecnologias, quanto às técnicas de investigação. Muitas estão sensibilizados para projetos de investigação que estão de fato a concorrer, em que serão apresentados como exemplo, etc., mas digamos que há aqui uma

primeira introdução à investigação na licenciatura, mas, temos frequentemente os alunos do mestrado e do doutoramento que colaboram com os nossos projetos de investigação do centro.

Bloco 3 – Impacto dos processos macro de ajustes educacionais/jurídicos

GP: COM RESPEITO A BOLONHA. AS MUDANÇAS QUE BOLONHA PRATICAMENTE IMPÔS DE UM LADO, MAS QUE AINDA ESTÃO EM PROCESSO. HOVE ENTÃO TRANSFORMAÇÕES DE FATO NOS PROCESSOS? MUDOU A FORMA DE PENSAR, A TEORIA, A PRÁTICA, A PROFISSIONALIZAÇÃO, OS CURRÍCULOS, OU FICOU MAIS NO CAMPO DISCURSIVO?

HP: Não ficou no campo discursivo, por que os planos mudaram e houve aqui imposições que nos obrigaram a mudar uma série de coisas. A mudar planos de estudos, modos de avaliar os alunos, portanto, mudou completamente o sistema de avaliação, portanto, as mudanças são efetivas e tudo de fato mudou. Agora no plano discursivo parece que tudo mudou porque houve uma grande pressão nesse sentido e achamos que é só uma grande pressão e não uma imposição. Mas no plano discursivo não há hoje qualquer tipo de entendimento e acho que essa discussão até ficou um pouco suspensa, afinal, o que se pretende com isto? Que filosofia nova é essa que desejamos para o ensino? Acho que existe muitas questões de fundo. Primeiro é que nunca foi muito claro pra ninguém o que é o projeto de Bolonha. É consensual a falta de esclarecimento do próprio projeto, a falta de clareza, então a opacidade de Bolonha acho que é partilhada por todos, depois essas contradições de Bolonha, em Bolonha se encontram contradições mal resolvidas, nós temos o REAPA, que regula uma série coisas, como é feita as avaliações dos alunos. E o próprio REAPA que é este documento regulador para a universidade encerra muitas contradições, quer dizer, por um lado a avaliação supostamente é contínua, portanto, os alunos são avaliados em continuidade do processo, ou devem ser. Por outro lado, enfim, há aqui algumas incompatibilidade por vezes entre isto e, por exemplo, a manutenção de figuras como o exame que é a possibilidade do aluno, por exemplo, em vez de (...) Vamos supor no entendimento dos alunos uma alternativa “mal posso não por os pés nas aulas, posso não fazer nada durante o semestre e faço o exame”. E digamos que, e os regulamentos que regulam os modos de avaliação, o que os alunos podem ou não podem fazer, encerram muitas contradições, eu acho que há muita.

GP: SUA AVALIAÇÃO PARA FORMAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, COMO É QUE VOCÊ AVALIA O IMPACTO DE BOLONHA NA FORMAÇÃO EM SI? PORQUE A MAIORIA DOS COLEGAS QUE ENTREVISTEI, TODOS TEM MA AVALIAÇÃO NÃO MUITO POSITIVA. ELES FALAM QUE HOJE O ALUNO SAI COM MAIS TITULAÇÃO, ANTES ELE GASTAVA CINCO MAIS DOIS, HOJE ELE GASTA TRÊS MAIS DOIS, NA MAIORIA DOS CASOS. SAI MAIS TITULAÇÃO MAS, MENOS PREPARADO VIVENCIALMENTE, INTELECTUALMENTE TAMBÉM FALANDO. ESSA FOI A EXPECTATIVA QUE EU PERCEBI NA MAIORIA DAS ENTREVISTAS.

HP: O que parece é que (...) Eu falava das contradições de Bolonha e uma delas tem a ver com isto. A partir de Bolonha cria, sobretudo uma coisa. Acompanhamento mais personalizado, mais contínuo, mais individualizado a tempo em si. Ora isto é incompatível com a massificação do sistema neste sentido. Portanto nós lidamos com turmas de setenta a oitenta alunos, ou às vezes mais, e estão em nível de licenciatura e ao nível de mestrado. Porque temos os nossos, nós temos limite de vaga de sessenta depois há os alunos que passaram, e há os que vêm por via de transferência, os que vêm por via de Erasmus etc., etc. Setenta e tal pelo menos muito atualmente nesse sistema. Como aplicar um sistema de acompanhamento contínuo e até individualizado, com a figura da tutoria não é, falava-se muito quanto à figura do tutor e da tutoria com setenta e tal aluno. Com esta contenção de custos, há cada vez menos docentes. Por que agora temos a oferta. Em lugar de uma licenciatura agora temos três ou quatro. Aqui há muitas esquizofrenias. A querer muito o céu e a terra. Aqui há muito disto. Portanto, de fato estas são as contradições de Bolonha em isto eu não concordo para a qualidade do ensino é óbvio. E acho que esta atrás das exigências que também desceram muitíssimo. O mestrado hoje não tem nada a ver com o que era o mestrado. Se (...) a titulação, a titulação hoje quer dizer muito pouco e também se desvalorizou esta mesma titulação, em termos de grau de dificuldade que o mestrado representava para o acadêmico antes de Bolonha, esse grau de dificuldade que se existe agora para o mesmo grau. Portanto, com muitíssima mais facilidade se faz hoje um mestrado. E daí são estas questões todas que fazem todo o sentido. No fundo estes alunos estão a completar o mestrado, quando na verdade eles estariam a completar a licenciatura. No fundo cria-se aqui o artificialismo puro artificialismo para apresentar estatísticas ao governo e na Europa, quer dizer que as universidades portuguesas melhoraram muito. Diz-se agora que formamos mais licenciados, mais mestrados pelos números. Tudo mudou isto é para os políticos. Os políticos podem

apresentar mais números e dizer que tudo melhorou, por que há mais números, mas, esses números são vazios. De fato eu vejo para os quinhentos alunos com licenciatura que por ventura vinham a fazer o mestrado tal como o mestrado deveria ser, e que passam porque tem facilidade como critério de exigência chegam muitíssimo. E por que nós nos adaptamos ao sistema, e o sistema é isto.

GP: COM ESSE PROCESSO TODO, COMO É QUE O CONJUNTO DE PROFESSORES SE MANIFESTOU? HOUVE RESISTÊNCIA OU NÃO? OS ALUNOS ACEITARAM ISSO TRANQUILAMENTE ESSA TRANSIÇÃO TODA, A ESSA EXPECTATIVA DO MOMENTO?

HP: Na fase de transição propriamente dita, para aqueles alunos que foram apanhados no meio de um percurso de um plano antigo e que tiveram que passar abruptamente para um plano novo, essa fase foi dramática, os alunos resistiram, ficaram com suas expectativas frustradas, houve muita tensão gerada nessa altura. Os docentes que tem a experiência do antigo e depois, normalmente não estão muito contente com este depois. Não houve uma resistência organizada, é uma insatisfação que se exprime em conversa por todos, por via de e-mail, mas não houve uma resistência organizada. Eu acho também que o professor de nível superior não se organiza para protestar em relação ao que quer que seja. Não temos esta cultura. Enfim, enviamos mensagens uns aos outros no protesto e fica só nisso também não se cogita nenhum protesto organizado. E adaptamos nas generalidades os docentes do nível superior, digo isto por que não conheço e não posso falar dos outros, mas somos muito conformistas. Acho que protestamos, mas são protestos que não se organizam numa ação conjunta e vamos andando, vamos adaptando e vamos sempre respondendo ao discente. Acho que somos muito obedientes.

GP: NA RELAÇÃO QUE VOCÊS DESENVOLVEM COM OUTRAS UNIVERSIDADES? COMO? HOUVE APROXIMAÇÃO DE INSTITUIÇÕES OU ANTES UM MAIOR DISTANCIAMENTO?

HP: Curiosamente uma colega minha que é responsável pela mobilidade e Erasmus na nossa área e no nosso curso e isto curiosamente este é um dado muito preocupante. A mobilidade dos nossos alunos, a ida dos nossos alunos pra fora. As disciplinas de intercâmbio entre

universidades diminuiu drasticamente. Os alunos ficam cada vez mais não vão lá pra fora. E não atribuo apenas as visões econômicas, eu acho que aqui há outros fatores mais complicados. Em termos de intercâmbio entre as universidades a nível nacional ou internacional, por parte dos docentes, pelo lado da contenção financeira eu acho que também tem seu impacto, por outro lado, parece que não haja nenhuma ação significativa. Será pelo contrário que o que testemunho cada vez mais e sobre tudo que as razões financeiras e econômicas que imperam, a contenção, nos custos que englobam a contenção no financiamento de despesas de mobilidade ligadas a mobilidade e etc. etc. Se bem que não passa só pela mobilidade física, por outro lado, para a combater a dificuldades financeira das universidades, os docentes às vezes complementam com gastos, enfim, para poder enfrentar projetos em conjunto.

GP: SE VOCÊ PUDESSE, EM POUCAS PALAVRAS, DIZER O QUE FALTOU EM BOLONHA, NA SUA CONCEPÇÃO, NA SUA PERCEPÇÃO DESSE PROCESSO TODO COM A EXPERIÊNCIA, DO ANTES E DO AGORA, O QUE DIRIA?.

HP: Eu acho que faltou tempo, o tempo se impôs uma grande pressa a tudo. Eu quando me dei conta para Bolonha, Bolonha já estava acontecendo, pois acho que não teve tempo para pensar nem discutir Bolonha. Acho que não foi dado esse tempo. Acho que não discutimos, acho que o assunto já estava arrumado, como decidido. Eu acho que pensar o ensino é uma situação muito séria, o ensino, a investigação é muito séria, e acho não fomos participantes pelo fato do processo ser muito apressado. Eu acho que o que faltou foi sobre tudo, tempo.

GP: TEMPO DE DISCUSSÃO DE REFLEXÃO? POR QUE BOLONHA É DE 1997 E AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES EM 1998. POR DEMOROU MUITO PARA EFETIVAR?.

HP: Logo que nos demos conta que Bolonha era uma realidade em Portugal foi há muito pouco tempo – o processo lá fora inicial foi muito antes, mas na forma de realidade foi há muito pouco tempo (...) E é preciso mudar tudo e foi nos dado um tempo record, e nós tivemos que mudar os planos todos num tempo record (...) mas acho que faltou esse tempo.

5. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DO MINHO (UMINHO)

Entrevistado: Prof. Dr. Manoel Pinto

GP: Bloco 1 – Dinâmica de transformação das estratégias de formação académica

GP: DESDE QUANDO O SR./SRA. PERCEBEU ALGUM IMPACTO CAUSADO PELAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS SOBRE A DINÂMICA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NESTA INSTITUIÇÃO? COMO CARACTERIZARIA ESSE IMPACTO?

MP: Eu não posso falar pelas as últimas décadas porque conheço mais, sobretudo, a última década. Primeiro porque Portugal tem uma tradição ainda muito curta em formação académica em jornalismo, tradição que comparada com outros países é bastante muito recente e dentro desse carácter recente a parte que eu tenho tido intervenção é ainda mais curta. Eu comecei em 95, 98 a colaborar com este curso estava antes numa outra escola da universidade mais ligada a área da comunicação a formação de formadores para o consumo crítico da mídia. A impressão que tenho é que houve claramente um reforço da presença e do uso das tecnologias nos cursos de jornalismo, houve com Bolonha uma acentuar do acompanhamento profissionalizante com as preocupações da aquisição de competências para o aluno de ferramentas numa prerrogativa *multimédia*, mas eu continuo a achar que há uma grande disparidade entre uma iniciação discursiva entre o que é desejável e a prática concreta hoje com lições da prática, e é para mim é um grande equívoco da forma de Bolonha é que preconiza um trabalho do ponto de vista da aprendizagem e do ensino mais personalizado mais autónomo mais com uma produção da carga presencial ativa e mais uma interação entre os pequenos grupos em editoriais em acompanhamento a distância da formação dos futuros jornalistas e dos outros profissionais, mas de fato o dispositivo espacial antigo não mudou absolutamente nada o que eventualmente mudou foi a “adoção” de espaços antigos de laboratórios com equipamentos que são usados em determinadas unidades curriculares mais o número de alunos por turma a dificuldade de contratar novos docentes nomeadamente também práticos e para acompanhar esse esforço e esse desejo de reforçar o componente mais profissionalizante e portanto embora às vezes nos planos e nos desejos e objetivos haja essa tônica no processo de ensino e aprendizagem mais ligada à prática eu acho que ainda é insuficiente e que ainda temos bastante a percorrer, dito assim de uma geral, é verdade que há uma presença maior das tecnologias e hoje essa questão das tecnologias é menos dramática do

que foi sobretudo porque as tecnologias também mudaram muito a sua natureza se tornaram mais versáteis, mais portáteis, mais centradas em plataformas que fornecem serviços aos quais nós acessamos do que propriamente software que precisemos comprar para usar. Portanto há aqui uma mudança que por um lado é induzida pela tecnologia e a outra que é induzida por uma “inserção” de uma nova relação entre a teoria e a prática e é aí que eu diria que nós procuramos articular a presença de acadêmicos com uma formação mais tradicional mais clássica mais teórica com a presença de profissionais mais práticos mas não na expectativa de alimentar esse fosso mas de fazer interagir, ou seja fazer com que os acadêmicos testem mais os quadros de referência teórica as suas metodologias em contato com os profissionais e no terreno e por sua vez incentivar que os práticos façam um percurso acadêmico. O eliminar ou atenuar a força entre a teoria e a prática não advém da presença entre teóricos e práticos vem da interação entre eles e também de um processo de produção e elaboração que coloca este confronto e esta tensão em jogo.

GP: NO CAMPO DO ENSINO, O SR./SRA. PERCEBEU QUE AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS TIVERAM IMPACTO SOBRE: AS PRÁTICAS DOCENTES? DE QUE TIPO, DESDE QUANDO? COM QUE ALCANCE (A MAIORIA DOS DOCENTES, QUASE TODOS, SÓ UMA MINORIA?) HÁ PROFESSORES RESISTENTES À INTRODUÇÃO DE MUDANÇAS EM FUNÇÃO DESSES IMPACTOS? (SE FOR O CASO) O QUE EXPLICA ESSA RESISTÊNCIA?

MP: Não resistência não. Há uma carência de pessoal para permitir uma metodologia de aprendizagem adequadas porque o uso das tecnologias que são andaimes de uma construção não são propriamente o objetivo da formação. Esse é desejado, é colhido e é praticado, mas não é com a extensão que nós desejávamos porque com a crise do acordamento com a crise econômica em geral as universidades tem uma margem de manobrimento reduzido e nos últimos tempos cada vez mais reduzida porque com a saída de pessoas pra fora não há autorização para contratar novos e a pelo contrario uma exigência aquecida do ponto de vista da oferta formativa ao nível das pós-graduações dos ciclos de estudos noturnos para novos segmentos da população que demandam uma formação acadêmica uma formação avançada portanto as condições concretas para o uso das tecnologias são mais difíceis hoje do que já foram.

GP: NO CAMPO DO ENSINO, O SR./SRA. PERCEBEU QUE AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS TIVERAM IMPACTO SOBRE O CURRÍCULO? PODOERIA HISTORAR A FORMA COMO SE DEU A INTRODUÇÃO DE DISCIPLINAS ASSOCIADAS ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CURRÍCULO ENTÃO EXISTENTE. FOI UMA “REFORMA” (REFORMAS) EM UM MOMENTO ESPECÍFICO? FOI UMA INTRODUÇÃO GRADUAL DE DISCIPLINAS ASSOCIADAS ÀS TEC. DIGITAIS?

MP: O que aconteceu foi que nós tínhamos algum componente de abordagem no modelo anterior mas era como ter “vinhos novos em odres velhos vamos utilizar essa metáfora”, com a reforma de Bolonha conseguimos alguns componentes conseguimos em primeiro lugar a arquitetura do curso, provavelmente a professora “Helena Pires” explicou, digamos em que no modelo anterior tínhamos três anos de abordagem gerais e comunicacionais com as disciplinas básicas e as disciplinas da comunicação e só a partir dos três anos para frente é que o curso tinha cinco é que havia uma abordagem progressiva em contato com o campo da profissão, com Bolonha nós deslocamos logo para o primeiro ano esse contato embora digamos assim numa lógica também de progressão e sobretudo qualquer do meio dos três anos do primeiro ciclo a opção por um ramo digamos assim por jornalismo por comunicação estratégica ou audiovisual e multimídia e aí eu creio que nós começamos primeiro com ateliês onde as várias áreas praticas dão fazem uma abordagem pratica para todos indiscriminadamente e só em função desde contato que dura três semestres e que os alunos depois são convidados a escolher e a partir daí tem abordagens meramente ao digital de uma forma mais especifica por meio de laboratórios ou de disciplinas especificas de meios digitais.

GP: NO CAMPO DO ENSINO, O SR./SRA. PERCEBEU QUE AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS TIVERAM IMPACTO SOBRE A CAPACITAÇÃO DOS DOCENTES? AUTOCAPACITAÇÃO? A UNIVERSIDADE TEM CURSO DE RECICLAGEM/FORMAÇÃO PARA DOCENTES?

MP: Há componentes pedagógicos e um incentivo a frequência dessas componentes dirigidas aos docentes, mas todos os docentes da universidade, portanto dão ferramentas dão diferenciais dão métodos e outros aspectos e depois cada um é que tem fazer a adaptação a sua área específica.

GP: É POSSÍVEL PERCEBER EM SUA INSTITUIÇÃO UMA PRÁTICA DE CONVERGÊNCIA NA FORMA COMO AS DISCIPLINAS SÃO PRATICADAS? COMO ISSO OCORRE?

MP: Sim isso foi pensado. Não estávamos numa de ter uma avaliação de um ciclo completo desse modelo, mas a concessão desse modelo foi feita tendo em conta essas três componentes: uma formação básica, uma formação profissionalizante de conhecimento das condições de exercício e uma formação técnica também. Que o debate vai ser um fator na avaliação do modelo eventual e formulação do futuro. Entre o que faz mais sentido hoje é uma abordagem pelos meios de comunicação, uma formação para determinados veículos específicos ou a criação de objetos em torno dos quais as competências são transversais aos vários veículos. Digamos assim: criar projetos “transveículos” ou transversais aos meios por meio dos quais digamos assim as competências também são pensadas de uma forma transversal. Isto é um fato importante sobretudo tendo em conta as transformações do exercício da profissão nomeadamente a exigência de uma polivalência e um “multitasking”. Eu não diria só multimídia porque a multimídia também é hoje uma linguagem própria, não é o mesmo somatório de competências de várias mídias, mas é de fato uma competência própria de um jornalista multimídia.

Bloco 2 – Processos formativos

GP: OLHANDO PARA O QUE É PRATICADO EM SUA INSTITUIÇÃO, DO PONTO DE VISTA DA FORMAÇÃO, O QUE DIFERENCIA ELA DAS OUTRAS INSTITUIÇÕES DO PAÍS?

MP: Diria que a “sensação” que eu tenho não vou muito longe no rigor que advinha de uma verificação através da investigação. Mas eu julgo que em primeiro lugar a ideia de que há uma equipe docente há um projeto de ensino partilhado por essa equipe, ou seja, não há um somatório de docentes a lecionar um curso, sim há um projeto assumido e praticado por uma equipe de docentes. Isto é um aspecto. Outro aspecto para mim importante é uma cultura ética que nós assumimos como “axial” a formação de jornalismo que somos talvez um pouco influenciados pelo doutoramento que tive também (...) que foi como eu também um

profissional durante muitos anos no jornalismo e tese dele foi precisamente mostrar que com as mudanças todas da profissão sobretudo com as novas manifestações de jornalismo participativo, pra falar nesses termos, e aquilo que define a especificidade do trabalho jornalístico é a ética, um conjunto valores que se traduz numa práxis que tem esse referencial ético, do respeito pelos direitos humanos, pela verificação e pela procura e por servir o interesse público, por tanto esses pilares do jornalismo que hoje tem que ser exercido num concerto muito mais complexo mas que os fazem produzir esse núcleo essencial uma cultura que nós procuramos depois repercutir nas várias componentes da formação.

GP: AS PRÁTICAS DE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO, EXISTENTES EM SUA INSTITUIÇÃO, MUDARAM COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS? COMO?

MP: Não posso dizer isso, a nossa componente de investigação aqui é muito forte é um curso que tem apoio-lo o centro mais bem avaliado do país é o único que tem excelente na avaliação externa feita pela fundação para ciência e tecnologia e olhando retrospectivamente tenho responsabilidade nisso porque sou o diretor do centro de investigação eu diria que o que acontece é que nós escrevemos as transformações no campo jornalístico numa das vertentes da investigação mas a vertente, mas as tecnologias foram um dos territórios objeto da investigação, mas não vou por causa das tecnologias não posso dizer isso, talvez tenha mudado do ponto de vista técnico da execução da investigação, por exemplo temos um servidor que permite fazer inquéritos geridos desde a sua formulação seu lançamento e o tratamento dos dados toda automática, mas não considero que isso altere o modo de fazer a investigação. Eu diria que foi ao nível da técnica e ao nível do objeto, fazendo da própria tecnologia um objeto de investigação.

GP: É POSSÍVEL PERCEBER EM SUA INSTITUIÇÃO UMA RELAÇÃO ENTRE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO E GRADUAÇÃO (LICENCIATURA/1º CICLO)? ESSES SÃO PROCESSOS COMPLEMENTARES?

MP: Em principio a investigação é uma componente do ensino universitário e nos assumimos isso, como é que isso se faz? É evidente que a vertente da investigação está mais presente no segundo e terceiro ciclo. Há primeiro a iniciação aos processos de investigação há por outro lado nas várias disciplinas uma valorização da atitude investigativa, nos processos de

avaliação, Bolonha incentiva essas metodologias mais do que o apelo à capacidade de assimilar o que o professor diz, é um trabalho em torno do aluno e de grupo de alunos numa perspectiva de pesquisa. Eu, por exemplo, dou a disciplina de história da comunicação e dos media logo no primeiro ano, primeira disciplina que os alunos tem e nós procuramos que eles contatem pesquisas sobre os materiais e não apenas conheçam a historia que seja uma experiência de investigação também isso acontece noutras disciplinas e há um fator que acredito que seja interessante nós temos criado a ideia aqui de que a investigação é importante, hoje a investigação é um caminho de emprego. Eu costumo dar exemplo aqui nós ouvimos nos dez temos dados empregos a uma duas dezenas de pessoas em trabalhos de investigação alunos. O Ministério da Educação mais de três dezenas o ministério criou uma linha de bolsas de integração em investigação para alunos que logo no primeiro ciclo queiram começar a colaborar em projetos para os quais tem uma bolsa que é pequena mas é um incentivo para que comecem aí e depois isso lhes dá currículo para concorrer a bolsas de investigação em projetos grandes do segundo ciclo depois a bolsas de doutoramento de pois a bolsa de pós doc., portanto há aqui um caminho de ganha a vida num contexto em que eles estão hoje com dificuldade de entrar no mercado de trabalho para aqueles que se interessam mais pela investigação de começarem a ganhar vida na investigação.

Bloco 3 – Impacto dos processos macro de ajustes educacionais/jurídicos

GP: Segundo a sua percepção, o que mudou em sua instituição com o Processo de Bolonha: No campo da formação em graduação/licenciatura? (Houve transformação nos processos ou apenas ficou no campo discursivo?)

MP: Sim, não é maioria porque os alunos só tarda, apesar do que a gente vai dizendo em aula tem aquela ilusão de que “eu vou conseguir”, e é isso, que aliás ainda bem. E nós temos o estágio profissional estágio em empresa nos segundo ciclo deslocamos do primeiro para o segundo ciclo isto foi uma pequena manobra para digamos assim para fixar aqui, porque nós acreditamos que nos três anos de base não são suficientes e o quarto ano ainda é um ano acadêmico mas o quinto ano já é um estagio na empresa com a elaboração do relatório ou então numa tese pode ser também o estágio e um projeto de investigação nós abrimos duas

vias de realização esse estágio pode ser mais acadêmico ou profissional de qualquer maneira é um estágio que está no segundo ciclo.

GP: QUE DIZER DESTA MUDANÇA DE BOLONHA (CINCO PARA TRÊS) ... EXIGE A MATURAÇÃO DO ALUNO?

MP: Eu não [tenho] essa percepção, mas tenho críticas a fazer ao modelo. As características dos cursos que nos construímos aqui produziram claramente um componente de formação que, eu diria, cultural avançada mas produziu do ponto de vista quantitativo, mas mantivemos o essencial disciplinas da psicologia, sociologia. Só que numa lógica semestral, antes numa lógica anual o que aconteceu que o nosso curso era pouco criticado pelos alunos por ter uma componente teórica excessiva e um déficit de componente prática e o que nós procuramos foi estabelecer um equilíbrio maior. Mas nós não concebemos um curso universitário sem uma sólida componente de formação cultural comunicacional das ciências sociais e de uma forma geral do ponto de vista da comunicação também mesmos a tecnologia não pode ser dada como uma técnica, a tecnologia também tem que ser abordada criticamente não pode ser o lado meramente prático como se a prática estivesse desconectada da teoria. Isso é uma coisa que mesmo nossos professores mais ligados aos laboratórios eles cuidam também nas situações de problematizar esse lado prático que às vezes é um grande blefe acreditar que há uma prática sem a teoria mesmo que seja implícita.

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DA FORMAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO/PESQUISA? (HÁ UMA RELAÇÃO CLARA DE CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO PROPÍCIO PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL-PROFISSIONAL?)

MP: Quando ele se desenvolve no primeiro ciclo é um modelo bastante diverso na medida em que apela mais a um trabalho permanente do aluno antes o que era vulgar era que o aluno ia as aulas lendo eventualmente mas sobretudo estudava no fim para os teste ou para os trabalhos finais e procurava fazer as disciplinas. Hoje há uma lógica da avaliação contínua obrigam o a uma trabalho de fato contínuo e a um trabalho maior do aluno em vista de que não há tanto a lógica dos exames este percurso da avaliação durante o percurso acaba por esvaziar um

bocado daquele drama daquela carga (...) aos exames, mas eu creio que forçou bastante esse trabalho e que é muito pautado pela lógica da investigação.

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DOS CURRÍCULOS? (AS MUDANÇAS CURRICULARES FORAM APENAS AJUSTES OU HOVE UM REDESENHO, COM REDEFINIÇÃO CLARA DE OBJETIVOS, EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS FACE ÀS NOVAS DEMANDAS?)

MP: O que mudou foi uma lógica nos três anos no primeiro ciclo. Para nós, a grande mudança foi a semestralização da informação porque tínhamos tudo em ciclos anuais, talvez com exceção dos estágio final, portanto essa lógica permite um flexibilidade na construção da grade, da emenda. E por outro lado outra medida do ponto de vista da constituição de um modelo foi a divisão dos três anos em dois períodos de três semestres cada um, ano e meio mais ano e meio, no sentido em que nos três primeiros semestres há um de todos os alunos a este curso que é ciência da comunicação depois com ramos. Há um contato de todos os alunos com as várias áreas do campo de tal maneira que ele pode está numa fase ainda de alguma indefinição pessoal para onde é que quer ir a alunos até que nesse contato dos primeiros semestres vão mudando a sua percepção do campo e reformulando a sua opção inicial com que entraram cá e portanto no final desses três semestres fazem uma opção por um caminho e mesmo aí nós procuramos que seja uma coisa que não seja demasiada abrupta, ou exclusivista. Damos ali uma margem deles, embora tenham feito opção mais estruturante ou que absorve por completo o resto do percurso, podem ainda combinar a zonas opcionais uma ou outra componente de outra área que possa calcular uma (...) mais adiante, mas creio que isso foi uma medida importante. Outra foi desde o inicio reequilibrar a relação entre teoria e pratica, em função da componente laboratorial a componente das oficinas dos ateliês que começam desde muito cedo do primeiro ano ao final e depois é claro mudança ao nível dos processos de avaliação e esta lógica de trabalho de grupo, cada semana tem uma leitura para fazer há uma pequena pesquisa para fazer ou para dar conta de um trabalho que vai ser apresentado mais adiante em cada semana tem uma etapa e portanto isso obriga a gerir de outra forma os tempos letivos que nós temos, vamos imaginar quatro horas dentro dessas quatro horas nós podemos fazer durante três horas uma abordagem mais centrada no conteúdo mais centrada no professor e depois outra parte mais centrada nos grupos de trabalho e

eventualmente uma ou outra que já é fora das aulas mas se trata na interação individual (...) outras circunstâncias (...).

GP: QUAL A SUA AVALIAÇÃO DESSES EFEITOS DE BOLONHA NO CURSO DE JORNALISMO EM SUA INSTITUIÇÃO EM PARTICULAR?

MP: Não tenho ainda, confesso que essa é uma dinâmica no modelo antigo tivemos avaliações oficiais que são desencadeadas a partir do ministério para ter uma prestação do que se está a fazer não houve nenhuma avaliação destas, é uma avaliação subjetiva porque tem o estado mais ligado ao doutoramento temo que percepção do primeiro ciclo não seja uma percepção finalizada ou rigorosa. Eu valorizo algumas coisas e verdade há um apelo a uma maior participação e trabalho por parte dos alunos por um modo de ensino menos livresco mas onde eu sou crítico é nas condições, eu acredito pouco na virtualidade formativa desde modelo sem alterar substancialmente as condições do seu exercício porque é preciso ampliar as equipes formadoras e é preciso que haja espaços para os alunos trabalharem quer autonomamente nos grupos quer com o docente dentro e fora das aulas.

GP: AS MUDANÇAS DESENCADEADAS PELO PROCESSO DE BOLONHA FORAM PERCEBIDAS E ACEITAS: PELO CONJUNTO DE PROFESSORES? DE QUE FORMA? (RESISTÊNCIA, AMBIGÜIDADE, TOTAL ACEITAÇÃO?) E PELOS ALUNOS? DE QUE FORMA?

MP: Houve alguma resistência, eu creio que não há mudança sem resistência, mas desde cedo houve resistências que são inerentes ao processo da mudança, mas houve resistência também que decorreram de uma discordância ao não acompanhamento da reforma com condições para sua viabilização. E com a desconfiança de que isto era, entre os objetivos, não ditos, era uma forma do estado (...) a responsabilidade pelos encargos de correntes de uma formação mais prolongada. Além de que é também um concessão que esta a implantasse progressivamente na Europa que é de uma lógica que nos podemos chamar em termos gerais e para falar com chavão meio “alivral” que é de formar técnicos com o mínimo de requisitos para serem funcionais ao sistema que podem de alguma forma depois dizer (...) desembrulhar-se no resto da vida “disinvestir” um pouco no aprofundamento. Porque é curiosas áreas em que isso que não aconteceu a gente vê isso comparando com as áreas em que se manteve uma formação

longa e aprofundada nos chamados mestrados integrados que foi a medicina a arquitetura direito as engenharias, creio que quase todas, ou seja, e a psicologia também. Há outra aqui que também que é a formação de professores.

GP: E NA RELAÇÃO QUE VOCÊS DESENVOLVEM COM OUTRAS UNIVERSIDADES? COMO? HOUVE APROXIMAÇÃO DE INSTITUIÇÕES OU ANTES UM MAIOR DISTANCIAMENTO?

MP: Eu creio que nos temos que separar a lógica dos cursos a lógica da investigação da formação . Porque nos projetos de investigação é frequente interações ao nível dos cursos. Eu penso que há uma expressão maior a não ser no terceiro ciclo, no terceiro ciclo há um incentivo maior nas políticas europeias e nacionais parcerias e projetos. Nos próprios temos um doutoramento em estudos culturais em conjunto com a Universidade da Beira, hoje a minha colega Helena Sousa esta hoje a dar aulas na beira agora tem um doutoramento que é nosso e deles, portanto um ano começa lá e outro ano começa aqui . E temos estado envolvidos em doutoramento a nível internacionais e mestrados internacionais, agora ainda sem sucesso, mas há esse apelo da própria universidade da Beira e do porto o campo do jornalismo tem um doutoramento em comum. A alguma mudança nesse nível mais a níveis mais avançados

GP:NO PRIMEIRO QUANDO HÁ ERASMUS...

MP: Aqui e quando famílias mudam pra outra cidade e pedem mudança de curso, mas é por outra razão não é para conhecer como é que é o ensino em outra universidade. Nós temos aqui alunos do Brasil neste sistema. É preciso ter em conta que Portugal é um estado dos mais pequeninhos do Brasil.

Bloco 4 – Outros direcionamentos

GP: NA PRÁTICA VIVENCIADA PELO SR./SRA, HÁ CONSIDERAÇÕES/DISCUSSÕES A RESPEITO DAS DEMANDAS DE MERCADO NO NÍVEL DAS COMPETÊNCIAS (COMPETÊNCIAS PRODUZIDAS NO CURSO X COMPETÊNCIAS EXIGIDAS PELO

MERCADO)? ATÉ QUE PONTO A FORMAÇÃO ATENDE ÀS DEMANDAS DO MERCADO? DEVE ATENDER?

MP: Sim nos fazemos essa discussão, não temos isso explicitado o que nos fazemos normalmente em dois momentos temos essa interação uma é na concessão do curso por pratica desta instituição quando temos um modelo mais ou menos desenhado reunimos os parceiros do mercado num *brainstorming* numa conversa para validação das ... ouvir a visão deles para eventual *talks* a inspiração e concessão é partir de aqui. O outro lado com os alunos nos cursos. Outro momento é quando temos esse *feedback* do mercado com os nosso alunos estagiários. Porque se acaba que com o contacto com o aluno lá e depois temos um responsável do estágio, desse aluno aqui e outro profissional que o acompanha lá e isto multiplicado pelo numero de alunos e pelos anos que experiência decorre vai nos dando um *feedback* interessante que eu creio do qual nos vamos colhendo ensinamentos. Agora eu acho importante que haja esses canais e estas interações mesmo a vinda dos profissionais que acompanham os alunos cá, mas recuso um ensino submetido aos ditames do mercado creio que é importante que o encontre, mas que não deva ser o mercado a condicionar a formação acadêmica e por outro lado até me recuso há uma lógica de uma formação acadêmica apenas baseada em competências. É uma forma demasiada redutora para a dimensão e o sentido e o alcance da formação que nós estamos a oferecer aqui

GP: AS DISCUSSÕES SOBRE MERCADO ERAM COMUNS ANTES DO PROCESSO DE BOLONHA OU A PARTIR DELE FOI DESENCADEADO ESSA PERSPECTIVA? COMO O SR/SRA. PERCEBE ISSO?

MP: Pelo menos no nosso caso ela já existia, já fazíamos essas metodologias de encontros e de *feedback*. E que agora começar a existir é uma coisa mais tenebrosa, há um discurso oficial que pretende ser um critério para validar os cursos acadêmicos, cursos que não tenham sucesso no mercado vão ter paralisações, nós podemos dizer que na nossa área não é problemática, mas a áreas onde isso é mortal. Isto significa que se perde a própria ideia da universidade que a universidade é esta pluralidade de formações e de ofertas se isto vai para uma oferta de mercado a oferta que não serão rentáveis que não são funcionais portanto é melhor descartar a ideia de universidade. É evidente que nós não queremos também sobretudo em áreas que interagem com mercado pôr-nos numa posição arrogante face ao mercado até

porque isso sai mais caro e é uma injustiça para os próprios alunos que nos procuram. Agora uma coisa ter (...) como uma coisa forte (...) e uma concessão outra coisa é fazer dela um critério dominante e mais grave ainda único de um modelo que é posto em prática, isso me parece preocupante e há hoje uma corrente, digamos, na Europa, temos uma lógica que é de criar um elite de universidades chamadas de investigação e depois universidade para as massas que podem ser qualquer coisa.

GP: O QUE O SR./SRA. ACHA QUE FALTA NESSE PROCESSO? QUE SUGESTÕES TERIAM PARA A MELHORIA?

MP: Eu simpatizo com a ideia de formações que tornem os alunos mais autônomos e mais investigativos. Tenho dúvidas se não foi uma transposição demasiado rápido e pouco testada de um modelo anglo-saxônico que se tornou hegemônico para grande parte da Europa isto era um lugar na Grã-Bretanha e nos EUA em algumas zonas, por exemplo, agora isto não pode ser assumido como tal quando nós temos 60 alunos por ano pelo menos que entram aqui, se nós queremos fazer um trabalho personalizado de acompanhamento individualizado nós precisamos de equipas docentes, não podemos pensar que um docente dá pra 60 alunos, isto pode funcionar digamos num ensino mais escolástico bastante tradicional não é uma formação que permita a interação e o acompanhamento de mais profissionalizadas e trabalhos virados para a investigação. Desse ponto de vista acho que falta cumprir Bolonha, ou seja, nos fomos atirados para um crescente trabalho os docentes e os alunos, mas sem que as condições objetivas tivessem alterado, ou seja, há aqui uma espécie de exploração do trabalho dos professores e dos alunos e dos outros funcionários não docentes sem os requisitos que eu acho que seria desejável, porque não faz sentido colocar um “midial autossatisfazer-se” por ter colocado ele é colocado à custa de um esforço enorme porque é evidente nos para fazermos isso aplicamos em um grupo de 80, 70 alunos temos. Nós temos que se desdobrar na mesma desdobrando- nos nós nos tempos. Sobretudo nos exigem cada vez mais ao nível da investigação e da prestação de serviços e isto por implicar que muitos dos docentes hoje tem uma vida de cão por que tem que trabalhar a noite no fim de semana nas férias é uma coisa muitas vezes muito violenta porque as exigências de intensificação da informação que vinha do passado, mais intensa, mais individualizada mais acompanhada em que os instrumentos de avaliação se repetem vezes o numero N de alunos, é muito exigente. Depois mais formação ao lado dessa porque é preciso escolher novos públicos, ampliar as parcerias com o exterior e ao

mesmo ampliar a investigação concorrer ao mercado que é muito competitivo dos concursos projetos de comunicação e etc. isso torna a vida um pouco dura.

6. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DO MINHO (UMINHO)

Entrevistada: Prof.^a Dr.^a Sandra Marinho

Bloco 1 – Dinâmica de transformação das estratégias de formação académica

GP: DESDE QUANDO O SR./SRA. PERCEBEU ALGUM IMPACTO CAUSADO PELAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS SOBRE A DINÂMICA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NESTA INSTITUIÇÃO? COMO CARACTERIZARIA ESSE IMPACTO?

SM: É, bastante, particularmente, a um nível muito específico que eu acho que devia ser até mais desenvolvido o que é. Temos um pano de fundo, uma lógica nova, pois durante muito tempo nos trabalhamos na divisão clássica de; isto são aula de imprensa, o aquilo são aulas de televisão, o aquilo são aulas rádio. E até durante um tempo aquilo são aulas do que se é jornalismo. E então durante muito tempo isso funcionou segundo esta divisão clássica. Aquilo que eu acho, no meu ponto de vista se eu puder eleger a transformação que eu acho mais interessante, é ter-se percebido que se pode manter mais ou menos essa estrutura mas tem que ver um ponto, tem que ser muito claro para os alunos, que isto está tudo numa plataforma e isso pode ser tudo ligado. E que é saudável que elas percebam isso. O que não quer dizer que não continuemos jornalistas que vão trabalhar para jornais, mas mesmo esses próprios jornalistas que vão trabalhar, por exemplo, para imprensa, em termos clássicos propriamente dita, tem que ter a obsessão que hoje em dia este tipo de jornalista tem que ter noção de multimédia, tem quem saber fazer uma infografia, que é vantajoso pra ele ter a capacidade de publicação que o jornal vai ter um site *on-line*, e que, claro podemos discutir se vai ser uma cópia daquilo que foi o impresso ou se é fato um portal. Aqui a alteração que notei foi ter-se passado de uma lógica de divisão estanque e clássica para uma lógica de interatividade.

GP: NO CAMPO DO ENSINO, O SR./SRA. PERCEBEU QUE AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS TIVERAM IMPACTO SOBRE: AS PRÁTICAS DOCENTES? DE QUE TIPO, DESDE QUANDO? COM QUE ALCANCE (A MAIORIA DOS DOCENTES, QUASE TODOS, SÓ UMA MINORIA?) HÁ PROFESSORES RESISTENTES À INTRODUÇÃO DE MUDANÇAS EM FUNÇÃO DESSES IMPACTOS? (SE FOR O CASO) O QUE EXPLICA ESSA RESISTÊNCIA?

SM: As digitais, sim, si até não necessariamente, sim no campo de jornalismo particularmente ao nível de multimédia que eu estava a falar. Teve que ver uma conversão das pessoas de jornalismo e, por exemplo, apoio numa disciplina de jornalismo no ultimo ano. E todos os colegas que estão nas disciplinas, a vocação dessa disciplina é unir os alunos que desenvolvam um projeto em que cruzem todas as linguagens. Nós tivemos, nos próprios tivemos que nos converter para pensar de outra maneira e sermos capazes de ensinar dessa maneira, desse ponto de vista e depois do ponto de vista que as transversões das unidades curriculares que é, utilizar ferramentas como, por exemplo, no *e-learning*, no “*blackworn*” muito maior e tem que ser intuitivo para os alunos saberem utilizarem essas ferramentas e outros aspectos, por exemplo, a nível da pesquisa, por exemplo numa coisa tão simples que uma unidade curricular no método de investigação, incentivar mais pesquisas em base de dados, por exemplo, uma coisa, esse tipo de alteração assim. No campo de jornalismo eu frisaria essa tal lógica multimédia que não imperava.

GP: SÓ RETOMANDO: HOUVE MUITA RESISTÊNCIA, DOS PROFESSORES, E DOS ALUNOS?

SM: Eu acho que nós, não sei, posso julgar o geral por este departamento, porque esse departamento acaba sendo mais vocacionado pra esse tipo de linguagem. Não é tão difícil. No departamento de comunicação as pessoas “a partida” já têm alguma vocação pra serem mais abertas, a aprender. Depois, houver algum, algum investimento no sentido de eu lembro, por exemplo, há vários anos atrás nos já tivemos uma formação que era pra sermos capazes de criar páginas pessoais na internet aqui dentro, e tivemos noções específicas para o “*blackworn*” para “*efart*” é e acho que há assim uma certa apetência, assim não diria , há alguma resistência sempre , eu acho que é inevitável em qualquer processo de mudança. As pessoas são obrigadas a ver as coisas de uma maneira, por exemplo, o tal uso do *blakworn* a plataforma do *e-learning* , é claro que o inicio que é meio complicado as pessoas perceberem que a partir de agora tem que instalar os programas, tem que tá exercícios, mas acho que o que acontece depois que as pessoas fizerem esse esforço inicial, percebem, que de fato é muito mais simples funcionar assim, já no caso específico de jornalismo eu não preciso ter lá grande resistência , porque, que dizer, há um entendimento de que é mesmo assim , tanto, os nossos alunos estarão tanto mais bem preparados, tanto mais

competitivos por que nós, eu não estou dizendo que nós queremos subjugar a lógica do mercado. Mas também, mas ignorá-la não é o caminho, portanto. Obviamente que nós precisamos criar um perfil de procura que mudou, e o bem que nós fazemos um esforço e temos a intenção e a vontade de proporcionar aos nossos estudantes a capacidade nesse perfil serem competitivo pra encontrarem empregos e pra trabalhar como jornalistas, eu acho que essa obsessão clara porque era preciso. Claro que não está tudo feito nós (...) para mudar, por exemplo, as regras dessa unidade curricular. É e o ano passado esteve aqui cá um colega seu também cá, é pra trabalhar as pressões do digital na formação e o estudo de caso que passou a estudar foi essa nossa disciplina, e a sempre coisa a mudar, mas eu sinto que há alguma

GP: ELE ESTA AONDE?

SM: Ele voltou ao Brasil. Eu sabia o nome da faculdade, mas agora eu não me lembro. Era, era PUC o nome. Não era São Paulo. Vou ver se me recordo.

GP: TUDO BEM. E SOBRE O CURRÍCULO, VOCÊ PODIA FALAR UM POUCO, COMO É QUE SE DEU A INTRODUÇÃO DAS DISCIPLINAS ASSOCIADAS ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS?

SM: Aqui especificamente neste caso, eu diria que genericamente as duas lógicas de introdução do, chamemos do digital nos currículo de jornalismo. Nós podemos optar as em termos gerais, aquilo que eu percebo daquilo que vou estudando por uma lógica mais localizada em que são criadas disciplinas específicas para as tecnologias, ou numa lógica mais transversal em que podia existir essas disciplinas num ambiente digital que perpassasse todas as unidades curricular. Eu acho que encaixaria no caso da universidade mais esse segundo modelo, que é nós temos, por exemplo, disciplinas, que são disciplinas de tecnologias logo no primeiro ano no primeiro semestre, disciplina de multimídia e tecnologia em que os alunos independentemente de serem já alunos de jornalismo, antes de fazer a opção por jornalismo, todos os alunos são obrigados adquirir um conjunto de competências ao nível das tecnologias que passam, que podem passar por mais básico até trabalhar fazer animações, é saber *photoshop*, saber “Dreamweaver” saber, por exemplo, todos tem que ter esse tipo de formação. Formação geral para além do fato de nas outras unidades curriculares, na minha, na sua, na de quem quer que seja eles serem obrigados a lidarem repetitivamente com esse

ambiente digital através da plataforma, através do, por exemplo, das aulas, uma coisa tão simples como aulas no Power Point sem que há ligação a net, que a não ser que (...) E depois especificamente então no caso no caso de jornalismo e disciplina onde isso é tratado ainda com mais intensidade por exemplo se pensarmos no modo de ensinar jornalismo é claro, mas o caso da televisão, também não há que seja estranho nos outros depois finalmente há essa tal unidade curricular, no final já, é como projeto final em que há uma presença mesmo muito forte do digital, mas eu diria que, que neste caso integra mais nesse terceiro modelo em que não se fica por disciplinas específicas para tratar aquilo e que eu acredito, não tenho prova disso mais acredito que será um modelo mais eficiente em que, porque se não é muito compartimentável, então um aluno pensa eu sai daqui em que uso papel e caneta, depois vou pra aqui em que é outro mundo e eu não sei se funciona muito bem. Acho que haver assim uma espécie de uma sombra em que passa por todo currículo sem prejuízo de haver disciplinas específicas acho que é um bom caminho. Não tenho prova disso ainda, mas creio que sim.

GP: SOBRE A CAPACITAÇÃO DOS DOCENTES, SANDRA. NO BRASIL TEMOS TODA UMA EXIGÊNCIA COMO PARTE DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES, EM QUE SEMESTRALMENTE, A GENTE TEM UM PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DOCENTE, PROFISSIONAL. AQUI ACONTECE A MESMA COISA OU CADA PROFESSOR TEM O SEU PRÓPRIO PROCESSO DE AUTOCAPACITAÇÃO?

SM: Até agora não. Agora vai passar a ter averiguação anual, é no ensino superior, até agora não, até agora de fato é um processo muito individual o crescimento ou investimento em, é um processo muito individual, por exemplo, uma universidade, esta aqui por exemplo tem um gabinete de avaliação por que apesar dos docentes não ser avaliados os cursos são, já há muitos anos, os cursos são avaliados né; e tem um gabinete de avaliação que acompanha os docentes no sentido de propor formações específicas cada um a nível das disciplinas pedagógicas, que pode ser desde como fazer um programa curricular até como avaliar alunos, até questões mais voltadas para o digital, essa formação existe mais não é obrigatório que nenhum docente e obrigado a frequentá-las basta de nós a vontade de fazer essa (...) É claro que depois algumas normas como, por exemplo, que acaba por obrigar as pessoas correr atrás mesmo, por exemplo, agora nesse processo de avaliação é obrigatório um documento digital

que se chama (...) curricular pra plataforma de *e-learning* , e todos os professores são obrigados a ter esse documento feito e atualizado porque são avaliados por ele , portanto, automaticamente são obrigados , mesmo que é mais, se sente é obrigado a utilizar a plataforma a partir daí, mas não existe um avaliação respondendo assim concretamente não existe uma avaliação. Até agora não existia, agora vai passar existir, por que não existia nenhuma avaliação.

GP: É VOCÊ JÁ FALOU EM PARTES QUE EXISTE UMA TÁTICA DE CONVERGÊNCIA ENTRE AS DISCIPLINAS. VOCÊ PODERIA EXPLORAR UM POUCO MAIS ISSO?

SM: Especificamente na área de jornalismo? É exatamente seguindo a lógica que eu mencionei, que é os alunos frequentam um módulo digamos numa lógica que podemos considerar mais clássica no segundo ano, no segundo semestre, o curso é em três anos, num é, o primeiro ano e meio os três primeiros semestres são de formação geral em que cria um conjunto de competências que é a um nível de sociologia, de ciências sociais , e das línguas e das tecnologias e depois no outro ano e meio é a formação no campo específico. Para aqueles que escolhem o jornalismo e depois o audiovisual e a disciplina de português que ... jornalismo é há um percurso desses semestres, que é o segundo semestre do segundo ano e segundo semestre do terceiro ano, e, e as atividades são, são introduzidos da fórmula mais clássica que tem um módulo de imprensa, um modulo de rádio, um modulo de televisão, um modulo de Ciber jornalismo. É no segundo semestre é que é feito a tal convergência da do dos quatro módulos, dos quatro divisões clássicas dos quatro meios se podemos dizer assim se quisermos. E nesse projeto é obrigatório que os alunos criem projetos investigações jornalísticas que tem que ser digitado num blog ou num site, e o que, que isso permite? Primeiro lugar são obrigados a buscar todos as competências que tem do primeiro ano e meio de tecnologias, edição, tem que fazer infografias, tem que adicionar todas as competências jornalísticas que é obrigatório ter por exemplo uma reportagem clássica de imprensa, um reportagem de Tv, uma reportagem de radio, a campos que são obrigatórios um “*Vox populi*”, e depois, por exemplo, algumas ideias que imaginemos querem tratar dados estatísticos são obrigados, por exemplo metodologia da investigação o que é importante é que tem que ser um projeto de investigação jornalística, e os resultados, o importante é ser um projeto de investigação jornalística, num fim o que nós criamos são produtos jornalísticos e que tenha a

obsessão que tem que buscar cruzar todos os meios e todas as linguagens num só suporte, num documento que se abra e que tem que ter uma página de entrada , que tem que ter a informação organizada em torno de um termo jornalístico, eles desenvolvem todo um conjunto de produtos jornalísticos de fórmula articulada das várias linguagens. Eu diria que em termos de, será a grau máximo ao nível do primeiro ciclo, estamos na formação inicial.

Bloco 2 – Processos formativos

GP: OLHANDO PARA O QUE É PRATICADO EM SUA INSTITUIÇÃO, DO PONTO DE VISTA DA FORMAÇÃO, O QUE DIFERENCIA ELA DAS OUTRAS INSTITUIÇÕES DO PAÍS?

SM: Eu acho que querer ensinar é um ponto forte, porque não sei se esse, eu conheço os currículos nos outros cursos, mas não conheço a forma como as unidades curriculares são selecionadas e teria que fazer uma, digo diferenciação justa. Justa, mas acho que é que esta lógica que vamos dizer nós temos é um ponto a favor, é um ponto a favor dos nossos alunos, depois há um outro ponto a favor que é numa lógica mais informal que é o seguinte que o resto é sempre, no tempo em que fiz estágio, nesta primeira, é eu acompanhei muito que é como procedimento de júris que é colocando alunos na instituições. E vi uma coisa que, por exemplo, (...) em relação à Universidade do Minho, é que eram pessoas com vontade de aprender que às vezes poderiam chegar a situações e não saber tudo, mas que mostrava uma grande abertura, e uma grande humildade no sentido de , e eu acho que isso vem, que isso sim, provavelmente manter-se-ia se eu continuasse a fazer estágio, e talvez seja mais valia que eles tem quando uma procurar emprego que é de fato, nós estamos fora do centro, qualquer aluno que está em uma Universidade Minho e também no curso de ciência da comunicação da Universidade do Minho tem a percepção de está fora do centro de decisão, portanto, tem que se esforçar muito mais do que os outros. Para fazer, eu acho que isso dá ao alunos essa abertura para aprenderem e mais outra, que é versatilidade, ou seja, muito na lógica de não ficarem, eles sabem e é mais do que explicado que eles não podem dizer não consigo, se não sabe tem que ter o nome de quem sabe, tem que , eu acho que isso dá uma certa, acho que isso, não sei se será justo dizer que os outros não tem, mas sempre foi e não e dito por mim, é foi dito por sucessivos órgão de acolhimento de estágio que eles tem essa

característica de serem humildes, de terem vontade de aprender e de serem um termo nosso que quer dizer enrascado, não sei se vocês usam no Brasil dizer enrascado, é alguém que tem capacidade de jogo de cintura, é isso. No sentido positivo do que é, eu não vou ficar aqui parado a espera que venha aqui no colo. E serem proativos isso eu acho que (...).

GP: LÁ A GENTE TEM UM DITADO QUE FALA ASSIM: “VOCÊ NÃO NASCEU REDONDO, NÃO, NÃO NASCEU QUADRADO ENTÃO TE VIRA, CORRE ATRÁS”.

SM: Pois, é isso, é isso é isso. E eu acho que isso, em termo curriculares que isso, que a grande vantagem é nós termos, termos articulado o currículo nesta lógica de convergência e numa lógica do digital transversal, não limitar determinadas disciplina, isso eu acho que claramente no currículo eu chamaria isso o grande ponto á favor do currículo. Depois numa lógica mais informal aos alunos, eu acho que nós procuramos sempre transmitir essa lógica de que não está fácil, nunca foi fácil e mas se as pessoas trabalharem e não é trabalhar aqui, é trabalhar fora daqui, é terem a percepção de que os jornalistas não fecham as portas as seis e vão pra casa. É tem que está sempre a olhar para o mundo. Nem que seja a minha folga, está sempre a olhar para o mundo. É que é um trabalho que tem que fazer a um nível particularmente de cultura geral, é porque se nós não percebermos o mundo, nem as coisas do mundo, não conseguimos perceber o que é notícia, ou o que não é notícia. Podemos passar, por coisa mais espantosa e passar, passar ao lado porque não percebemos a irregularidade daquilo, ou o fantástico daquilo, o singularidade daquilo, e isso é uma das coisas que procuramos transmitir muito, e a lógica é empresarial? Sim é verdade, que nós trabalhar em instituições que tem regras, que há todo um processo de seleção que também tem. Daí eu acho que nós procuramos prepara-los, para alguma realidade, aliás, prova disso eu e o Manoel temos um estudo já há alguns anos sobre os processos dos alunos de reinventar o jornalismo, e nós identificamos que os alunos chegam com uma “processão” muito mais positiva em relação ao mundo do jornalismo e saem com uma “processão” mais negativa. Eu penso que tem que ver com um dose de realismo, e não, não tentar tirar-lhe a vontade de serem jornalistas, mas prepará-los com algo que é o próprio realismo que aquilo que esperem e põe os investimentos que tem que fazer eles próprios também, na formação deles.

GP: COMO VOCÊ HAVIA FALADO QUE VOCÊ ESTUDOU AQUI, ENTÃO ESSA É UMA PERCEPÇÃO QUE VOCÊ PODE TESTAR NA PRÁTICA. É QUANTO A

PRÁTICA DE INVESTIGAÇÃO EXISTENTE NA INSTITUIÇÃO ELAS MUDARAM COM A CHEGADA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS?

SM: Sim, eu notei uma diferença muito grande, desde um tempo exclusivamente que eu fiz um estrago. Eu não fiz o mestrado aqui, eu fiz o mestrado na escola de economia e gestão. E notei uma diferença muito grande, já nessa altura notava um cadinho, mas particularmente a um nível de pesquisa propriamente dita da informação, que por um lado é excepcional, o volume de informação que nós temos de acesso hoje em dia pra contratar fontes e pra perceber o mais, os vários ângulos das questões cada um está a investigar por ai fora, por outro lado às vezes é avassalador, porque tem uma quantidade enorme de informação que nos sentimos na obrigação de ver e utilizar nem que seja pra depois passar pro outro lado, mas esse ponto de vista eu acho particularmente ao nível da pesquisa, e há um outro campo que acho poderíamos caminhar para que seja mais bem aproveitado o que não é que é um nível da própria publicação dos dados que em algumas circunstâncias, é vou dar um exemplo que eu tentei fazer uma coisa que não vai pra frente, porque eu criei um blog que seria de apoio a minha tese. Em que eu, iria dar os resultados e por opiniões que é uma coisa que há anos atrás eu nem pensava, por exemplo, eu nem pensava em fazer. E que há muitas pessoas fazem. E eu acho que está aí um campo que ainda tem que explorar, por exemplo, outro exemplo que eu já utilizei, eu utilizei enquetes em formato de papel, mais também utilizei enquetes enviados por emails, que pra quem quer fazer estudos, por exemplo, transnacionais é muito importante porque permite me, por exemplo, vamos supor que escolhido, um caso, uma universidade no Brasil que (...) eu acho que a todo um campo muito vasto quer ao nível da pesquisa, ao nível das curiosidades, e ao nível, pois da publicização dos resultados, e da publicização. Acho que há diferenças muito grandes.

GP: EU OPTEI PELA VINDA NO PRÓPRIO PAÍS, NÃO FAZER O ESTUDO A DISTÂNCIA, POR PLATAFORMAS DIGITAIS.

SM: Porque é outra coisa! Não dá pra, os inquéritos online não dão pra tudo. Não, particularmente, por exemplo, no nível de desenvolvimento dos assuntos que eu citei isso, nos questionários que enviei *on-line*, as respostas são mais sucintas. Podemos dizer assim: Olha que bom! Mais não tão bom, né. Por um lado olha que bom, as pessoas foram claras, disseram o que queria dizer, mas por outro lado tem uma riqueza no desenvolvimento do raciocínio. E, e

não se pode propriamente num inquérito, ah mais e a, perguntar o que quer dizer com isso. Ora demais, ora demais, a percepção de tem que fazer isto, tem que ser submetido no fim, eu quero resolver esses assuntos.

GP: É PENSANDO NA RELAÇÃO ENTRE INVESTIMENTO EM INVESTIGAÇÃO E LICENCIATURA, COM FOCO NO PRIMEIRO CICLO, É POSSÍVEL PERCEBER EM SUA INSTITUIÇÃO UMA RELAÇÃO ENTRE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO E GRADUAÇÃO (LICENCIATURA/1º CICLO)? ESSES SÃO PROCESSOS COMPLEMENTARES?.

SM: Eu acho que poderiam ser mais complementares, acho que poderiam, mas acho particularmente que nós temos que seguir esse caminho, o exemplo que eu dei, por exemplo, nesse projeto de investigação que eu e Manoel temos ele surgiu precisamente do ensino, nós criamos o projeto, e nós começamos a dá uma disciplina em ciclo antigo antes Bolonha, de jornalismo e aquilo que nós construímos na disciplina nesta lógica, nós queremos, e não é numa disciplina de do laboratório de jornalismo, mas é a introdução e de acordo com o, nós partimos de um pressuposto naquela disciplina, e que nós teríamos que trazer pra aula produtos jornalísticos para que os alunos tivessem contato com produtos jornalístico que eram publicado todos os dias. Que era para além da própria produção, mas que era muito importante o acompanhamento da atualidade, ao ponto de dos primeiros quinze minutos de cada aula serem sempre e continua a ser dedicados pra discutir a atualidade .O que que aconteceu? O que foi relevante? Por quê? O que é que foi bem? O que, o que foi bem feito? Mal feito? Nós partimos desses pressupostos, e, pois, nós vamos fazer o pressuposto, nós vamos fazer isto porque há uma premissa que nós não chegamos a interrogar que todos acompanham a atualidade, pois pensamos mas será que isso é verdade? E por causa disso criamos um projeto de investigação precisamente pra avaliar, os usos dos media que fazem os estudantes daqui a forma como eles se alteram no percurso da licenciatura. Como é que eles entram, como é que eles saem, e a processão que se tem sobre o jornalismo que se fazem em Portugal. Por exemplo, no nosso caso esse será o exemplo digamos, dos que eu conheço melhor, mas claro, mas a verdade e que, que há outros porquês. No caso, por exemplo, dos professores de jornalismo no caso o Joaquim que acabou de entrar, o Luís, estão tudo a investigar nas áreas em que ensinam, por exemplo, no caso do Luís Santos, por exemplo, a tese dele é sobre a convergência nas relações e ele é precisamente um dos professores dessa

disciplina de projeto. Sandra: Tanto que promove de que forma de resto, forma de atualizar o ensino, é fazendo reverter sobre o ensino os resultados da investigação e por outro lado uma coisa muito importante é tornar o ensino comum, tornar o ensino tema da investigação. Porque há muita coisa que nos podemos mudar na forma como damos aula, como construímos os programas, como construímos os currículos, como concebemos a formação de jornalistas, tá sendo informada com resultados vários da investigação. Uma coisa é nós termos uma percepção, outra coisa é nós passarmos tempo a estudar aquilo para chegarmos a ele, acho que ser muito importante.

GP: ESSE PRESSUPOSTO QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO É O PROFESSOR PESQUISANDO E O ALUNO PESQUISANDO?

SM: Sim! Logo a partida é, quando, quando está a falar em pesquisar é. É investigar, lá a gente fala investigar. Pois é, exato, exato, é. No, eu acho que vou ter uma atração significativa com Bolonha, que foi o seguinte nós tínhamos um estágio curricular e os alunos eram no final desse estágio pra produzir um relatório de estágio. Que tinha que tem uma componente de investigação e uma componente que de reflexão associada ao estágio que estavam integradas obviamente. Isso desapareceu, isso passou para o segundo ciclo, para o mestrado, portanto, e logo e acho que, aliás essas disciplinas de metodologias da investigação por exemplo que eu dou mudaram de formato com Bolonha precisamente porque tiver , porque a carga horária diminuiu isso. Mas mesmo sabendo disso houve umas alterações no fundo que tem que ver precisamente com o fato, ter que essa vocação dessa investigação ter sido muito retirada, eu acho que era aí que residia um maior, agora para além disso obviamente que várias linguagens de jornalismo e muitas associadas como a sociologia da comunicação, por aí fora, todas essas áreas os alunos são por exemplo uma forma muito comum de fazer a avaliação é através da realização de trabalhos , trabalhos individuais ou trabalhos em grupo. Eu dou exemplo de uma menina de metodologia da investigação, os alunos em grupo têm que fazer um projeto de investigação e uma das regras tem que ser temas no âmbito da comunicação. E muitas delas acabam a ser no âmbito de jornalismo, particularmente ao nível dos médios, por aí fora. É dessa forma que nós procuramos incentivar, muito através dos trabalhos, é claro que depois cada um fará o seu percurso e particularmente aqueles que caminham pra o segundo, pra o terceiro ciclo, e tendo a oportunidade, mas eu é, e, por exemplo, eu acho que foi a maior

atração de Bolonha que fez retirar da formação inicial uma componente de investigação que era importante.

GP: PORQUE A INVESTIGAÇÃO PERMANECE NO ÂMBITO DO, DO TRABALHO QUE ELE FAZ, DO ENSINO É MONTAR UM SEMINÁRIO, UMA APRESENTAÇÃO. O CONTATO COM O PROJETO DE PESQUISA DE INVESTIGAÇÃO. E AJUDAVA, A PENSAR NA CONTINUIDADE DO ESTUDO.

SM: Existe um tipo de tecnologia de investigação aos alunos que estão no primeiro ano, tecnologia de investigação em metodologia de investigação dois no segundo semestre, é, é disciplina, que eu leciono ambas é no caso do aluno é precisamente processo de investigação os alunos aprendem pensar uma questão de pesquisa, fase exploratório, criar um enquadramento teórico um modelo de autoanálise com formação de hipóteses, aprendem a construir instrumentos de recolha sejam entrevistas, questionários ou tratar dados . E retirar conclusões dos dados e no segundo semestre, é, aprendem essencialmente estatísticas, uma análise conotativa básica. Isso existe, e é importante porque às vezes de fato tem a processão do que é o processo de investigação, começa uma investigação do início até o fim, embora com menos carga horária, com menos, e entra em contato com o estudo desde amostragem, até as técnicas de recolha individual, tem técnicas de grupo de foco. De fato estudam isso tudo. Agora antigamente depois no final do curso tinha uma aplicação ampla disso quando fazia um relatório de estágio e agora acaba por não ter. Agora, obviamente esses conhecimentos de investigação hoje nos refletem vários trabalhos de pesquisa que eles vão fazendo para as várias unidades curriculares, embora não seja obrigatório uma unidade curricular ter um trabalho de pesquisa, mas a maioria de uma maneira geral tem.

Bloco 3 – Impacto dos processos macro de ajustes educacionais/jurídicos

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DA FORMAÇÃO EM GRADUAÇÃO/LICENCIATURA? (HOVE TRANSFORMAÇÃO NOS PROCESSOS OU APENAS FICOU NO CAMPO DISCURSIVO?)

SM: Sim, eu diria que sim, como disse a pouco eu acho que nesse momento nós só podemos avaliar um tipo específico das alterações, que são as alterações curriculares, e tentar perceber como é que se formaram os currículos, é, ou, por exemplo, nem todos os casos coisas como as designações, coisas como as designações dos cursos, como as instituições de acolhimento dos cursos. Isso nós conseguimos verificar acho que dessa forma, é atualmente tá uma fórmula mais sólida. Mas há todo um conjunto de alterações que eu acho que ainda é cedo pra conseguir particularmente, por exemplo, os efeitos sobre as docências, apesar de que, eu acho que algumas alterações já se consegue identificar agora, eu diria que claro, algumas óbvias que como, por exemplo, a redução do tempo de contato que os cursos passaram há ter três anos e foram todos semestralizados, diminui-se a carga horária presencial por semana, pra menos hora em contato com os docentes de fato há muito mais trabalho fora da aula, há muito mais trabalho individual dos alunos, trabalham em casa, trabalho de pesquisa. Trabalho, isso acho que são, são questões claras; depois também diria que, por exemplo, o desenvolvimento, por exemplo, no caso das tecnologias nota-se como eu dizia pouco, basta ver, por exemplo a Universidade do Minho a ferramentas de *e-learning* que acho se notou bem que foi, num vou dizer que foi exigência, mas que era muito maior a implementação em, nesse nível. Agora, o desenvolvimento das práticas eu acho que isso é muito mais lento, que é o caso [de não] ficar do lado dos docentes quer do lado dos alunos eu, por exemplo, noto também, por exemplo, muita deficiência por parte dos alunos em compreenderem que uma unidade curricular não são os quatro anos de contato por semana. É todo, é ao mesmo tempo trabalho, acho que é uma lógica de responsabilização que é cada vez maior o número de alunos que eu não sei se, porque depois está a ligar, né, porque eles não podem chegar aqui a universidade e começar a funcionar de uma determinada forma se eles tiveram doze anos no ensino, antes, e a lógica completamente diferente, eu acho que essa alteração ainda vai demorar uns anos a fazer se na mentalidade dos alunos. Obviamente que do lado dos docentes também haverá algumas resistências em deixar várias aulas com os manuais que usou durante não sei quanto tempo, e que também, por exemplo, vou dar um exemplo, um sistema, uma lógica Bolonha é a lógica das tutorias do acompanhamento tutorial. Nós aqui no departamento, por exemplo, todas as sextas em três horas de contato e a última hora de apoio tutorial. Isso foi uma coisa que foi implementada aqui, mais não sei se em todos os sítios se fazem apoio tutorial, mas era previsto por Bolonha, é suposto ver o tutorial. Uma lógica mais individualizada, das dificuldades do aluno. No nosso departamento é obrigatório, tá no horário mesmo, apoio tutorial no final da (...) Ou no início o no final da, ou, por exemplo, no meio

caso que são muitas horas seguida é no outro dia , os alunos marcam comigo , e podem vir falar comigo e pode ser sobre o trabalho , ou pode ser sobre uma dificuldade , pra receber média, mas calcular a média, vem falar e explicar como é. No meio caso que é fora do horário, mas os outros professores é mesmo na sala de aula, quando acaba a aula o professor mantém se na sala e os alunos que precisem de apoio, tão em grupo, tão.

GP: VOCÊ PERCEBE QUE, QUE COM BOLONHA HOUE, UMA EVOLUÇÃO NESSE SENTIDO, UM INCENTIVO DA INVESTIGAÇÃO NA SALA DE AULA, VISANDO O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E PROFISSIONAL DOS ALUNOS?

SM: Não, eu, especificamente a investigação não, o que eu percebo e que muitos alunos tem maior apego ao trabalho autônomo, o que também passa, por exemplo, por investigação. Eu, o que eu noto, e que a lógica é muito mais de eu vou dar um exemplo, é quando, tradicionalmente o professor chegaria e iria apresentar dois textos sobre uma determinada, hoje em dia a lógica não é essa! Hoje em dia é com uma semana de antecedência os textos são passados para os alunos, e lês devem ler e, por exemplo, a partir daí pesquisar o que entenderem e o momento, a hora de contato na sala é pra discutir os tais jornais para apresentar. Deste ponto vista, eu falo particularmente do que eu porque não sei o que os outros estão fazendo, deste ponto de vista eu acho que houve uma alteração muito importante e fato ao trabalho, ao trabalho individual e a pesquisa individual e eu diria que sim, eu diria que sim, não necessariamente,ou seja, não estou a dizer que não se o ensino tradicional na lógica de nós temos um sistema, é importante ter em conta isto, tem que ver um direcionamento por parte do centro mais desse ponto de vista há muito mais espaço pra os alunos trabalharem .

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DOS CURRÍCULOS? (AS MUDANÇAS CURRICULARES FORAM APENAS AJUSTES OU HOUE UM REDESENHO, COM REDEFINIÇÃO CLARA DE OBJETIVOS, EMENTAS E BIBLIOGRAFIAS FACE ÀS NOVAS DEMANDAS?)

SM: A mudança de cinco anos para os três. Bom é assim, eu não sou daquelas pessoas que acham, que algumas acham que nos podíamos ficar por cinco anos, não acho. Eu não que

podéssemos continuar com cinco anos quanto mais não fosse por uma questão prática é que se nós somos os únicos e continuamos por cinco anos, em termos de mobilidade nós perderíamos capacidade de movimentar os nossos alunos irem pra outras instituições, deixa de ser possível, eu não choca nada que se tenha passado a formação inicial para três anos . E aquilo que sinto, é que, não pode ser só uma alteração administrativa, ou seja, não pode ser só uma alteração administração no sentido de vamos, isto que era uma ano passa para meio ano, isso que passa para meio ano , aquilo desaparece , aquilo, e eu temo que em alguns casos possa ter sido um pouco isso até por outro motivo que foi os prazos que foram impostos para fazer a transição, nós fomos selecionados com um prazo. As alterações tinham que está feitas até uma determinada data , ou seja, o raciocínio não só tenha sido passado bastante trabalho, o que eu acho é que tem mudar a lógica como se olha para o currículo, que eu acho é uma lógica que ainda permanece muito que é nós estamos a comparar este currículo com o anterior, e é outra coisa, ou seja, por exemplo a nível de formação original, é obvio que houve uma perdeu-se muito. Disciplinas com histórias do século XX passaram a ser opcionais, mentalidades e cultura Portuguesa, o sociologia social e política deixou de existir , portanto, onde eu acho que houve grandes cortes foi a um nível das ciências sociais, das disciplinas específicas de uma formação geral , é e houve um corte bastante, já, por exemplo, no caso das disciplinas específicas acho que melhorou bastante, por exemplo no nosso caso logo a partir do primeiro ano as tecnologias e contato com varia áreas de jornalismo, as relações públicas, neste ponto de vista eu diria que a alteração funcionou muito bem, pra áreas. No caso da formação geral havia de fazer opções e foram feitas, como, é, por exemplo, caso das línguas que não obrigatórias, os nossos alunos eram obrigados a frequentar uma disciplina anual de inglês e uma segunda língua que com o tempo passaram a ser opcionais. Todo um conjunto de ferramentas que passaram a não existir de forma obrigatória na unidade curricular e desse ponto de vista eu é claro eu acho que elas são muito importantes, agora, que agora as pessoas conciliam de fórmula por elas, fórmula externa, e desse ponto de vista, agora também acho que nós poderíamos continuar com os, com cinco anos.

GP: QUAL A SUA AVALIAÇÃO DESSES EFEITOS DE BOLONHA NO CURSO DE JORNALISMO EM SUA INSTITUIÇÃO EM PARTICULAR?

SM: Eu acho que com a profissão nós não conseguimos dizer nada porque nós só tivemos dois anos o ano passados e este ano. Os alunos de Bolonha sendo que muitos deles nem se querem foram (...) que está a acontecer? Estão a fazer todos um estrago, o que está a acontecer

é que os próprios alunos dizem que não sentem com capacidade , então, tão todos a fazer o segundo ciclo . Então eu acho que não estamos, ainda não estamos em condições de poder avaliar quais são os efeitos na profissão , nós teríamos, por exemplo, em Portugal é que a maioria neste momento dos jornalistas que existem na relação já são licenciados, não necessariamente em jornalismo não é obrigatório mas é cada vez maior o número de licenciados em ciência da comunicação e jornalismo que integram as redações. Agora, quanto à diferença, eu acho que são trabalhos que há pra fazer, e que implica necessariamente, necessariamente trabalhar nas relações e fazer essa pergunta aos jornalistas que estão lá e que trabalham com uns e com outros, e as pessoas, aos diretores, aos chefes da situação, que talvez possuam ser mais objetivos, mas eu acho que , que neste momento ainda honestamente, Não, não temos. No caso é daqui da formação também estamos um bocadinho melhor, mas estamos mais ou menos com condição, nós, por exemplo, aqui no Minho só temos dois anos de aplicação plena dois anos, eu acho que isso na dá. Honestamente eu acho que estamos como esse feito de fato do *e-learning* disciplina de metodologias, mas eu não sinto a vontade para dizer que estamos em condições neste momento de vir, é sim, você me perguntou em termos informais qual é a a minha processão , ao contrário do que muita gente pensa, eu não acho que as disciplina sejam, piores por uma visão muito simples antes havia mais tempo, mais havia menos , e menos pressão. Bolonha introduziu muito mais pressão sob os alunos , e isso pra quem vai ser jornalista é aprender pro resto da vida né. Deste ponto de vista os alunos têm muito mais trabalho, basta ver uma coisa no é no plano anterior havia uma época de exames e nessa altura é que eram feitos os testes. Agora é evolução continua, os alunos fazem teste durante o período da aula , e entrega esses trabalhos contínuos a varias disciplinas, isso acho que este ponto de vista tem, logo uma preparação para trabalho do meu ponto de vista é melhor do que o anterior .Tanto, que alunos dizem ah num é bem assim. Eu vou expor a diferença porque eu estive cá antes de depois, acho que os alunos são sujeitos a muito mais pressão muito mais com carga de trabalho é muito maior, apesar de ter muito menos aula de contato, a carga trabalho é melhor, isso desse ponto de vista eu acho que, isso eu acho , como se diz é agora , questões mais especificas sobre preparação aí tá mais difícil agora.

GP: VOCÊ É A PRIMEIRA QUE EU ENTREVISTO QUE ESTÁ VENDENDO COM “BONS OLHOS”, PORQUE A MAIORIA TEM TIDO UM SENTIMENTO DE GRANDE PERDA. COMO SE A INTELECTUALIDADE ESTIVESSE PERDENDO UMA GERAÇÃO.

SM: Eu acho que é natural, as pessoas reagem mal as mudanças, as pessoas reagem mal as mudanças e as pessoas continuam a não encarar Bolonha com os olhos anterior, agora como eu disse a pouco há coisas que se perderam ,a formação, a um nível da formação geral, por exemplo, não é possível manter uma disciplina anual de história política na mentalidade e cultura Portuguesa, né. Não é possível, elas pode ser oficinas mas em termo da opção, isso é verdade. Isso é verdade, e podemos argumentar causa é muito importante porque eu também acho que eram e temos que passar aos alunos é que isso não deixou de ser importante e eles até vir fazer. Eu vou lhe dar um exemplo, na próxima semana eu vou conduzir teus estudos com os alunos do segundo ano antes de escolherem opções que já fizemos o ano passado, nós tivemos a Assembleia de República e vamos está um dia inteiro pra ver como é que funciona a Assembleia da República, é como é que funciona os partidos, é vamos almoçar lá , vamos falar com as pessoas responsáveis do protocolo da Assembleia da República com os responsáveis dos (...), e com jornalistas que faz cobertura daquele sítio em especial, e no dia seguinte vamos conhecer, é, é, ser, empresa elétrica é, é, portuguesa (...) a eletricidade de Portugal, ver o grande fonte de eletricidade do país, energia elétrica, para perceber como é que o departamento de comunicação a nível empresarial, por exemplo, funciona , antes tem que fazer uma opção, se trabalhar é preciso, nós também percebemos que esse tipo de atividade ou incentivar os outros com ciclos de cinemas, como debates há um trabalho que também ser passar ser feito pó aí , e não necessariamente num currículo na sala de aula, acho que há uma lógica extracurricular que tenha sido incentivada, não estou dizendo que todas as pessoas tem que fazer tudo, mas passamos essa informação . É obvio que se perdeu, mas nós não podemos ficar a chorar em cima do que se perdeu, temos é que ter a pro cessão que continuar seria importante e que tem que passar isso de outra forma, não é, temos que passar isso de outra forma. Agora, num acho que seja, perdemos sim, mas ganhou se por outro lado, do ponto de vista, por exemplo, das especialidades, eu acho que equívoco que mudanças curricular favoreceu área especifica de jornalismo, área especificamente da comunicação, é área especifica do áudio visual, tem, há muito carga horária pra ser pra essas disciplinas e muito maior acompanhamento. Então isso não.

GP: PENSANDO AINDA NESSAS MUDANÇAS, É, VOCÊ PODERIA DE UM MODO GERAL ME FALAR UM POUCO ELAS FORAM PERCEBIDAS E ACEITAS PELO COLETIVO DOS PROFESSORES DE QUE FÓRMULA OU HOUVE RESISTÊNCIA, AMBIGÜIDADE .

SM: Eu acho que houve muita resistência, muita resistência mais eu acho também que muito motivada por pelo fator de as duas coisas, dois fatores essenciais do meu ponto de vista um tem que ver com aquela lógica imposta, dos prazos, e de fato não é bom trabalhar sob pressão, foi nos imposto um prazo para fazer todas as transições e às vezes as pessoas têm a sensação de que podem fazer um trabalho melhor do que a fazer se não tivessem, e isso, eu acho que já cria algo (...), e depois eu acho que é um sentimento muito típico da academia. Tem que ver o que eu disse a pouco porque, mexeu-se na formação geral, é uma lógica que eu acho que importante que é universidade politécnico. Nós temos em, em buscar universidades e politécnicos, os politécnicos são instituição de ensino superior vocacionadas pro ensino técnico. E eu acho que, o receio que existe um pouco é que de repente transformar os cursos da universidade particularmente, por exemplo, o curso de ciência da comunicação com tanto peso da parte de processamento prático ou da parte técnica num curso técnico porque perde, e isto na academia causa tanto, causa e pronto, faz sentido que causa, porque tem que se preservar um, tem que se preserva, tem que preservar a diferença entre um curso de ciência da comunicação e jornalismo num politécnico, tem que ter um perfil e quem quiser fazer esse, e o curso na universidade tem todo um enquadramento o nível seja nas ciências humanas, numa lógica um pouco diferente que é nós não estamos a preparar potenciais de jornalistas e potencial de jornalista, potencial investigador de jornalismo, que é um aspecto distingue por exemplo as universidades que é a relação e a investigação e ensino. Os politécnicos não têm centros de investigação, portanto, eu acho as resistências vieram daí de sentirem que estava a fazer só um nivelamento por baixo, um nivelamento por baixo, e eu acho que criar algumas, criar algumas resistências de fato. E a intenção é assim eu admito que de fato Bolonha trouxe, em alguns aspectos trouxe, possa ter trazido nivelamento por baixo, mas não sou crítica em relação a todos.

GP: E OS ALUNOS, COMO É QUE ELES PERCEBERAM AS MUDANÇAS?

SM: Não aceitaram muito bem. Eu penso que não aceitaram muito bem mais talvez eu acho que tem uma explicação clara pra isso que é, por um lado é transição aqui é o que aconteceu aqui no estado do Minho que é o processo que o que eu acho que contribuiu muito para provocar não só os alunos mais os professores sentimento mal-estar foi que, a transição foi uma coisa que nós chamamos por morte súbita, o quê que acontece de um ano para outro

curso mudou, ou seja, os alunos que se inscreveram no plano antigo em do meio do curso mudaram pra um novo , não foram dado a oportunidade de terminarem aquilo que, em se tinham inscrito. E eu acho que isso criou e eu acho que eles têm razão, porque não acho que isso seja uma forma, foi imposta foi sim, e teve que ser feito, nós fomos chamados a fazer, mais eu acho que isso criou um sentimento muito, de desconfiança das instituições, de muito desnorte, porque de repente foi uma confusão muito grande até fechar o administrativo para dar equivalências às disciplinas que estava feitas. Eu acho que isso pelo menos contribuiu para um processo pedagógico e administrativo extremamente confuso, e eu acho que isso contribuiu muito pra alguma revolta até por parte dos alunos, e pra alguma confusão até nossa que nessa altura já não possuímos muito bem, por exemplo, nesses anos, nesse ano, nesses dois que foram feita a transição que este ano já nós chamamos de um ano limpo. Já é um ano sem. Mas nesses anos era extremamente complicado para nós estávamos sujeitos a de turmas com o dobro do tamanho do que estávamos a juntar os alunos, e isso dificulta o trabalho, então acho que isso explica também alguma dessa, depois. Uma outra questão que um pouco desconfortável além de injusta pra os alunos que entra agora em Bolonha , eu acho que é torna esse ambiente critico em torno de Bolonha, como se os alunos de Bolonha fosse alunos de segunda categoria e acho péssimo. Mas esse é um ambiente geral, nacional por causa que tem muito do espírito português,o apego ao passado, ai gente, aquilo era tão bom,ai, tão bom, eu a que um bocadinha, eu acho essa lógica depois passa de cima a baixo, e isso tudo, os outros , eu acho que é injusto, acho que é injusto as pessoas continuarem presas, porque são coisa diferentes. Eu costumo dizer que se pegarmos antes de Bolonha e Bolonha , é a mesma diferença entre um quilo algodão e um quilo de ouro, nós podemos dizer que pensam exatamente o mesmo mais um quilo de algodão vale muito mais que um quilo de ouro e uso isso exatamente para explicar as pessoas que cinco anos por serem mais na são necessariamente melhor do que fosse só três anos, porque aqueles três anos podem ser ouro , e que os alunos até trabalham bastante mais agora com Bolonha. E eu tenho essa clara pro cessão por eu fiz um curso antes de Bolonha e se não, não é de Bolonha né, os alunos, de Bolonha não são necessariamente piores do que, os sai bem preparados, porque eles trabalham muito, e acho que eles próprios sentem que são colocados numa segunda categoria . E, e eu não acho isso. E eu não acho isso muito justo pra eles. Eu acho que isso cria um certo desconforto, num é, não é a mesma coisa, por exemplo. A quem alegue, que nesse eu uso muito essa, essa comparação logo, que , ah cinco anos, portanto, ou seja, os alunos de Bolonha que fazem mestrados são cinco anos quanto uma licenciatura e eu estou sempre a

explicar pra eles que não, os cinco anos de Bolonha são uma licenciatura mais um mestrado, que são muito diferente de cinco anos de uma licenciatura, porque as pessoas gostam de fazer as contas aos anos e esquecem de olhar, é o algodão não é igual ao ouro mais pensam a mesma coisa são absolutamente igual, são cinco anos, quer dizer está lá dentro é muito é diferente e seu eu reconheço que os anos de transição foram injusto e que, alunos poderia ter uma melhor formação porque ficaram numa ilha desses cursos , os alunos puros de Bolonha já é uma coisa diferente. E não acho nada justo, mas acho que isto contribui para esse mal-estar.

GP: NA RELAÇÃO QUE VOCÊS DESENVOLVEM COM OUTRAS UNIVERSIDADES? COMO? HOUVE APROXIMAÇÃO DE INSTITUIÇÕES OU ANTES UM MAIOR DISTANCIAMENTO?

SM: Eu vou a minha opinião pessoal, costumo dizer que houve, mas eu acho que não. Houve um documento orientador que foi enviado, um documento orientador que foi enviado para o ministério, mas que inclusive toda a gente teve acesso a ele e em algumas orientações, entretanto até houve uma reunião promovida pela SOPCOM que é a associação de documentação investigadora de comunicação portuguesa, que também procura debater, debater é essa questão, mas na realidade, na verdade na prática cada curso faz a estruturação como bem entender. É óbvio que vai ter o processo de contaminação, por exemplo, a universidade que faz um modelo, e que, por exemplo, outra universidade toma esse modelo por referencia, acontecia antes, por exemplo, o grande modelo existente em Portugal foi a universidade da Nova que serviu como modelo, e também tem acontecido agora em Bolonha, mas isso foi por decisão e agora sentar toda gente numa mesma mesa e fazer eles discutirem assim: então vamos lá ver o que é o jornalismo ? Pra quê que serve um jornalista? Ah, então nosso entendimento é esse, então agora, agora que já se discutiu qual a visão que temos, qual é a pro cessão que temos sobre o papel do jornalismo na sociedade e porque estamos a formar pessoas, então agora vamos cá ver o que precisamos ensinar para; isso nunca existiu. E como digo não sou a única ver isto mais...Eu, eu quanto a isso eu sou extremamente crítica porque não estou em nenhum tipo de coordenação, não foi promovido, cada um fez para seu, isso é meu ponto de vista é muito mal, porque evita sinergias, porque evita, por exemplo, protocolos de cooperação, evita, por exemplo, uma coisa que eu acho que faz muita falta em Portugal que é nos temos Erasmus lá fora, mas na realidade nacional não existe. E eu acho que é uma pena se porque se estivesse havido, nós houvesse mais coordenação nas estruturas curriculares, eu

não to a dizer que a papel químico, mas tivesse alguma coordenação, um aluno da Universidade do Minho, poderia fazer um semestre na universidade lá no exterior porque não, se pode, se pode fazer isso para Inglaterra. Porque que não há hábito de fazer aqui, mas não pode, por que não há, eu não acho que as articulações a nível de formação aqui em Portugal, não há. É as pessoas trabalham com o melhor de seu esforço, fazem seu melhor atendimento e que nos outros sítios nós está em causa, mas não falam e, e contra nós falam , porque nós fazemos o mesmo que os outros também nós falamos. Não há, não há fóruns e discussão sobre, não.

Bloco 4 – Outros direcionamentos

GP: NA PRÁTICA VIVENCIADA PELO SR./SRA, HÁ CONSIDERAÇÕES/DISCUSSÕES A RESPEITO DAS DEMANDAS DE MERCADO NO NÍVEL DAS COMPETÊNCIAS (COMPETÊNCIAS PRODUZIDAS NO CURSO X COMPETÊNCIAS EXIGIDAS PELO MERCADO)? ATÉ QUE PONTO A FORMAÇÃO ATENDE ÀS DEMANDAS DO MERCADO? DEVE ATENDER?

SM: Em partes, eu acho que em parte, tente a tender particularmente, por exemplo, que eu tava a discutir a pouco, tem que ver como. Se nós percebemos que o mercado, se nós percebemos que a profissão mudou, e, por exemplo, no caso do digital, das tecnologias. Que neste momento é para ser jornalista é preciso dominar um conjunto maior de competências, eu penso que, desse ponto de vista há coisas que nós podemos fazer e devemos ir ao encontro disso, mais a direita, mais a esquerda, mais no meio, mais agir de uma forma ou outra, mas acho que devemos fazer essa aproximação, sobre isso não tenho nenhuma dúvida. Cada um com sua estratégia, mas sobre isso não tenho nenhuma dúvida agora, da mesma forma como, por exemplo, quando, com o avanço da globalização, por exemplo, valorizou-se muito as línguas, por quê? Porque se percebeu que, se eu vejo problema em não se faça isso, agora, é eu costumo usar sempre este exemplo se ir atrás do mercado, se ir atrás do mercado significa, pode significar os limites que eu vou ensinar alunos que tem trabalhado de borla. Porque o mercado não pode pagar. Borla é trabalhar sem ser pago. Num limite, no limite então eu tenho que passar, está muito mal, ou, portanto você tem que trabalhar, e ninguém num vai pagar, vocês vão continuar muito contente porque o mercado não pode pagar. Acho que tem que

haver algum distanciamento crítico. E depois outra coisa que é, é muito importante que nós sejamos capazes de passar a mensagens aos alunos que vão trabalharem em organizações. E cada organização tem valores, tem projetos editoriais diferentes, mas isso não significa que não seja responsabilidade nossa de frisar muito bem o que é o jornalismo, pra quê que ele serve e espero hoje mais do que nunca, é as pessoas falam dizem que as mudanças de paradigmas no jornalismo e que várias alterações tem, eu por acaso não acredito muito nisso . Eu acho que há grandes mudanças no paradigma pra exercício da profissão mais que é essencial aquilo que é ser jornalista continua a ser exatamente o mesmo, e que por causa disso é que é extremamente importante e nunca, pra mim nunca foi tão importante, por exemplo, ser muito claro quanto às éticas cada vez mais, porque isso é o que vai fazer a diferença. E aí desse ponto de vista acho que a formação tem que se respirar fundo e perceber que há que há um núcleo de tópicos, de itens de aspectos essenciais da profissão de jornalista, que não só devia ter, mas devia ser reforçados. E depois há um outro campo pra acompanhar as mudanças de mercado e particularmente fundamentar as competências. Mas nunca, nunca transformar, nunca subordinar os valores, as competências técnicas. E esse o perigo que eu tenho um bocadinho de medo. São absolutamente essenciais às técnicas, não vou dizer que não, e o aluno está mais capaz de entrar no mercado, quanto mais domínio, por exemplo, em multimídia. Não tenho dúvida disso, agora não subordinar nunca o essencial da profissão isso eu acho que é nossa obrigação, é nossa obrigação por os alunos a pensar e não vou dizer que é só uma visão sobre o que é o jornalismo porque eu não quero está a fazer uma defesa rígida do paradigma normativo. Não, há outras visões, mais é, mas independentemente das visões há um conjunto de procedimentos, normas éticas, há um conjunto de rotina que devem ser muito bem explicadas, e muito bem exploradas. Nisso eu acredito que tenha ser, ou seja, acho que é um jogo que é preciso fazer e há, por exemplo, uma lógica de aproximação que pra mim é óbvio que é, por exemplo, ter profissionais e ensinar que é uma resistência muitas vezes é relativamente isso e nós podemos ter profissionais a ensinar na universidade que precisa ser necessariamente convidados, que vá. Isso eu acho necessariamente essencial. É necessariamente essencial que se faça investigação nas relações, inclusive que os investigadores saiam e vão eles mesmo estudar as relações, isso são lógicas que eu acho importantíssimas e perceber o perfil do licenciado, porque o mercado precisa do ponto de vista das competências, ok. Nada contra, completamente a favor quanto maior diálogo haja, melhor pra toda a gente, mas nunca perder de vista de que, a, o que é ser jornalista não mudou. Isso não mudou, acho, eu acho que não mudou. Pelo menos eu, não sei você respondi.

GP: AS DISCUSSÕES SOBRE MERCADO ERAM COMUNS ANTES DO PROCESSO DE BOLONHA OU A PARTIR DELE FOI DESENCADEADO ESSA PERSPECTIVA? COMO O SR./SRA. PERCEBE ISSO?

SM: Sim, sim, sim. É clássico, em Portugal é clássica a discussão, terem a prática acadêmicos, acadêmicos de jornalismo isso. Quem é quem é o melhor, que é uma lógica que eu não acho nada produtivo. Elas existem mais eu acho que tem sido feito um bom trabalho em, em, em ir criando pontos, deste pontos vista eu acho que sim. Por exemplo, nós aqui sempre acreditamos ter profissionais seja em qualquer das áreas, mas nem toda a gente, por exemplo, pra nós sempre foi uma caminho claro, um caminho que eu acho que está menos a trilhado em Portugal é dos estudantes irem às redações e serem aceitos nas redações. Que são outros quinhentos, como se diz cá em Portugal. Porque as pessoas, pra um lado é importante eu vejo mais vontade de ir trabalhar como jornalista e instigar com eles, por outro lado é preciso serem aceitos. Porque eu não sei até que ponto um jornal ia aceitar que um centro de jornalismo dizer assim, “olha eu podia no meu mês de férias, ir até aí”. Porque eu acho que era melhor para pessoa conseguiste estarem aí. Não dá, porque há uma desconfiança muito grande. Em relação à academia, por elas tem algumas coisas, depois vem aqui, depois vai pra escrever pro nosso, existe, há uma desconfiança lá técnica. Claro, porque nós que somos eu acho que nós teremos tanto melhores professores quanto mais conseguimos nos atualizarmos e ter tido exemplos práticos pra dar na aula, as experiências vividas por nós e num dá. Mesmo nível ao de investigação, é muito complicado. Eu tive um caso que não consegui, não consegui aplicar o questionário, não fui aceita.

GP: MINHA ÚLTIMA QUESTÃO, O QUE O SR./SRA. ACHA QUE FALTA NESSE PROCESSO? QUE SUGESTÕES TERIAM PARA A MELHORIA?

SM: No caso de jornalismo pra mim o essencial foi o que eu disse a pouco, devia ter havido mais articulação entre as diferentes universidades numa discussão de um currículo teria sido, quando a relação ao muitos níveis, ao nível da mobilidade pra mim é claro, e ter percebido, coisas, há coisa que são mais pra frente que é, poder haver as articulações no sentido de que as criar cursos, mas não era no caso de jornalismo não, eu tava pensando em ciências da comunicação, a cursos da ciência da comunicação são melhores no jornalismo, são melhores

em outras áreas . No caso especificamente jornalismo esquecendo o que disse agora que tinha muito a ver com a comunicação, acho que foi esta articulação, seria pra foi o aspecto mais negativo. Não teria havido mais discussão, com eu digo também teve uma porção de tempo, e talvez isso também tenha, tenha alguma influência, mas eu acho que devia ter mais articulação e outra coisa que é pra mim trabalhou-se do telhado pra fundações, porque criou-se um currículo sem discutir antes. Por que uma coisa que acho interessantíssima que um dia eu gostaria de fazer é perguntar em todos os cursos de jornalismo em Portugal a pessoa que teve frente do processo, ou até nem precisaria perguntar a, pessoa, as pessoas que dá aula nesses, nos cursos e eu fiz isso também na tese, mas a minha primeira perguntar o que é o jornalismo. Por que aquilo em que eu acredito é que a maioria de nós dos centros de dos cursos de jornalismo seríamos, por exemplo, esta unidade curricular, aquela unidade curricular, nós não temos noção do conceito de jornalista que está por trás daquela articulação e aí e que eu digo que eu acho que criou se um currículo juntou-se o conjunto de disciplinas, mas nunca se refletiu, por que estudar aquela disciplina? E que esta essa disciplina e essa implica que no conceito de jornalista é de alguém que é capaz de fazer isto, aquilo ou aquilo outro. E esta discussão e não acredito que tenha sido. E eu acho que é essencial.

GP: MESMO SEM PERGUNTAR EU IRIA ATÉ ALÉM, EU SEI QUE NÃO EXISTE NEM AQUI NEM EM LUGAR NENHUM.

SM: Não, não é, não, não é. Eu sei que está a parecer isso utópico, mas eu entendo que não pode ser é, não pode ser uma noção do que é jornalismo do currículo, tem que ser exatamente do contrário. O currículo tem que está ao serviço dum , numa forma de entender o jornalismo. Seja ela qual for. Por isso é que eu acho isso muito, acho sempre muito engraçado se nós perguntarmos as pessoas o que é o jornalismo, ou pra que serve o jornalismo ao jornalistas as pessoas vão de fato encaminhar-se muito para o paradigma normativo, porque é extremamente importante para os cidadãos estarem e poderem tomar decisões na sociedade e tal, tal, tal tal. E depois, nós, na literatura, encontramos modelos clássicos o jornalismo do virado pra o mercado e o jornalismo como serviço público, mas depois vamos aos currículos e esses currículos são todos quase iguais, não há grande, ou seja, eu esperaria então escolas que assumissem claramente. Não, não, nós paramos o jornalismo nosso modelo de mercado, por isso não, não nosso modelo é o ao serviço público, portanto, devia haver uma diferença muito, não é. Na realidade às vezes me deixam assim mais ou menos decalcados, é isso que eu sinto.

Como eu digo eu precisava estudar isto mais a fundo, porque muitas dessas inquietações e vieram também com os resultados da tese, mas de fato houve coisas que eu não pensei em estudar e que agora estão a seguir nos resultados e isto é uma delas, assim, faz mal na profissão.

7. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA (UFP)

Entrevistado: Prof. Dr. Jorge Pedro de Souza

Bloco 1 – Dinâmica de transformação das estratégias de formação acadêmica

GP: DESDE QUANDO O SR./SRA. PERCEBEU ALGUM IMPACTO CAUSADO PELAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS SOBRE A DINÂMICA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NESTA INSTITUIÇÃO? COMO CARACTERIZARIA ESSE IMPACTO?

JPS: Na universidade no curso de jornalismo, quase todos os anos ou perto disso, tenha sido introduzida novas componentes letivas, os conteúdos programáticos precisamente por causa das mudanças tecnológicas tão avassaladoras, e a universidade num certo sentido tem se esforçado para acompanhar essas mudanças e até por se antecipar a essas mudança e refletir sobre essas mudanças. Nesse sentido sou professor há quase vinte anos e há vinte anos na universidade Fernando de Souza tem se esforçado por ir incorporando gradativamente alterações nos conteúdos decorrentes nas novas tecnologias que vão aparecendo. Lembro-me quando eu vim para cá de ter começado a falar no vídeo Test como nova inovação, isto estamos a falar dos anos 90 e novamente a partir dos anos de 93, 94 e 95 já começamos a falar da internet, nem se quer as pessoas sabiam muito bem o que era a internet, mas nós já tínhamos aqui acesso a internet já podíamos mostrar aos alunos em especial do ponto de vista da recolha da informação eles poderiam usar a internet nas suas diferentes modalidades de utilização *e-mail*, a recolha de informações, suas salas eu me lembro que havia um programa que era ALMIRQ que era precisamente de chat criava salas chats que era muito utilizado pelos alunos no final dos anos 90 no princípio de 2000. A universidade tem se envolvido bastante com promissiva alterações tecnológicas e tem tentando introduzir as novas tecnologias na lecionação sem excluir uma reflexão, a ação critica sobre sua utilização às vezes tentaram antecipar aquilo que vai ser nas aulas no laboratório de jornalismo.

GP: NO CAMPO DO ENSINO, O SR./SRA. PERCEBEU QUE AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS TIVERAM IMPACTO SOBRE: AS PRÁTICAS DOCENTES? DE QUE TIPO, DESDE QUANDO? COM QUE ALCANCE (A MAIORIA DOS DOCENTES, QUASE TODOS, SÓ UMA MINORIA?) HÁ PROFESSORES RESISTENTES À

INTRODUÇÃO DE MUDANÇAS EM FUNÇÃO DESSES IMPACTOS? (SE FOR O CASO) O QUE EXPLICA ESSA RESISTÊNCIA?

JPS: A nossa universidade tem, esta que é triste, que está muito informatizado e portanto de uma forma ou de outra os professores por maior ou menos resistência tiveram que ser adaptados, há sempre alguém que resistência, nomeadamente as pessoas já com uma certa idade para quem as novas tecnologias nem sempre são fáceis, muitas vezes são áridas, nós vemos isso cotidianamente na nossa casa com os nossos pais, muitas vezes não estão habitados, e não estão à vontade com tecnologias que a nós parece relativamente simples como da TV a cabo. Porque às vezes carregam em teclas que vão parar áreas do menu que não dominam depois não sabem sair dali, por tanto é natural que algumas pessoas, tenha a cultura da ambientação que não são muitas, porque nosso corpo docente como instituição é jovem, quase todos nós fomos pessoas que crescemos com essa tecnologia, agora não podemos falar de pessoas de 58, 60 anos que encaram essas tecnologias numa fase tardia da vida, tardia mais ou menos, umas adaptaram bem mas outras não se adaptaram tão bem. A universidade acabou por forçar de uma maneira ou de outra a usar as novas ferramentas, os nossos processos são crescentemente imateriais, temos uma plataforma de ensino que não é apenas do ensino a distancia, é do ensino a distância e presencial, mas que é utilizada significativamente e não só grande parte dos processos burocrático de avaliação dentro da instituição digitalizados informatizados e portanto estão na internet e extranet, democratizamos muitos deixamos ter uma relação tão imediata comum o papel, por exemplo, as pessoas de uma forma ou de outra de ir adaptando, não apenas no caso jornalístico, mas também no caso dos docentes em geral que há um ou dois que é muito digital muito tecnológico, muitos dos meus colegas tiveram de ter um esforço muito grande para lidar com as novas tecnologias.

GP: SOBRE OS CURRÍCULOS, QUAL IMPACTO DESSAS MEDIDAS DIGITAIS?

JPS: Nas próprias disciplinas já albergam a necessidade de novos meios, mas também foram criadas disciplinas ou seja, foram criadas alguns anos atrás para a revisão curricular que foi proposta por causa de Bolonha, mas depois houve varias atualizações nos próprios conteúdos dessas disciplinas que são comunicação digital e comunicação multimédia são disciplina muito orientadas principalmente a comunicação digital, lecionadas no primeiro ano e pretende

fornecer ao estudante uma panóplia de ferramenta do domínio das ferramentas e aplicativos da informática usados em comunicação acompanhados de uma reflexão crítica acerca dessas mesmas ferramentas, ferramentas comuns como *Flash*, *InDesigner*, *Photoshop*, *Adobe edition*, portanto são ferramentas que nós utilizamos que os alunos tem contato no primeiro ano, alguns já tem até bastante noções desses aplicativos, porque já chegaram com essa tecnologia, nem sequer estamos a dar grandes novidades, mas há outros que não tiveram contatos com esses aplicativos, que usamos abundantemente durante o curso.

GP: NO BRASIL TEMOS UM PROGRAMA DE INFORMAÇÃO CONTINUADA COMO PARTE DA ESTRATÉGIA EXIGIDA PELO MISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, AQUI EM PORTUGAL COM A INSTITUIÇÃO ESPECIFICAMENTE, VOCÊS TEM UM PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO DOCENTE OU BASICAMENTE E AUTOCAPACITAÇÃO, SENDO O PRÓPRIO PROFESSOR QUE CORRE ATRÁS DA CAPACITAÇÃO?

JPS: Não. São oferecidas ação de formação regularmente sempre que são introduzidas, eu diria não há ações de informação sobre Flash, isso não , mais há ações de informação , nem tanto sobre pratica docente embora ocasionalmente também há, mas essencialmente as ações de formação no sentido de acompanhamento das mudanças tecnológicas, e não só que são introduzidas na universidade, sobre isso a por exemplo plataforma do ensino a distancia novas funcionalidades. Normalmente fazem cursos para quem está interessado, há pessoas que acabam por conseguir intuitivamente (...) quem cresceu com a tecnologia muitas das soluções com aplicativos são lógicas e são imediatas as pessoas percebem o que lhe é solicitado, eu nunca frequentei essas ações de formação, sempre soube lidar com o sistema da informática , talvez porque eu estive com a tecnologia desde cedo, teve o meu primeiro computador pessoal desde os meus 17 anos em que tive o meu primeiro computador pessoal, que era um espectro computador da década de 52, espectro 64 capa, não, infelizmente não tem mais, tive que dar ao meu filho, o espectro era ligado à televisão e a um gravador, um gravador áudio.

GP: NO BRASIL TIVE UM DESSES MAIS ERA CHAMADO ROTBIT QUE ERA BASICAMENTE ISSO, VOCÊ TINHA UMA TELA QUE TINHA TUDO E UM GRAVADOR PARA TOCAR. PENSANDO NA CONVERGÊNCIA COM AS DISCIPLINAS, SÃO PRATICADAS, EXISTE ESSA PRATICA, ESSA VIVENCIA AQUI,

SENDO QUE AS DISCIPLINAS TEÓRICAS E MAIS PRATICAS CONVERGEM PARA SE COMPLEMENTAR?

JPS: Há disciplinas mais teóricas e disciplinas de incidência mais técnicas, não diria prática, eu prefiro dizer técnica como um espaço de aplicação da teoria à prática que é técnica, acaba por ser uma espécie de engenharia, utilizar a teoria para fazer crescer coisa do emprego antes a designação técnica, efetivamente temos disciplinas mais ligadas a teoria disciplinas tradicionais, como por exemplo teoria da comunicação média, teoria histórica do jornalismo são disciplina que leciono, mais também temos disciplina fundamentalmente técnica, por exemplo, laboratório de jornalismo, jornalismo especializado, que articula com laboratório de jornalismo comunicação multimídia, comunicação digital são disciplinas eminentemente técnicas.

Bloco 2 – Processos formativos

GP. OLHANDO PARA O QUE É PRATICADO EM SUA INSTITUIÇÃO, DO PONTO DE VISTA DA FORMAÇÃO, O QUE DIFERENCIA ELA DAS OUTRAS INSTITUIÇÕES DO PAÍS?

JPS: A formação que nós aqui tentamos dar logo no 1º ciclo, é uma formação de base jornalista, portanto não direcionada especificamente para o ensino, para a área ou o campo do jornalismo é uma formação jornalística que tenta capacitar o estudante que para no final do curso possa estar apto a ingressar em qualquer uma das grandes áreas da profissão da comunicação. Nosso curso preocupa-se desde o início, em falar do jornalismo, da publicidade, das relações públicas, do marketing e de retórica de uma forma integrada, para que no final da graduação que são apenas três anos, os alunos esteja minimamente capacitados para exercer a função em qualquer uma das áreas profissionais da comunicação. A nível de mestrado que nós damos alguma especialização, nosso mestrado tem quatro ramos, mestrado em ciência da comunicação em jornalismo, publicidade, marketing, e relações pública, assessoria da comunicação e tecnologias da comunicação esse mestrado é todo tecnológico, e portanto ao nível do mestrado damos capacitação especializada, mais ao nível da graduação acho que isso distingue um pouco os nossos cursos dos outros que existem no mercado. Nossa

formação é banda larga e generalista, isso não quer dizer que concordo inteiramente porque, exemplo penso uma coisa e informação e outra e comunicação, aliás nós falamos isso na teoria da comunicação e que o campo do jornalismo deveria, no momento em que as fronteiras parecem diluídas, o campo do jornalismo deveria tentar especificar suas fronteiras e acho que no ensino isso também teria a sua lógica, portanto eu veria com bons olhos ter uma licenciatura em jornalismo. Separado mais em geral em comunicação.

GP: NO BRASIL ESTA SE TENTANDO FAZER ISSO, DIFÍCIL É DIZER QUAIS AS FRONTEIRAS JORNALISMO DE UM CURSO QUE VIVEU 'ATOLADO' DESDE SUA ORIGEM À COMUNICAÇÃO, DIZER O QUE É PRÓPRIO...

JPS: Mais é engraçado porque o ensino superior de comunicação nasce com o ensino superior de Jornalismo. O Jornalismo que trouxe a comunicação para as universidades e agora o jornalismo quer sua autonomia e não consegue porque está colonizado pela comunicação. Eu não digo que é bom ou mal, só estou tentando constatar um fato que na nossa universidade tem a preferência tem sido mais para formação jornalística de banda larga com a qual tem vantagens, que não nego, mais também inconvenientes muito grande para definição, especificação de limitação de fronteiras do próprio campo .

GP: AS PRÁTICAS DE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO, EXISTENTES EM SUA INSTITUIÇÃO, MUDARAM COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS? COMO?

JPS: No meu caso não muito, porque eu trabalho licenciamento com historia do jornalismo, portanto trabalho muito com a história dos periódicos, ultimamente, tive a fazer também teorização o trabalho de pesquisa sobre teorização do jornalismo em Portugal ate 74 utilizando principalmente livros e publicações profissionais produzida por jornalistas, até 1974 portanto na realidade eu continuo a trabalhar muito com o impresso, a parte do digital tem necessariamente haver com digitalização, com digitalização de coisas com o próprio conversão do texto. Mas há alguns dos nossos professores que trabalham especificamente o caso do digital, portanto aí estão mais mergulhados na cultura do digital, por exemplo, há um colega nosso que o professor Reitor que é professor de comunicação digital e dar também parte da comunicação multimédia a especialidade dele e hipertexto, novos media, hipermedia

ele esta completamente envolvido no mundo digital, eu ainda trabalho muito com a cultura impressa.

GP: MAIS FACILITOU SEU PROCESSO OBVIAMENTE COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS?

JPS: Facilitou, facilitou em termos de contatos com outros investigadores, de ferramentas de produção de conhecimentos, facilitou a procura de informação disponibilização de informação disponibilização do conhecimento produzido, inegavelmente sob este ponto de vista o mundo digital trouxe algumas mudanças benéficas, não estou convencido é que todas as mudanças sejam benéficas estou convencido que a digitalização nomeadamente a hipermedia e a presença massiva da internet. De uma certa forma ao se secundarizar a cultura impressa está diminuindo a capacidade das pessoas, eu vejo isso lá em casa, das pessoas não lerem texto para adquirir informação em textos densos e longos, agora são mais fragmentos de coisas que as pessoas adquirem, não parece-me que isto possa ser visto como pensamento consistente e complexo acerca de algo que também é complexo que é o próprio mundo. Portanto eu não tenho certeza se o digital está a ser benéfico para tudo, uma outra coisa que o digital trouxe foi a diversificação dos meios, diversificação dos conteúdos , e por isso é muito difícil voltarem a ter esses rituais familiares que existiam antes, por exemplo, das famílias na década de 40 e 50 escutarem em conjunto o radiojornal enquanto jantavam e agora é verem o telejornal em conjunto enquanto jantam, isso já não se passa nas famílias mais recentes, pois hoje os jovens não veem os teles jornais com os pais, os mais pequenos preferem ver outros conteúdos. E temo que a prazo isso possa gerar uma sociedade menos informada e menos capacitada para lidar com a complexidade do mundo de uma forma sólida, eles adquirirem e terem consciência da complexidade do mundo de uma forma sólida que eu acho que aí só o impresso é que apesar de tudo ainda consegue dar, um meio que os olhos repousam com facilidade, uma tecnologia relativamente perfeita para disponibilização da informação e apta precisamente a uma leitura com fio condutor com profundidade, que o digital do meu ponto de vista não dá.

GP: EM RELAÇÃO À PESQUISA E INVESTIGAÇÃO ELAS SÃO COMPLEMENTARES?

JPS: Mais entre a investigação e pós- graduação, a investigação que se produz na licenciatura é reduzida mas faz-se alguma, os alunos são motivados e obrigados também a fazer vários trabalhos ao longo da sua graduação nas diferentes disciplinas trabalho que envolvem muitas vezes a investigação a pesquisa ...métodos de trabalho de aplicação alguns dos trabalhos envolvem a investigação e pesquisa, mas nem todos isso exige-se mais ao nível do mestrado, nomeadamente ate porque eles tem que fazer a dissertação. O Processo de Bolonha trouxe menos tempo para as pessoas, há uma espécie de trabalhete que atingiu os professores de cobrarem, cobrarem mais trabalhos do alunos, esse trabalhete que atingiu os professores diminuiu o tempo que os alunos efetivamente tem para a pesquisar.

GP: Bloco 3 – Impacto dos processos macro de ajustes educacionais/jurídicos

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DA FORMAÇÃO EM GRADUAÇÃO/LICENCIATURA? (HOVE TRANSFORMAÇÃO NOS PROCESSOS OU APENAS FICOU NO CAMPO DISCURSIVO?)

JPS: Teve muito impacto nos processos, quer na forma de ‘lecionação’ com mais responsabilização ao aluno, sobretudo a carga de trabalho do aluno aumentou significativamente e o próprio ensino modificou-se num ensino muito centrado, naquela o professor que sabe disponibilizar o conhecimento para uma relação em o aluno tem que ir mais a procura do seu próprio conhecimento, nem sempre é frutífero porque muitas vezes há insucesso nessa procura do aluno, isto se o aluno não tem base depois não vai conseguir descobrir o conhecimento por si, acho ate uma visão utópica irrealista da educação. Mas há que reconhecer que foram introduzidas mudanças nesse processo, foi introduzida [mas] não tenho a certeza se foram sempre para melhor. Havia outra mudança muito significativa a graduação foi reduzida para três anos, embora esse aumento da carga de trabalho do aluno, acho que, e apesar de tudo, é tempo insuficiente para se estar numa universidade, para fazer uma graduação, acho que devíamos ter seguido o modelo espanhol e ido para os quatro anos. Os alunos iam enriquecer mais e no final do curso ficaria significativamente melhor capacitados para a profissão.

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DA FORMAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO/PESQUISA? (HÁ UMA RELAÇÃO CLARA DE CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO PROPÍCIO PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL-PROFISSIONAL?)

JPS: Eu tenho dúvidas de que se tenha desenvolvido mais do que aquilo que havia se desenvolvido antes de Bolonha, com sinceridade eu até acho que antes de Bolonha tendo em conta que antes Bolonha a cada momento o aluno saíam mais capacitado pois passava mais um ano pelo menos na universidade.

GP: PELO QUE ESTOU CONVERSANDO COM OUTROS PROFESSORES, O QUE BOLONHA TROUXE DE BOM NÃO FOI TÃO REAL DO PONTO DE VISTA FORMATIVO? É ISSO?

JPS: Tenho plena certeza que foi ate muito irreal concordo com esse meus colegas, e eu continuo achando que essa medida foi clamesista, se os alunos forem sair daqui no final de uma graduação de três anos sem fazer um mestrado, a formação com que ficam não é tão consistente como aquela que teriam numa graduação de quatro anos ou ate antigamente quando a graduação era de cinco anos. Antes era cinco anos de licenciatura mais dois de mestrados e depois o doutorado que podia ser de sete anos, sou do tempo, em que havia cinco anos de licenciatura podia o mestrado ir até cinco anos e o doutoramento quase não tinha prazo embora quando eu fiz as coisas estavam a mudar, os mestrado tivessem duração de dois anos, mas a graduação sempre de quatro ou cinco anos ou medicina que eram seis anos, seis anos de medicina o curso de graduação mais três a cinco para a especialidade mais dois de internato geral, o medico só seria medico se fosse na clínica geral depois de onze anos e se especialista ao fim de treze anos, agora todos esses prazos tem diminuído.

GP: EM OUTRAS INSTITUIÇÕES FIZERAM UM REDESENHO DA FORMAÇÃO (ANTES VOCÊ TINHA QUATRO ANOS PARA FORMAR UM JORNALISTA LICENCIADO), COMO FOI FEITO ESSE REDENHO NO CURRÍCULO NA UFP?

JPS: Foi feito a opção de tentarmos centrar naquilo que seria mais essencial, por tanto foi uma opção de eliminação, eliminamos coisas e reconvertemos o que tínhamos noutra com outra

lógica para tentarmos que mesmo em três anos se desse uma formação minimamente consistente e interessante e, interligada e lógica.

GP: QUAL A SUA AVALIAÇÃO DESSES EFEITOS DE BOLONHA NO CURSO DE JORNALISMO EM SUA INSTITUIÇÃO EM PARTICULAR?

JPS: Nós não temos o curso de jornalismo, temos o curso de ciência da comunicação, posso dizer que para o curso de ciência da comunicação não parece do ponto de vista da consistência que a diminuição tenha sido mais prejudicial do que útil. Preferia sinceramente continuar com uma graduação de no mínimo de quatro anos. Eu já nem tenho os cinco como era antigamente, mais eu até iria pra lá eu acho que cinco anos pra fazer uma graduação consistente numa universidade era o tempo que tinha, mas já não pode cinco pelo menos quatro e acho que quatro anos seria melhor do três para aperfeiçoar o desenvolvimento curricular da pessoa, uma das coisas que nós cortamos foi uma disciplina de estágio foi Estágio I e Estágio II agora só temos uma disciplina que é Estágio e ainda por cima lhe acrescentamos o projeto de graduação ou seja, temos o estagio e projeto de graduação, tudo numa disciplina que é meramente semestral. E no projeto de graduação havia antigamente uma monografia o projeto de graduação e um trabalho de cinquenta e oito paginas, passamos para a produção de um artigo com cinco referencias bibliográficas. É obvio que estar perder alguma coisa, no meu ponto de vista três anos, mesmo centrado no que é básico e essencial isso implica a abandonar outro tipo de formação que teria que ter, por exemplo, se nós nos concentramos nos aspetos mais profissionalizantes acabamos por ignorar outro tipo de desenvolvimento que a universidade pode dar, a arte, as humanidades a reflexão sobre o mundo de hoje, alguma coisa tem que ficar pelo caminho, acho que até cinco anos não seria demais para uma formação consistente e no final as pessoas perceberia as vantagens. E se elas forem embora ao final da graduação e nem mestrado fizerem elas vão perder muito em termo de formação. Eu penso que nossa instituição como outras sofrem com isso, ate porque um aluno que sai daqui no final de três anos não tem uma formação tão boa e tão consistente, tão interessante, tão contextual de outro que saiu da graduação de quatro ou cinco anos.

GP: PELO QUE FALARAM, VOCÊ ESTA AQUI NA UNIVERSIDADE HÁ VINTE ANOS? COMO FOI PROCESSO DE BOLONHA? FOI ACEITO PELOS PROFESSORES DE UMA FORMA TRANQUÍLA, HOUVE RESISTÊNCIA...

JPS: Não. Foi aceito, aceito tranquilamente, nos estávamos numa instituição privada e quem estabelece as regras é quem dirige a instituição, e as pessoas tem que aceitar que há esse tipo de visão estratégica, alguém assume essa diretriz e a responsabilidade por ela. No ensino estatal as coisas não são tão simples na realidade na universidade publica não pertence a ninguém em alguém em especial pertence ao conjunto de cidadãos, e portanto toda gente pode ter a sua voz e eu acho que a mais dificuldade de impor um caminho de impor uma visão estratégica. E acredito que pode ter havido mais resistência na universidade pública à aplicação do modelo do que propriamente na nossa instituição. Na nossa instituição o processo foi pacífico, nós compreendemos que, quem esta a frente tem o dever o direito de definir a estratégia da instituição, sendo responsável pelos resultados que essa estratégia tiver ou não.

GP: E OS ALUNOS HOVE RESISTÊNCIA?

JPS: Não, foi relativamente pacífico, houve alguma resistência no inicio no anos de adaptação foram dois anos de adaptação, principalmente nos alunos finalistas, principalmente por causa da indefinição se haviam de passar para Bolonha se haviam de manter-se na graduação antiga quais seriam as vantagens dum quais seriam as vantagens doutro. Depois houve um outro problema o da adaptação, Bolonha exige uma carga de trabalho para os alunos que os alunos (...) não conseguir. Sobe esse ponto de vista houve reclamações justas dos alunos, que não conseguia cumprir com os trabalhos que eram determinados pelas maiorias dos professores, e os professores estavam empenhado naquela baliza teórica, que impunha uma quantidade enorme de horas aos alunos, talvez por uma questão de hábito, há países a mestrado nos estados unidos em as pessoas dormem de cinco a seis horas por noite e o restante e o aluno que tem que produzir porque senão não tem hipótese para dar a resposta aquilo que é exigido. Aqui não temos esse hábito bem ou mal não temos uma setorização mais humana desse ponto de vista eu penso que os protestos que os alunos tiveram nessa fase de transição a carga de trabalho foram justas e houve a necessidade de termos essa adaptação ao processo de transição para que o ensino não se transformasse numa coisa insuportável para os alunos e eles acabassem por desistir (...)

GP: NA RELAÇÃO QUE VOCÊS DESENVOLVEM COM OUTRAS UNIVERSIDADES? COMO? HOUVE APROXIMAÇÃO DE INSTITUIÇÕES OU ANTES UM MAIOR DISTANCIAMENTO?

JPS: Sim, um dos benefícios e o fomento da mobilidade entre professores e estudantes de toda a Europa, eu diria todo mundo. É que o Processo de Bolonha é um processo de convergência essencialmente com os Estados Unidos e com o Reino Unido que é que tinha já mais ou menos esse modelo. Essa convergência acaba por ser uma convergência com EUA, Reino Unido, Canadá, Austrália os países de língua inglesa que já tinham esse modelo. Mas é inegável que trouxe essas vantagens o sistema STS permite avaliar a quantidade de trabalho e portanto fomenta a mobilidade entre estudantes e professores a questão dos acréscimo aos diplomas dos diplomas descritivos para saber o que a pessoa fez na universidade ... suas experiências com o Erasmus, participou em congressos, isso pode figurar tudo diploma e portanto são vantagens pontos positivos do Processo de Bolonha. Mas em outros casos Bolonha falha, por exemplo na capacidade da universidade de dar uma formação mais extensa, mais humana, mais contextual, profunda e consistente que numa licenciatura de cinco anos dava, como era antes, depois os alunos passavam tanto tempo na universidade como passava no secundário. Antigamente cinco anos no ensino inicial, cinco na universidade, (...) passava dezesseis anos no ensino secundário e quatro anos na universidade acho que teria mais interesse.

GP: NO BRASIL ESTAMOS DISCUTINDO MUITO AS COMPETÊNCIAS, AQUELAS QUE SÃO PRODUZIDAS NO CURSO E AS AGREGADAS NO MERCADO. ATÉ QUE PONTO A FORMAÇÃO DEVE ATENDER O MERCADO?

JPS: É uma discussão que fazemos aqui. Eu penso que não podemos excluir o mercado na formação, devemos tentar ir a frente do mercado adivinhar suas tendências, e não ir ao encontro do mercado devemos tentar ser inovador na universidade ela pode ser um espaço para experimentação, no mercado nem sempre isso funciona embora a inovação seja importante para os negócios, mas no mercado nem sempre é possível ser inovadores, porque precisa fazer o serviço que há para fazer. E portanto nesse sentido Bolonha não trouxe nada de especialmente novo, pois na minha instituição sempre se tentou fazer essa política de atender os interesses do mercado , mais tente sobre tudo ir a frente dele adivinhar tendências e gerar

espaços da experimentação, não sei se fomos sempre bem sucedidos, mas a nossa intenção foi e não de nos subordinarmos ao mercado, inclusive quando o curso tinha quatro anos tinha muitas disciplinas de contexto disciplina de formação humana tiveram que tiveram de ser tiradas por causa da adaptação a Bolonha. Nos dias que correm o nosso curso corresponde minimamente aquilo que o mercado necessita mas que tenta como deve ser missão da universidade ir um pouco à frente e para além duma formação simplista apenas atendendo ao mercado.

GP: O QUE O SR./SRA. ACHA QUE FALTA NESSE PROCESSO? QUE SUGESTÕES TERIAM PARA A MELHORIA?

JPS: Maior aspecto pela formação humanística consistente (...) que era timbre dos países britânicos, há coisas que a velocidade nem sempre é boa faltou respeito pelos modelos de formação que já existiam. Bolonha foi demasiada subordinada a critérios, do meu ponto de vista economicista, tem haver com financiamento do curso superior em países cujo estado social está em crise, não haver o dinheiro para financiar o estado social como ele era houve que modificar as coisas de maneira a diminuir os encargos do estado o que nem sempre se conseguiu. Acho que Bolonha passou também o financiamento do curso superior foi uma forma do estado ao comprometer se com o financiamento das graduações mas não o financiamento das pós-graduações que não fossem obrigatórias. Portanto o estado vinculou o financiamento do muitos cursos superior mesmo cursos do ensino estatal há instituições do ensino estatal que já que oferece mestrado, com mensalidade e propina de trinta mil euros em Portugal, são mestrados que podem ser excludentes tem um artigo no “pulo” que fala sobre isso. Contratualmente o estado é obrigado a financiar pós-graduação quando os mestrados são essenciais para o exercício da profissão é o caso da medicina das engenharias, arquitetura, psicologia e medicina é necessário ter uma formação de cinco anos para exercer qualquer uma dessas profissões, o estado financia isso. Quando o mestrado teoricamente não são necessários para o exercício de uma profissão, o estado desvincula-se, esse financiamento de graduação. Agora como as licenciaturas são três anos desta forma poupa-se dinheiro, o processo de Bolonha vem muito ao encontro dos preocupações do financiamento com o estado social, que os nos estados em crise financeira tinham.

GP: PELO QUE ESTOU PERCEBENDO COM A FALA DE OUTROS PROFESSORES, COM BOLONHA A INTELECTUALIDADE SAIU PERDENDO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO?

JPS: Uma formação humanista consistente mesmo em área jornalista e ciência da comunicação mais diretamente nesse aspecto saíram perdendo, mais o problema é em três anos não pode-se ensinar aquilo que era lecionado há cinco anos.

GP: AS DEMANDAS DE HOJE EXIGEM MAIS CAPACIDADE CRITICA DO ALUNO QUE SAI MENOS PREPARADO?

JPS: Sai com menos visão humanista, aquela visão digamos quase do iluminismo, geral do mundo, com menos capacidade de leitura geral do mundo nas suas diferentes complexidades e nas suas diferentes manifestações, as pessoas saem da que por exemplo com cultura científica, cultura humanista, dizendo barbaridades, Napoleão era alemão que a antiga Grécia era do século XIII, isso é culpa de uma deficiência na formação humanista . Não podemos atribuir a culpa somente a Bolonha mais a degradação do ensino secundário do ensino fundamental, ensino primário, médio e secundário, que se tem vindo a degradar nos últimos anos e que tem contribuído para essa perda de qualidade dos estudantes. Porque já chegam relativamente frágeis à universidade os enriquece mas não de uma forma tão substantiva quanto poderia se por trás já houvesse uma formação consistente.

GP: BOLONHA APARECEU COMO UMA FORMA DE SUCESSO NO BRASIL? PELO MENOS PARA NÓS NO BRASIL A IMAGEM CRIADA FOI UMA FÓRMULA DE SUCESSO, ALGUNS ATÉ DEFENDEM A DIMINUIÇÃO DA GRADUAÇÃO, QUE PARA NÓS NA ACADEMIA, TAMBÉM É UM PROBLEMA.

JPS: Na Espanha ate o final dos anos noventa era cinco anos, a menos tiveram o bom senso de diminuiu para quatro, cinco anos de licenciatura, e o mestrado com no mínimo três (...) Eu acho que deviam ser licenciaturas de cinco anos mestrados com pelo menos mais dois e depois o doutoramento no mínimo três anos. Eu penso que os estados do sul da Europa a visão ao Processo de Bolonha foi muito motivada porque teve (...) porque até era muito melhor formar um espaço alternativo de ensino superior, nós poderíamos ter formado com

Espanha, com Itália ,com variadíssimos outros países com o mesmo tempo de formação de quatro ou cinco anos, nos tínhamos a possibilidade de criar um excelente espaço de educação universitária. Mas a nossa conversão foi para os modelos que tem os americanos, os ingleses, os canadenses (...) e com matéria mais barato, pronto.

8. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DO PORTO (UPORTO)

Entrevistado: Prof. Dr. Helder Bastos

Bloco 1 – Dinâmica de transformação das estratégias de formação académica

GP: DESDE QUANDO O SR./SRA. PERCEBEU ALGUM IMPACTO CAUSADO PELAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS SOBRE A DINÂMICA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NESTA INSTITUIÇÃO? COMO CARACTERIZARIA ESSE IMPACTO?

HB: O nosso curso mesmo teve ou tem menos mudanças provocadas pelas novas tecnologias do que os cursos mais antigos. Se eu não me engano que há no país por exemplo, Minho, Lisboa e Covilhã. Porque este curso é o mais recente na área de jornalismo na questão em Portugal, tem apenas 10 anos. Foi criado em 2000 e logo desde início o curso, eu tinha o uma componente técnico e tecnológico de formar as novas tecnologias muito grande. É nós temos, o curso, projetos de umas outras de uma colaboração de umas quatro faculdades diferente, entre as quais a faculdade de engenharia de onde vem os engenheiros ligados à computação e a informática, dá-nos determinadas cadeiras isso já aconteceu no primeiro ano. Isto dá já uma indicação do forte componente tecnológico, que o nosso curso sempre teve, ao contrario como frisei dos cursos de antes, é assim tiveram que fazer uma adaptação muito maior que muitos deles só fizeram essa adaptação verdadeiramente com o Processo de Bolonha. Quando tiveram que mudar os currículos tornar os cursos mais práticos com uma componente tecnológica melhor e esses cursos tinha um componente teórico muito mais forte do que um componente pratico tecnológico e era a norma, digamos assim, dos cursos no país. O nosso já nasceu com esse componente pratico e tecnológico é muito forte. E portanto, aqui o impacto das tecnologias, isso tudo da internet, foi menos visível, já estava integrado, digamos assim, foi sempre muito integrado nas diversas cadeiras, como componente formativo normal usual. Portanto, é isso. Aqui o impacto não foi tão visível. Em outras partes do curso foi. Porque eles eram três por serem mais antigo e por ser mais de difícil a mudança, eles eram mais teóricos do que pratico ou tecnológico, chamamos assim, e não dava mais tempo para dar uma carga letiva relevante a estas áreas mesmo no jornalismo a relação entre o jornalismo e a internet, e só muito tardiamente entrou em força na maior parte dos nossos cursos. O nosso já tinha, logo no primeiro ano, tínhamos por exemplo, do primeiro ao quarto ano que antes era quatro anos a

licenciatura. Tínhamos uma disciplina chamada técnicas de produção jornalísticas que tinha quatro áreas que tinha: imprensa, rádio, televisão e *on-line*. Já tinha *on-line* em 2004. Os alunos tinham permanentemente contacto com as noções de jornalismo e as novas tecnologias e a Internet meramente portanto foi menos dramática.

GP: FACILITOU COM CERTEZA DECISÕES PEDAGÓGICAS TAMBÉM DE CAMINHOS, DE PROXIMIDADE COM O CONHECIMENTO...

HB: É, essas decisões aqui não precisavam ser muito grande, ao longo dos anos, por que começou a perceber-se que era uma das grandes vantagens competitivas, chamemos assim. Do nosso curso que é era ter um cumprimento prática e forte aliado ao componente teórica e técnico que equilibrava essa noção do aluno entre a teoria e prática, e nós ao longo dos anos não precisamos fazer grandes mudanças, grandes acertos a maior foi feita de fato com Bolonha, introduzimos o primeiro ciclo de quatro para três anos letivos, mas mesmo aí não houve grandes mudanças quanto às disciplinas e oficinas, o que houve foi sobretudo uma redução dos horários ou dos cargas letivos. Basicamente, foi mais isso.

GP: NO CAMPO DO ENSINO, O SR./SRA. PERCEBEU QUE AS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS TIVERAM IMPACTO SOBRE: AS PRÁTICAS DOCENTES? DE QUE TIPO, DESDE QUANDO? COM QUE ALCANCE (A MAIORIA DOS DOCENTES, QUASE TODOS, SÓ UMA MINORIA?) HÁ PROFESSORES RESISTENTES À INTRODUÇÃO DE MUDANÇAS EM FUNÇÃO DESSES IMPACTOS? (SE FOR O CASO) O QUE EXPLICA ESSA RESISTÊNCIA?

HB: Foi mais tranquilo, aqui foram mais tranquilos. A introdução de tecnologias novas, tecnologias com complementos no ensino que já estavam entranhadas, digamos assim, nas práticas. Essas práticas já não é mais recente é obviamente que os teóricos não tem grande renovação quanto às tecnologias, mas boa parte das cadeiras tem esse componente. E mesmo em fim, no decorrer das aulas, as tecnologias são muito aproveitadas para o ensino, a relação foi sempre aparentemente pacífico, não se constatam grande mudança . O impacto maior com Bolonha foi na área centrar a aprendizagem no aluno e não no professor, portanto, esse foi um dos paradigmas de Bolonha, não no ensino mas sim na aprendizagem e portanto o aspecto mais visível foi os professores darem menos espaço a eles próprios para exporem as matérias,

e entregar aos alunos projetos e trabalhos para que os desenvolva com orientação tutorial dos professores, mas nestas lógicas as novas tecnologias não tiveram o salto em termo da utilização. Elas continuaram a ser utilizadas como vem sendo usadas desde de o início como noções e adaptações. Não houve aqui grandes saltos já faziam parte da ADN dos cursos, provavelmente foi o curso com menos tutor, lá foi aulas praticas dos docentes, não todos, há pessoas que não conseguiram de fato adaptar-se em pleno aos paradigmas de Bolonha, fazerem menos aulas expositivas e trabalhavam na base de projetos. Algumas disciplinas por sua especificidade tornam esse trabalho mais difíceis. Por exemplos de algumas cadeiras que é a estrutura do curso que atravessa os três anos que é técnicas de expressão em jornalismo é muito complicado nós aplicarmos na grade de Bolonha uma disciplina que é suposto nós ensinarmos sobretudo técnicas que são praticas pra rádio, imprensa, televisão e online. Tornam mais difícil aplicar aqui um sistema de leitura direta daquilo que pressupõe Bolonha. Para cadeira mais teóricas foram mais fácil fazer essa transição, pois pode ver que nem todos fizeram, no que tem haver com a parte tecnológica, nunca se notou grandes rupturas ou grandes saltos, neste curso, foi algo mais gradativo.

GP: A INTRODUÇÃO DESSAS DISCIPLINAS FOI ENTÃO NO MOMENTO DA CRIAÇÃO DO CURSO?

HB: Foi em 2000.

GP: E NÃO HOVE OUTRAS MUDANÇAS CURRICULARES DESDE ENTÃO?

HB: Houve acertos, pequenos acertos, há uma cadeira que sai, e com Bolonha houve uma outra grade que foi eliminada, mas não dessas disciplinas centrais que estrutura o curso desde o início. As mudanças foram sendo relativamente pontuais, também não vi grandes culturas algo do gênero “vamos eliminar tantas cadeiras que são extremamente práticos ou extremamente teórico”, podemos dar aqui modelo volta ao curso que nunca significou, foi sempre pequenos acertos ou disciplinas que foram incorporadas por exemplo, o fator fotojornalismo não existia no início que foi não recorde o tempo mas foi relativamente recente, há três ou quatro anos, e rupturas cadeiras opcionais que foram sendo investidas história do jornalismo e muitas outras. Foi um processo gradual, nunca neste curso houve mudanças drásticas ou viragem a 180 graus na linha daquilo que era oferecido. Por exemplo o

curso se nasceu com três ramos diferentes que é o radiojornalismo, multimídia e assessoria e as matérias nunca forma alteradas, ou seja há um corpo comum nos primeiros dois anos todos os alunos tem as mesmas disciplinas e no terceiro ano eles fazem opção ou jornalismo, assessoria, ou multimídia.

GP: ELES CONSEGUEM FAZER DOIS TAMBÉM? OU SE ELES QUISEREM FAZER TRÊS, ELES APROVEITAM?

HB: Não, não

GP: TERIA QUE COMEÇAR TUDO DE NOVO?

HB: Sim, se quisesse eles teriam que, que até por que o acesso aos ramos, e compensa alguns suportes meramente numérico, o número de vagas por exemplos dizemos que há vinte vagas por ano para o ramo do jornalismo, se elas tiverem sido escolhidas aqueles que tiverem as piores notas são removidos para outros ramos, por exemplo, multimídia ou assessoria, não é possível frequentar supostamente estes ramos, Até pelo numero de vaga.

GP: ELE TERIA QUE FAZER UMA NOVA SELEÇÃO E RETORNAR SE CASO ELE QUEIRA CONTINUAR COM OUTRO RAMO?

HB: Exatamente, não é assim muito fácil, até que eu saiba não de ter havido um caso desses.

GP: É QUE NO BRASIL, NÓS TEMOS A DUPLA HABILITAÇÃO. ENTÃO, POR EXEMPLO A PESSOA PODE FAZER JORNALISMO, MAS BOA PARTE DAS CADEIRAS DE JORNALISMO SÃO SEMELHANTES À PUBLICIDADE, ENTÃO, ELE FAZ MAIS UM ANO/ANO E MEIO, 'COMPLEMENTA' A PUBLICIDADE E SAI COM OS DOIS TÍTULOS, DE JORNALISMO E PUBLICIDADE, POR EXEMPLO.

HB: Aqui não, aqui sai com o curso de ciência da comunicação, o diploma de ciência da comunicação vertente jornalismo. Não há sobreposição, não se pode sair jornalista e assessor isso no nosso curso não é possível.

GP: E, NO BRASIL NÓS TEMOS A CAPACITAÇÃO DO DOCENTE COMO EIXO ESSENCIAL DA FORMAÇÃO, O PROFESSOR PASSA POR CONTÍNUOS CURSOS BASICAMENTE SEMESTRAIS, DE CAPACITAÇÃO TEÓRICA E PEDAGÓGICA TAMBÉM. AQUI NA UNIVERSIDADE OS CURSOS DE CAPACITAÇÃO PEDAGÓGICA PARA MINISTRAR AULA, PARA DESENVOLVER AS ATIVIDADES DOCENTES SÃO COMUNS, OU CADA PROFESSOR FAZ SUA PRÓPRIA AUTOCAPACITAÇÃO?

HB: Autocapacitação. Que eu saiba nos cursos semelhantes não tenho conhecimento de que a universidade promova esses cursos. E mais, geral é mais autocapacitação é mais autoafirmação, autoaprendizagem, alto ensino digamos assim, dos próprios docentes por causa não é algo que esteja entranhado em nossa cultura acadêmica, pelo menos na área de ciências da comunicação que eu conheço melhor, portanto, não há um investimento por parte dos cursos das faculdades, muito menos com o alcance desse semestre muito tempo em termo de investimento. E aí vocês trabalham esses seis meses com fazem oficinas, com aulas ou (...)

GP: A CADA SEMESTRE, OU A CADA INICIO DO SEMESTRE, NORMALMENTE, A TEMOS UMA SEMANA OU UMA SEMANA E MEIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA. ENTÃO ANTES DO INICIO DO SEMESTRE LETIVO PARAMOS UMA SEMANA E AI NÓS TEMOS, MUITAS VEZES, SEMINÁRIOS OU CAPACITAÇÕES, WORKSHOPS, VINDAS DE PROFESSORES DE OUTROS LOCAIS PRA DISCUTIR A PARTE PEDAGÓGICA. É BEM INTERESSANTE, ISSO AJUDA O PROFESSOR A SEMPRE ESTAR COM O FOCO DA FORMAÇÃO.

HB: Aqui, nos temos, acho que fazer isso, nomeadamente chega uma hora que é muito mais visível, uma exigência que não nos era feita até agora. Primeiro, nós passamos a ser avaliados, depois, vamos ter a primeira vaga de avaliação agora, depois com essa exigência e exigido que comuniquemos mais, que façamos orientações, e enfim, que desenvolvemos todo esse tipo de trabalho e que acumulemos as horas de docência e orientação tutorial com investigação, isto é, espera-se que nós docente sejamos simultaneamente docentes investigadores, o que lança a nós grandes desafios. Primeiro temos que gerar o carga letivas pesadas, no tempo pra investigação nós não temos, ao contrario tanto quanto sei, como diz o prof. Marcos Palácios no Brasil tem um bocado de horas para investigação, nós não temos.

Que eu saiba não está na nossa folha de serviço ou instituição de serviço ou questão de horas para investigação, por tanto, a investigação é quando nós temos tempo disponível, temos que correr, e para desenvolver essa questão é também necessário que nós desenvolvamos técnicas muito lógicas que estamos a par da produção teórica, e tudo isso é feito de uma forma muito, por nós próprios, alto aprendizagem, alto pesquisa, nós não temos esse impulso digamos assim, que nos conceda informação, e os desafios que se nos colocam hoje são muitos e foram quase de um ano para outro, passamos ser avaliados de forma simultâneos com capacidade de ensinar e investigar. É sabido que em Portugal na área sobretudo de ciência social, as cargas letivas são mais altas que as ciências exatas, isto é enquanto eu alguém que trabalha em química, física, engenharia, computação, por exemplo, tem uma carga letiva menor e tem mais tempo para investigar, nas ciências sociais não acontece isso está estatisticamente provado e mostrado as cargas letivas são maiores, pois tem muitas horas aulas na área de orientação e resta menos tempo para investigar então, esta questão tem que ser de uma maneira ponderável e calculado, por que de fato coloca o professor numa situação bastante complicada, nós não temos de fato pois afinal não temos formação, não temos horas ou cargo pra investigação, não temos, e por tanto, por vezes não é nada fácil, o que é que eu posso dizer, as exigências são muitas.

GP: EU SEI QUE NÃO DEVE SER MUITO FÁCIL NÃO. NO BRASIL, DESDE OS ANOS 60 TEMOS UMA PERSPECTIVA DE FAZER TRÊS COISAS. É O ENSINO, PESQUISA/INVESTIGAÇÃO E A EXTENSÃO. ENTÃO, DESDE OS ANOS DE 1960 QUE NÓS ENTRAMOS NESSE RITMO, DE TER ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, UM POUCO MAIS UM POUCO MENOS. HOJE EU TRABALHO NUMA UNIVERSIDADE EM QUE EU TENHO 20 HORAS PARA PESQUISA, TENHO 10 PRA EXTENSÃO E TEM 10 SÓ NA GRADUAÇÃO/LICENCIATURA. NESSE MOMENTO, NOS PRÓXIMOS ANOS, EU JÁ ESTOU HÁ dois ANOS E MEIO, três E MAIS UM MEIO A FRENTE, EU NÃO ESTOU TRABALHANDO NA GRADUAÇÃO POR QUE ESTOU NO DOUTORAMENTO. ENTÃO, TENHO 20 HORAS DE DOUTORAMENTO GARANTIDO NESSE ANO ATÉ O ANO QUE VEM, ATÉ MEADOS DE SETEMBRO EU TENHO 40 HORAS SEMANAIS DE AFASTAMENTO INTEGRAL PARA O DOUTORAMENTO MAIS O APOIO DA OBRA DE PESQUISA. NO BRASIL, A REGRA É GERAL. QUANDO NÃO HÁ ISSO TODO MUNDO RECLAMA, POR QUE O 'COSTUME' É QUE TIVÉSSEMOS O APOIO NA HORA DO DOUTORAMENTO.

TOMARA QUE, QUE QUANDO SE PENSAR EM ‘PUXAR’ A BOLONHA COMO MODELO NÃO SE PENSE EM CORTAR JUSTAMENTE ISSO. JÁ FAZEM ALGUNS ANOS QUE ESTÃO TENTANDO APROVAR/IMPLANTAR ELEMENTOS DE BOLONHA NO BRASIL, MAS HÁ MUITA RESISTÊNCIA. COMO É GRANDE DEMAIS O PAÍS A RESISTÊNCIA É MUITO GRANDE.

HB: Deixem que os resultados de Bolonha começa ser mais visível. Desde aqui já começa ser visível. Só agora, com mais clareza o impacto costuma sair das primeiras fornadas de licenciados Bolonha que chamamos os “Bulunhas”. E o que, que acontece. Em algumas áreas por exemplo de Direito, tem sido caso mais glamuroso exige uma prova específica, alunos que venha de Bolonha, por quê? Porque acha que os advogados tem sido muito pior na preparado do que os antigos da antiga licenciatura. E não é só em direito. É outras áreas que estão a achar o mesmo. Por tanto, começa a ter o mesmo publicamente, começa a ter essa obsessão como de Bolonha forma pior os alunos, em que os outros estão tendo piores resultados em termo de formação. E só agora que começa a ter alguma sonoridade, surgem algumas vozes mais críticas, incluindo de professores universitários que estudam na própria universidade que nos temos aqui um caso que é o do professor Boaventura Sousa Santos. Que trabalha com muita gente no Brasil tem um livro dele com o reitor da Universidade do Estado da Bahia, ‘nem Harvard nem Bolonha’ o texto dele.

GP: SEMANA PASSADA, TEVE ALGUNS EMBATES MUITO INTERESSANTE ENTRE ELE, E O PROFESSOR MARCOS, EM ALGUNS TEXTOS NA INTERNET, POR CONTA DISSO QUE A DEFESA DELE É DIMINUIR MESMO A GRADUAÇÃO, E ELE APONTA A BOLONHA COMO A HISTORIA DE SUCESSO EUROPEU. E EU ME ASSUSTEI UM POUCO, POR QUE NESSAS CONVERSAS, A MAIORIA DAS UNIVERSIDADES, APESAR DE BOLONHA SER DE 1997 AS PRIMEIRAS ASSINATURAS E SE PASSA UMA IMAGEM DE QUE TUDO TÁ FUNCIONANDO 100%. A MAIORIA DAS UNIVERSIDADES AQUI NO CONTINENTE COMEÇOU NO ANO PASSADO, A IMPLANTAR, E AI SEMPRE HÁ DÚVIDA, POR QUE DEMOROU TANTO?

HB: Foi necessário passar por adaptação burocrática que é (...) formação dos cursos e sustentação da formação.

GP: MAIS DEMOROU TANTO! 13 ANOS, NA MAIORIA DOS CASOS.

HB: É por que algumas coisas não deviam estar tão claro quanto devia e pois o que deu para perceber também desse processo é que muitos todos os cursos tem a muitas especificidades é a mesma grade que é muito complicado. Quer dizer, os cursos de ciências exatas não tem as mesmas características dos cursos de ciências sociais e os de ciências sociais um curso X não tem nada a ver com o curso de comunicação e as coisas são completamente distintas, e por exemplo eles adaptarem aquilo que é o espírito de Bolonha cursos que são totalmente diferentes entre si é muito complicado. E houve grandes resistências em cursos mais importantes medicina, engenharia, arquitetura houve resistências muito grande tanto que muitos optam por mestrados integrados.

GP: HUM RUM SEI QUE FOI UM...

HB: Truque

GP: É, BASICAMENTE, POR QUE ANTES TINHA, VOCÊ TINHA CINCO MAIS DOIS E HOJE VOCÊ TEM CINCO CORRESPONDENDO TRÊS (DE LICENCIATURA) MAIS DOIS (DE MESTRADO).

HB: No fundo os dois é um prolongamento dos três primeiros (...)

GP: VOCÊ TEM UMA MELHORIA DA TITULAÇÃO, A PESSOA ANTES SAÍA COMO GRADUADO/LICENCIADO, AGORA ELA SAI MESTRE, MAS EM COMPENSAÇÃO A INTELECTUALIDADE PERDEU. PARECE QUE PERDEU, POR QUE É ESSE ESPIRITO QUE MUITOS COLEGAS ESTÃO FALANDO AQUI. A AGREGAÇÃO DE BOLONHA, ELA FOI BOA POR QUE VOCÊ AUMENTA A TITULAÇÃO, MAS EM COMPENSAÇÃO VOCÊ 'MATA' UM POUCO A INTELECTUALIDADE DA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA.

HB: Qualidade da informação, eu penso sim. Esse é o efeito mais indireto e sobretudo em cursos que não tem mestrados integrados que é a maior parte, nosso caso, nós, temos o

primeiro ciclo de três anos o último ano tem um semestre de, um semestre não, é todo, tem parte de cadeiras e outra de estágio. Por tanto, o grosso do curso está concentrado nos dois primeiros anos e nós estamos a lançar para o mercado jovens com vinte anos de idade formados em muito poucos semestres. É evidente que isto não pode deixar ter os seus reflexos, há menos tempo pra ensinar, há menos tempo pra aperfeiçoar, há menos capacidade pra, enfim até mais tempo pra determinadas coisas e o aluno em rigor sai o fim de três anos para o mercado e pode começar a trabalhar é claro, está preparado exatamente ao mesmo nível, que estavam ao fim de quatro anos. Acredito que não. Nesse instante só no primeiro curso e sobretudo quando os alunos não são obrigados a fazer o mestrado para terem o mestrado para terem (...) Eu acho aqui houve essa uniformização de uma ideia é um processo aplicado a cursos tão distintos. Parece ser uma das razões daquilo que aparentemente está a ser maior falha da Bolonha que é a diminuição da coisa dos formandos dos alunos claro que também depende dos cursos, mas eu acho que vocês em uma parte vocês antes de assimilar, importar, digamos assim processo desse, eu acho que é preferível vocês aguardarem algum tempo, vejo brasileiros com sequência com sistema de ensino europeu porque o verdadeiro balanço só será feito eu acho que antes de uma década não está suficiente para pesar bem todas as consequências de Bolonha. É preciso deixar passar uma ou duas versões de formandos pra ver pois o verdadeiro impacto. Começa assim haver os primeiros sinais de desaprovação, isso é claríssimo aqui, e até dos próprios alunos que acham comprometimento com os quais conhecem, mais os mais velhos não são assim tão menos práticos. Essa obsessão começa a ser generalizada, até chamamos e público em geral a obsessão começa a espalhar-se, a passar do meio acadêmico para os cidadãos. Mas como eu digo, ainda é muito cedo pra nós pesarmos dita mente de toda as consequências que temos ditas boas ou más por isso, é que eu digo, acho que vocês tinha que vir se deixarem primeiro, vir o real impacto disto. No sistema de ensino e depois, e na qualidade do ensino, que é isso que importa, e depois mesmo que vá importar, importem já com as correções que eu acho que isso vai ter que ser corrigido. Em muitos cursos vai ter que ter correções que eventualmente, passos atrás por que é, a coisa que não estão resultando.

GP; É, QUANTO, ALÉM DA QUESTÃO DO ENSINO, EXISTE UMA PRÁTICA DE CONVERGÊNCIA NA FORMA COMO AS DISCIPLINAS SÃO MINISTRADAS? PARTE TEÓRICA, PARTE TÉCNICA, PARTE PRÁTICA.

HB: Entre as diferentes disciplinas? Sim, sim, há cruzamento que eu até acho que são muitos interessantes. Por exemplo, a disciplina das aulas do 1º ano em que se ensina a trabalhar com FLASH. Os alunos do 1º ano têm noções de FLASH. Essas disciplinas depois vão ser, e esses conhecimentos adquiridos aí, são introduzidas em outras disciplinas em que o Flash vai ser introduzida para desenvolvimento de trabalho multimídia, por exemplo, cadeiras que são do ramo multimídia, acabam por ser úteis no ramo do jornalismo meramente na parte onde se produz reportagem multimídia. Vamos supor, é suposto que os alunos saibam trabalhar a Flash. Há um cruzamento claro de informação de competências. Nós observamos por exemplo, os alunos da parte de imprensa tem que fazer um jornal interno sozinho, tem que saber trabalhar, por exemplo, com o Adobe Designer, o domínio plano já foi aprendido previamente em outras disciplinas, trabalho multimídia já há um cruzamento permanente. Não, nós temos tentado em certos casos que a sobreposição de matérias, oficinas, quando isso é acertado, procura sugestões, chega a ser um consenso de quem fica com que, pra evitar duplicação. Isso é natural acontecer, mas os casos tem sido identificados e tem sido resolvido sempre que se sabe, mas tem de fato, acontecido, descobri: “a também estou a dar isto ou o aluno chega para o professor eu já vi isso em outra disciplina”. Então a elaboração dos planos não é feita em conjunto com todos os professores, por tanto (...)

Bloco 2 – Processos formativos

GP: DO PONTO DE VISTA DO QUE É PRATICADO AQUI NA UNIVERSIDADE DO PORTO, NO CURSO DE JORNALISMO DAQUI, O QUE, QUE PODERIA DIFERENCIAR ESSE CURSO DE OUTROS, AQUI DE PORTUGAL? QUAL É O FORTE DE VOCÊS?

HB: Nosso forte é cumprimento multimídia. É cumprimento multimídia que desde sempre foi imagem que marca desse curso, desde início. E os traços distintivos manteve praticamente, durante toda a primeira década que nós estamos. Os outros cursos eles dão aula muito teóricas, havia um grande desequilíbrio entre teoria e prática. Pois um reflexo no desempenho dos alunos no mundo empresarial, esse é um traço distintivo, os alunos aqui tem um forte cumprimento multimídia, dominam software, produção audiovisual e edição de áudio e vídeo é Flash e multimídia, tão sempre com a carga de componente grande, muito acima do que é

normal, quer exigir, alias, os nem os, tinha, os cursos de Portugal não tinha, esse aqui foi o primeiro.

GP: VOCÊS FORAM OS PRIMEIROS, ENTÃO?

HB: É, nesse aspecto foi. E depois também outros traços distintivos desde o início nós tivemos carga das disciplinas prática de jornalismo sem problemas. Nos outros cursos, fomos os primeiros a ter do 1º ano ao 4º ano, por exemplo, a disciplina de jornalismo online que desde o início sempre pensava nos tipos de ... E eu quando muito numa cadeira semestral no 1º ano era uma coisa muito, e vamos supor do curso Lisboa, no curso do Minho. Aqui não, na parte de jornalismo essa área das técnicas, sempre foi muito forte em termos de carga letiva em termos da área de professor envolvidos havia dois professores para cada área, dois para imprensa dois para rádio, dois para televisão ou seja, havia uma proposta muito forte em preparar os alunos para serem, quando saírem pra o mercado, vir a trabalhar o mais possível, ou certo, mais a vontade em empresa radio, tudo *on-line*, estúdios, televisão e rádio temos uma redação *on-line*, o jornal *on-line*, a componente pratica foi sempre ligada aos (...), não, foi o traço que distinguiu que não tinha paralelo, acho que nem hoje tem. Os outros cursos fizeram uma adaptação mas não tem o peso que nós temos, a esse nível.

GP: AS PRÁTICAS DE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO, EXISTENTES EM SUA INSTITUIÇÃO, MUDARAM COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS? COMO?

HB: Claro isso parece me inegável nós passamos a ter acesso muito mais fácil e muito rápido a Bibliografia a produção que é feita nas universidades em todo o acesso a teses, abstracts teses, bases de dados de todos os tipos, passou a ser muito mais fácil o acesso a livros. Passou a ser muito mais fácil o contato com investigadores que trabalham nas nossas áreas em todo mundo. Passou a ser muito mais fácil fazer downloads de *papers* e coisas do gênero. As mudanças foram incalculável. Em todos os passos do processo ligados a investigação os processo foram facilitadas pelas novas tecnologias. Até se pegarmos um software que gera bibliografia o (...) ou algo semelhante são coisas que ficaram facilitadas pelas tecnologias.

GP: MESMO COM ESSA FACILIDADE EXISTE A DIFICULDADE DE ALGUNS LIDAR COM ESSA QUANTIDADE DE INFORMAÇÃO...

HB: São temas que me fascina já há muitos anos tenho procurado acompanhar que é o (...) sobre a informação esse é o lado negro da força, para utilizar uma linguagem assim .que é esmagada muitas vezes com tantas diferenças e isso muitas vezes põem a prova a nossa capacidade de seleção e de síntese daquilo que é importante é muito fácil virar um investigador numa sociedade da informação brutal, incomensuravelmente disparou as nossas fontes e os dados que temos acesso e esse é o lado mais difícil acho que as muitas pessoas que enfrentam hoje grandes ansiedades informativas e da investigação (...) isso também não é fácil digerir, e muitas vezes os maus resultados, por tanto, até ai cabe ou faz todo sentido que haja formação no sentido e prepararmos os discentes investigadores, para nos da (...) mas isso não é um problema exclusivo dos investigadores, é um problema hoje do cidadão, e um problema dos próprios jornalistas, ter acesso. E depois outra coisa se torna difícil, uma par da quantidade da informação e a velocidade, que é pulsada é disseminada, que ajuda também aumentar essa ansiedade “ será que estou a perder alguma coisa que me falta”. Esse fluxo constante também. Eu penso, que ai um docente, um investigador tem que ter algo de capacidade pra testa a velocidade vertiginal por que se não, não consegue por (...) tornar ideias não consegue ganhar perspectiva sobre aquilo que está realizando, está desenvolvendo. Por tanto, eu acho, que cabe investigador, saber dar uma espécie de passo atrás, ganhar perspectiva, algum distanciamento em relação a esta alucinação informativa, por que de outra forma o seu trabalho fica, um trabalho de investigação exige algum tempo na maturação das coisa, de mastigação de conceitos, leituras que não se comparam com o ritmo permanente do, quando chega nos Twiter, Facebook (...) É brutal, Eu acho por tanto, há que se fazer um esforço, há que desenvolver uma capacidade de ser preparado um caminho (...) não há essa capacidade de reflexão que já é um patamar ainda maior você ter tempo de recuo já não e só para digerir a informação e os desafios são, tem esses dois lados, uma riqueza de recursos, como nunca tivemos. E um potencial de perigos também que eu acho bastante difícil de digerir e não parece que muitos investigadores estejam preparados para com isso, com essa exponencialidade de dados, não estamos preparados, foi uma coisa demasiada repentina demasiado impetuosa, digamos assim, é que pegou muitas gentes desprevenidos, às vezes dou por mim nessa cilada. Mas á está, eu acho que se não somos nós nesta, enfim, no patamar que estamos não tiver ala a distância fica complicado. Quem é que vai criar.

GP: É, COMO É QUE FICA ESSA RELAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO E DA GRADUAÇÃO? NO DOUTORADO SE PARTE DO PRESSUPOSTO QUE O DOUTORANDO É UM INVESTIGADOR. E NA LICENCIATURA, O ALUNO APRENDE A SER INVESTIGADOR TAMBÉM NA GRADUAÇÃO OU ISSO NÃO ACONTECE NA INSTITUIÇÃO?

HB: Há uma preocupação nesse sentido até. Nota se isso pelas cadeiras de metodologia nos primeiros ciclos e no segundo ciclo também temos, há uma preocupação de pelo menos dar a eles instrumentos aos alunos para desenvolvimento da investigação.

GP: MAS EXISTE UMA COMPLEMENTARIDADE ENTRE O QUE ELE APRENDE NA GRADUAÇÃO PARA SE TORNAR UM FUTURO INVESTIGADOR.? ISSO É PLANEJADO, É PENSADO OU CADA PROFESSOR DECIDE COMO ISSO DEVE ACONTECER?

HB: A nível da (...) entre dois professores e cada professor gera a sua forma de preparar os alunos, da parte institucional, o curso começa com credito, depois cada professor vai gerindo nas suas disciplinas. Isso tudo vai potencializando aqueles alunos que tem, que mostra mais apetência para a investigação, os alunos também, por que nós temos aqui notado nos dois últimos anos, sobre tudo no mestrado, noção de ciclo, é que a maior parte dos alunos chega com ideia não de fazer investigação ou seja uma dissertação ou seja no 2º ano do 1º ciclo, mas com ideia de fazer estagio profissionalizante, por que o mestrado oferece essas duas vias para optar por desenvolver um dissertação e assim já estará dando um passo importante para depois no doutoramento. Ou opta, pela via profissionalizante, fazer estagio para uma empresa por 3 meses e depois no final produz o relatório, que é suposto que é mais desenvolvido que os alunos do primeiro ciclo desenvolvem. Mas o que é interessante é que a maior parte dos alunos que chega aqui, mesmo durante a entrevista de seleção, dizendo que quer um estagio para que, não com qualquer intuito de investigação, muito longe disso. Mas de potenciar determinado emprego. Eu diria que 70% a 80% dos alunos que nos chega, vem com essa visão. Por isso é que eu digo, os professores, depois com os interesses dos alunos vão potenciando, vão puxando mais pra a investigação. Os alunos vão criando neles o apetite de investigar... mas e essa é outra questão que nos faz pensar, né. Por que a criação da via profissionalizante é maior e surge com Bolonha ou pelo menos que é que potenciado

Bolonha, antigamente o mestrado era um mestrado. No meu tempo eu fiz mestrado que tinha uma parte letiva que eu tinha dois anos pra escrever uma tese. Não havia estágios, empresas, nada que se processasse. Bolonha vai criar essa, pra mim é mais uma dos aspectos a resolver, por que a que, que ou pelo menos diluiu-se muito a importância, a especificidade do mestrado não só aqui isso acontece nos outros cursos. Os alunos vêm o mestrado com o olho no estágio, trampolino para emprego. Isto é um pouco desvirtuado, no espaço de investigação. O mestrado era algo visto como independentemente de investigação, agora não. Isso pode ser mais um dos equívocos dados por questão não sei, não devidamente calculada, não devidamente ponderada de Bolonha que é que se pretende hoje de um mestre. O mestrado, esse pode ser um espaço de investigação em sobretudo, mas a resposta de Bolonha é não. Claro muito menos, depende, as coisas deixam de ser tão claras como era. Isso pra mim é horrível, e do meu ponto de vista acaba por não beneficiar nem a investigação, obviamente a não ser em poucos casos nem aquilo que se pretende realmente com o estágio. Não é possível com um relatório de estágio desenvolver ou formar um futuro investigador. Não é por aí. Um relatório de estágio com 40 / 50 páginas, também não vai criar grandes bases pra um futuro investigador. Do mesmo modo também não vai preparar nenhum aluno pra vida profissional. Sempre nós temos aqui um agravante, a maior parte dos alunos que chega aqui para mestrado, vem de outras áreas de outros cursos... não tem nenhuma preparação base jornalística e muitos chegam iludidos de que vão passar três meses em uma empresa jornalística e aí ficam lá empregados. É um equívoco monumental. Por isso é que eu digo, o mestrado nosso com Bolonha a algumas (...) não é telhado completamente pra investigação, não é telhado para preparação das pessoas pro mercado de trabalho, produtivo em oferta. Exatamente, pra mim, quer dizer, não é possível. Já temos aqui dois anos consecutivos no mestrado. Não é possível se compararmos a formação do mestrado pra Bolonha. Mas é isso que está acontecendo. Diluiu-se, tirou-se a força do mestrado sem li dar algo em compensação, que está em compensação, como estágio por exemplo. Acaba proporcionando, desenvolvendo, não é possível preparar pessoas pra o mercado como elas pensam que isso vai acontecer. Não se prepara ninguém com relatório muitas vezes elas vão pras empresas e desenvolvem um trabalho diário. Não estão lá, pra fazer observações participante nem aplicar inquérito. Tão trabalhando mesmo, produzir. São integrados em departamento ou em áreas e desenvolvem trabalho diário como se fossem. Portanto. Não, quando muito faz, há um esboço disso no relatório. Mas é muito pouco não, não.

GP: NISSO, ELE VAI PRA UMA BANCA APRESENTAR?

HB: Sim, sim, quer o relatório quer as dissertações de mestrado, são sujeitos a prova públicas, vai pro júri etc.

GP: QUE É AQUELAS QUE EU VI LÁ EMBAIXO, QUE TEM UMA SÉRIE DE CONVITES. TODOS SEGUINDO OS PADRÕES DE ESTAGIO, RELATÓRIO FINAL. BASICAMENTE SERIA ESSE O MODELO?

HB: Sim, sim. É esse o modelo que está por ser equipado, portanto, é pra mostrar.

GP: E NA QUESTÃO, NA QUESTÃO DA MOBILIDADE DOS PAÍSES QUE AINDA EXIGEM UMA DISSERTAÇÃO, UMA PRODUÇÃO DE UMA TESE NO FINAL, COMO É QUE FICA ISSO?

HB: Fica complicado. Os países europeus que não estão, obviamente disponível, aplicado aos países europeus por ele é complicado, por que quer dizer, se um aluno chega lá com um, chega ao Brasil. Vamos dizer Palmas, chega à África do Sul, com um mestrado em ciências da comunicação via profissionalizante vão ficar. “O que é isso?” “Mostra lá sua dissertação” e mostra o relatório de estágio. Cria logo esse choque mobilidade fora do espaço de Bolonha fica mais complicado sobretudo a nível do 2º e 3º ciclo. É, a questão que eu coloco é se isto terá sido ponderado se foi ridiculizado, se foi propositado, não sei, há aqui questões que só o tempo vai responder

Bloco 3 – Impacto dos processos macro de ajustes educacionais/jurídicos

GP: É, AINDA PENSANDO NA QUESTÃO DE BOLONHA, PARA VOCÊS SAÍREM DO CAMPO DISCURSIVO, PARA A PRÁTICA, DO QUE DEVERIA SER E DO QUE ESTÁ SE TORNANDO BOLONHA. COMO É QUE FOI O REDESENHO AS DISCIPLINAS, OUVI DE FATO UM REDESENHO TOTAL. A MUDANÇA NOS OBJETIVOS APENAS OU QUE VOCÊS MEXERAM INCLUSIVE EM EMENTA, BIBLIOGRAFIAS?

HB: Não, com a passagem para Bolonha, os ajustes no nosso curso, foram essencialmente em termo de junção em três anos, naquilo que é dado em quatro anos, basicamente foi isso. Vamos imaginar, uma das disciplinas que eu tinha. Uma disciplina que tinha uma carga letiva de 3 horas semanais passou a ter 1 hora e meia. E a junção ou seja, não só alterou as disciplinas, não se mexeu em bibliografia (...), nada. O que é que seja? Junção, que era quatro anos, compromisso pra três e eventualmente uma outra cadeira foi dispensada ou foi eliminada por economia de espaço... portanto, no essencial foi isso o que Bolonha provocou foi uma compunção, sobretudo a carga letiva. São termos enfim, formais por na parte pratica ter tem outras algumas disciplinas, a foi mudança no métodos de ensino. Mesmo ai o essencial, creio que não na maior parte dos casos, não terá mudado assim, nada muito radicalmente. Não creio que na parte dos meus colegas tenham dado uma viragem de 180° em seus métodos de ensino, não acredito que a maior parte pelo que sei tenha feito uma passagem total do modelo de ensino para o modelo de aprendizagem centrar no aluno total, não estou vendo que isso tenha acontecido.

GP: É TANTO, QUE PRATICAMENTE, NÃO HÁ RESISTÊNCIA, COMO VOCÊ FALOU, NÃO HOUE, NÉ, DA PARTE DOS DOCENTES.

HB: Não. Mais isso também tem o seu lado, o outro lado que é, não houve também grandes espaços e aqui já estou fala em outro país em todos os cursos para um verdadeiro debate em torno de Bolonha, foi muito imposta em pouco discutido, basicamente, foi algo que veio numa (...) hierárquica no sentido ascendente de cima para baixo. É preciso, muitas vezes e preciso, vocês tem dois anos para se adaptar a Bolonha e as faculdades e reitores e tudo, entraram num (...) para compreenderem as mudanças. De cima pra baixo, Processo de Bolonha, Ministério, ensino superior, reitorias, diretores secular, foi de cima pra baixo e muito pouco espaço para as próprias pessoas que são no fundo são o resultado final e os alunos discutirem

GP: OS ALUNOS TAMBÉM NÃO DEVEM TER RESISTIDO?

HB: Não, até por que esmagadoramente não seria exatamente o que estava em caso. Nem muitos gostaria. Sim, mudanças, claro, venda do processo Bolonha era muito, isso tudo pras pessoas que tinha voz, ministros, pessoas ligadas à educação e muitas pessoas também o

discurso foi sempre, embora tenha havido um certo descontentamento...uma das criticas mais feroz que se ouviu, ouvia já alguns anos com mais, com mais alto. É que Bolonha foi uma boa maneira de fabricar ou citar mais ou menos o (...) licenciados menos bem preparados para o mercado de trabalho ou seja as empresas. Portanto, sou um dos mais pessimistas (...) esse é só um exemplo, muita gente já tem observado por ai que vai no mesmo sentido. Bolonha foi uma forma de fato, de mudar o paradigma do ensino de modo a servir o mercado e não a inteligência ou seja, tirou-se a inteligência, criou mais depressa, mais rapidamente, mão de obra barata, isso obviamente tem haver com discussões muito mais abrangente do próprio papel da universidade (...) “pra que que ela serve?” Serve de reservatório de conhecimento, produção do cidadão culto ou se a visão romântica dos fundadores da universidade, do conceito da universidade do Kant (...) ou deve ser uma universidade mais útil a sociedade embora com essa titularidade que seja complicada e que sirva, sobretudo, para formar mão de obra qualificada.

GP: O QUE PENSA PROFESSOR HELDER SOBRE ESSA QUESTÃO?

HB: Eu acho que a universidade é um dos últimos redutos, que a sociedade tem para preservar uma capacidade de reflexão de aprofundamento de conhecimentos de sistematização o conhecimento. Pra mim é continuar ser uma função sagrada, né. Sou totalmente contra a transfusão de uma universidade em escolas praticas, eu costumo dizer isso pros meus alunos, um pouco zangado, quando nós conversamos. “A professor (...) sim vocês querem que traz coisa praticas? Só que se vocês querem coisas praticas é bom ir pra um centro de formação, pra uma escola prática”. Nós estamos em uma universidade. Vocês fazem, muito embora não que. Ensinamos a fazer mas também tem que pensar naquilo que fazem e naquilo que, é, vai muito pra além da pratica. Portanto, eu defendo um equilíbrio que não seja desfavor ou que não prejudique a formação de pessoas cultas capazes de pensar de agir, isso é uma das ideias que vai desde os principais fundadores da universidade. Eu penso que isso deve ser preservado a todo custo. Agora, promicidade puramente reflexível, intelectual e completamente ligado a novidade, também não parece ser um modelo que seja viável hoje em dia. O universitário, chamado, “eu não tô afim, não quero saber de julgamento da universidade”. A universidade deve está virada para o exterior, mas sem se tirar a se próprio ou sempre (...) essa capacidade, só olharmos a nossa volta, não a muitos outros sítios na nossa sociedade, não que seja possível pensar e refletir e desenvolver um pensamento critico,

que isso eu acho que tem sido, termina sendo, um das maiores perdas da universidade, ao longo dos anos mais recentes, talvez das décadas. Retirar a capacidade do pensamento crítico é uma das piores coisas que se pode fazer a universidade e a prova está aí, o que está acontecendo na. Isso é o que eu acredito que mais se tem acontecido. Dessa perspectiva penso que Bolonha vai dar um grande empurrão isto é um incentivo: “Vamos deixar teoria, vamos preparar os meninos rapidamente em força, pra o mercado de trabalho porque os países tem uma economia (...) pessoalmente me preocupo muito, temo que Bolonha que tenha vindo, vou dar mais uns anos pra avaliar. Mas seja de fato tenha dado uma machadada muito violenta na ideia clássica de universidade clássica no sentido do pensamento crítico.

GP: ENTÃO, SUA AVALIAÇÃO DO EFEITO SOBRE O CURSO JORNALISMO É NEGATIVA? PODE SE DIZER ASSIM?

HB: Negativo totalmente não. Por que certa maneira escapamos de uma mudança radical, daquilo que é o fundamento dos cursos. O curso nasce com uma preocupação de equilíbrio entre teoria e prática, onde a prática é mais forte que no restante dos cursos. Este é um curso específico quando em universidade em termos gerais um curso de ciências da comunicação, cujo o objetivo do 1º ciclo é preparar sobre tudo pro mercado de trabalho, pessoas também preparados do ponto de vista intelectual para isso não é só saber fazer mas saber pensar. Penso que tem havido um equilíbrio razoável a esse nível e que não foi afetado com a chegada de Bolonha. Do nosso curso particular, esse espaço disponível não, não foi, não afeta muito negativamente o que, a coisa que tinha de ser negativa mais visível foi ao reduzir cargas letivas, cargas horária, diminuiu também a qualidade daquilo que é a formação final daquilo que é, para os alunos, é a saída do curso, saem menos preparados, ter menos tempo pra aprender técnica, alguns casos ter menos tempo pra desenvolver conhecimentos. No nosso curso não foi uma das piores instituições a esse nível, noutros cursos que tem ouvido reações de (...) drasticamente, né.

GP: QUANTO A APROXIMAÇÃO COM OUTRAS UNIVERSIDADES BOLONHA FOI UM FACILITADOR DESSE APROXIMADOR? OU ELA JÁ EXISTIA MUITO ANTES DE SE PENSAR NESSA CONVERSA, NESSE DIÁLOGO ENTRE INSTITUIÇÕES?

HB: Na verdade, a cultura da interuniversidade que aportamos não é algo que tenha sido particularmente estimulado ou desenvolvido ao longo dos anos. Penso que há uma obsessão das universidades virem pra si e hoje é mais visível, do que nunca essa distribuição mais estanque, a partir do nível universitário. O que eu quero dizer: hoje as universidades e as faculdades são muito ansiosas de ter os seus docentes nos seu centro de instrumentação, a trabalhar pra própria universidade. Não querem seus investigadores a trabalhar pra outro centro de investigação de outras universidades, nem grandes dinâmicas interuniversidades, interprofessor universitários tem se acentuado curiosamente. Isso envolve vários fatores ente dos quais financeiro (...), por exemplo, se olharmos na nossa área da ciências da comunicação, se olharmos aqui pros nossos índios espanhóis, eles tem uma cultura de compreensão interuniversitária fabulosa, muitíssimo mais avançada que nós. Nós nas nossas áreas praticamente não temos áreas de contato. Contatos (...) de troca, salvo em alguns casos, no nosso caso temos uma ligação com universidade da Beira, protocolo, e doutoramento partilhados, que são coisas pontuais, não a uma cooperação interuniversitária feita de forma sistemática em vista como potenciadora de, enfim dos cursos que nós temos. Não creio, hoje em nossa área não, as universidades são muito estanque.

GP: CURIOSO ISSO NÉ. PORQUE BOLONHA, PERMITE A MOBILIDADE, INCENTIVA A MOBILIDADE EM TODA A COMUNIDADE, DEVERIA SER UM POTENCIALIZADOR, DESSA MOBILIDADE TAMBÉM INTERNAMENTE NO PAÍS.

HB: Sim, só que isso tem, Bolonha a coisa que não tão pronto crédito, não é a cultura de corporação e desenvolvida ou promovida por toda gente ou não é. Nunca foi assim em contradição e mantém se. Eu acho que está acontecer, não basta Bolonha dizer que ok. Não temos sinais que isso esteja acontecer. Bolonha tenha um grande salto que permitia ou ajudava que agora as universidades coopera mais umas co as outras em Portugal. Pra já não vejo resultados muito visíveis, na nossa área muito menos cada um continua a trabalhar no seu quintal.

GP: É, SE VOCÊ PUDESSE AVALIAR O QUE FALTOU EM BOLONHA NESSE PROCESSO TODO, QUANTO QUE FALTOU, QUANTO QUE VOCÊ SUGERIA.

HB: Faltou o debate esclarecimento, muitos professores, eu falo por mim, muitos colegas aqui nunca tiveram noção exata do que estava a passar, eram confrontados necessidade de cumprir prazos, por tanto, não houve, falhou em termos de debate isso parece claro, falhou em termos de explicação aos docentes, do que é que realmente estava em casa. Falhou não ter sido, dado aos professores formação para adaptação a Bolonha temos aqui um novo paradigma que é suposto, transformar, completamente praticas, modos de lecionação modo de investigação tudo. E sem resistência, basicamente foi isso que nos disseram quando perguntávamos. Sei que houve casos pontuais de ações de formação mas isto é muito longe de forma uniforme e generalizada, portanto isso começou por aí depois acho que Bolonha falhou na (...) daquilo que especificidade de cada área, é um conceito muito geral pra áreas científicas, e em universidades, faculdades, é muito diferente, isso penso que é responsável por muitos equívocos e responsável pelo fato de em muitas universidade o grau de aplicação em Bolonha ser muito diminuído, ou quase não se notar, pra lá ainda as questões que mais demorar ser (...) isto aqui, não foi falado isso, isso tem que ser adaptado, que tem que apresentar os instrumentos, agora na pratica no dia a dia, Bolonha estará a falhar por que não, não, os professores, diretores, não estarem a aplicar precisamente os princípios do Processo de Bolonha . Portanto, uma série de fatura que nós temos a pagar hoje, muito por várias coisas não terem sido feito no devido tempo, conhecimento, informação etc.

GP: EU TIVE, UMA PROFESSORA EM MINHA ÉPOCA DE GRADUAÇÃO, QUE ELA DIZIA QUE ‘A GENTE SÓ DA O QUE RECEBE’. EU LEMBRO QUE LOGO NO INÍCIO DA NOSSA CONVERSA, VOCÊ FALOU QUE HA MUDANÇA DE PARADIGMA E DO ENSINO PARA A APRENDIZAGEM. COMO É QUE VOCÊ CONSEGUE MUDAR ESSE PARADIGMA SE VOCÊ NUNCA EXPERIMENTOU? COMO QUE É ESSE PARADIGMA DA APRENDIZAGEM.

HB: Exatamente, nem nunca experimentou, nem tem formação, claro, uma mudança demasiada brusca e demasiada acentuada pra que é esperado que as pessoas se adaptem assim dum dia pro outro (...)”o que é isso” (...) “a partir de agora vamos esperar que o nosso ensino, ou vai ser assim, o que isso implica, como é que se faz isso na pratica? O que, que é suposto a fazer? Inclusive há vinte anos que dou aula assim, querem agora que eu, expliquem-me.

GP: CONVERSANDO COM UMA COLEGA, EM UMA DAS OUTRAS ENTREVISTAS, QUANDO EU FALEI SOBRE, DA FORMAÇÃO CONTINUADA, ELA FALOU QUE ISSO É INCONCEBÍVEL, POR QUE SE PARTE DE UM PRESSUPOSTO QUE O PROFESSOR TEM CAPACIDADE, E AUTOCAPACIDADE DE SE FORMAR, ATÉ NÃO PRECISA DE PROGRAMA NENHUM, PARA SE CAPACITAR. EU ACHO UM EQUÍVOCO. SE PENSAR ASSIM, PRINCIPALMENTE POR QUE TODOS OS DIAS NÓS PRECISAMOS DE CAPACITAÇÃO DOCENTE. EU ESTOU EM duas ÁREAS AO MESMO TEMPO, ENTÃO FIZ PEDAGOGIA E FIZ JORNALISMO. TENHO duas GRADUAÇÕES, ENTÃO TENHO UMA NOÇÃO MUITO FORTE DOCENTE, QUE A PEDAGOGIA TRABALHA COM A DOCÊNCIA E UMA VISÃO SOBRE AS COMPETÊNCIAS BÁSICAS PARA SER UM JORNALISTA, ENTÃO PARECE MEIO DIFÍCIL, A GENTE NÃO VER AS DUAS COISAS CAMINHANDO JUNTAS.

HB: Discordo com ela. Sim, acredito que nós docentes, desenvolvemos muito o sentido da autoaprendizagem, por natureza e tudo bem. Agora quando se trata de algo que mexe com os fundamentos de nossa profissão estamos a falar de uma coisa diferente e também é necessário que neste caso a universidade, neste caso a nossa, explique o que é isso para nós. Não seria eu a decidir o que acho que universidade espera de mim a universidade tem que explicar o que espera dos seus docentes. E como é que espera que eles se adaptem mais tarde (...) entre as especificidades, cada curso tem sua especificidade, e seria, e teria sido oportuno que cada universidade explicasse (...) é mesmo explicasse. É uma coisa vasta demais para ser feita (...)

Bloco 4 – Outros direcionamentos

GP: NO BRASIL, A GENTE COSTUMA DISCUTIR MUITO AS COMPETÊNCIAS, COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS, COMPETÊNCIAS ACADÊMICAS, COMPETÊNCIAS FORMATIVAS. ISSO É UMA DISCUSSÃO TAMBÉM AQUI OU NÃO É MUITO VISÍVEL NAS REUNIÕES DE VOCÊS PROFESSORES? ATÉ QUE PONTO A FORMAÇÃO ATENDE ÀS DEMANDAS DO MERCADO? DEVE ATENDER?

HB: Não, essa é uma das coisas que mim preocupa muito. Eu não sou um ativo, quer dizer, não nasci na universidade ou só fiquei na universidade, estive 15 anos no memorial costume

dizer. Portanto, sou alguém que vai com uma ideia, enfim, com uma perspectiva fresca se é que é possível ver as coisas pela primeira vez, e esse é um dos aspectos que preocupa nossa universidade, é a tão pouco debate (...) formação, paradigmas de ensino é, eu vejo um ponto de deficiência de Bolonha, brutal. Ninguém reúne, não se fazem reunião dos professores, pra discutir isso, as direções da faculdade não fazem congressos internos ou coisa que vale, ninguém discute nada. Com é que é possível? Ou seja passamos por processo brutal, sem nunca ter juntado, sem nós mesmo termos juntados pra discutir o que está em caso. Então são coisa que me chega com a estrutura com a estrutura, digamos assim, daquilo que é nossa profissão. As coisas conjunturais, né? Todas as coisas são centrais, mesmo fora de Bolonha, em termos de, que eu acho que era um debate que devia ser permanente, em relação às competências, formação não existe. Documentos formais sistemáticas.

GP: E QUANDO SE QUER PROMOVER, MUITOS ACHAM QUE EXTRAPOLE A COMPETÊNCIA DOCENTE, DISCUTIR ISSO. ALGUNS PARTEM DO PRESSUPOSTO, QUE SE TEVE UMA FORMAÇÃO DOCENTE, SE É DOCENTE, SE É DOUTOR NO DEPARTAMENTO, ELE É CAPACITADO ISSO É UM EQUIVOCO QUE SE DÁ.

HB: Isso se dá o fim do processo que é permanente, que não tem fim, que é um aperfeiçoamento permanente, da aprendizagem permanente. A pessoa que acha que já sabe tudo, não sabe nada.

GP: PARECE MUITO FÁCIL RESPONDER ASSIM, DIZER A NÃO, TODO MUNDO TEM CAPACIDADE, TODO MUNDO ESTÁ CAPACITADO, MAS NA VERDADE 'TODO MUNDO' ESTÁ FUGINDO DE UM DEBATE NECESSÁRIO.

HB: Eu acho que sim, não sei básico, eu acho que é básico. Não devia ser uma coisa, pensar em termos extraordinário, não, isso não é normal, isso é permanente ou pelo menos (...) discutir problemas, que são questões, crise nos aspectos todos (...) não é assunto pra discutir em uma universidade, isso não faz sentido nenhum. Parece paradoxal, eu sinto que as coisas vão sendo mantida.

GP: PENSEI QUE É SÓ NO BRASIL, ESSE MEDO, ESSA SENSACÃO DE FUGA DA INTELECTUALIDADE, DE DEBATER QUESTÕES CENTRADAS NO PROCESSO UNIVERSITÁRIO.

HB: Um outro exemplo, a falta gritante de um discurso, discussão, sobretudo metodológica, ninguém discute metodologia dentro das suas próprias áreas, porque as pessoas do jornalismo não se juntam regularmente para discutir entre outros, a noção das metodologia nos seus campos de investigação. Trocar ideias, trocar experiências, encontros nas bancas e cada um diz aquilo que, ou faz argüência, de acordo com coisas que estão mais recentes estão mais na moda e a um desencontro permanente, ou seja, não a uma cultura de parte de troca (...)

GP: VOCÊS, SÓ PRA CLARIFICAR UM POUCO MELHOR, VOCÊS NORMALMENTE SE AGRUPAM NOS DEPARTAMENTOS POR GRUPO DE PESQUISA OU SÃO PROFESSORES INDIVIDUAIS. POR QUE POR EXEMPLO, NO BRASIL TEM UM GRUPO DE PESQUISA, DAI EU TENHO UM CONJUNTO DE COLEGAS QUE TRABALHA E A GENTE ARTICULA PESQUISA JUNTO, FAZ EXTENSÃO JUNTO, PENSA UM POUCO O ENSINO DENTRO DESSE CAMPO DE ATUAÇÃO DOS PROBLEMAS QUE ELEGEMOS. ENTÃO, É O NOSSO 'NORTE DE TRABALHO'. AQUI VOCÊS TAMBÉM TEM UM GRUPO DE TRABALHO COLETIVO OU BASICAMENTE ESTÃO ISOLADOS, ESTÃO SOZINHOS NESSA, NESSA CIRCUNSTANCIA?

HB: (...) nós estamos organizados, institucionalmente, no departamento que é departamento de ciências da comunicação jornalismo (...) a organização desse curso é muito complexa que envolve quatro faculdades. Está vinculado, parte dos professores estão vinculados na faculdade de letras outras partes do cursos estão nas outras faculdades. Então em termo de instituição é complexo, complicado. Mas a maior parte dos docentes está agrupada institucionalmente no departamento que é uma estrutura orgânica que é vinculada entre... seus professores em suas áreas. Nesse sentido não a muita diferença entre o que há vocês, né? Isso é mais institucional, vocês estão mais do que investigação, não a grande componente de investigação no departamento, não é uma relevante. Quando que a troca de conhecimento é de, enfim, nem sempre é de forma satisfatória. Quando é desenvolvido o trabalho de investigação onde se cria equipes de trabalho é nos centros de investigação, nós temos um centro aqui que

está ligado ao curso que chama CETACO, que agrupa professores que desenvolvem linha de investigação, embora seja muito ortodoxo o centro e sim, parece mais com o modelo que está a referir agora a docentes que não fazem parte do meu departamento. Por exemplo, a docente que são de universidades de fora, não das principais (...) instituto qualquer não façam muita (...)

GP: NÃO CHAMA MUITO ATENÇÃO.

HB: É, centrar essas duas lógicas, uma mais institucional e organizativa, que é os departamentos, pessoas são agrupadas por áreas científica, ciência da comunicação e as *centro de investigação, no caso o nosso CETACO. São duas instituições, e isso deu mais (...)* aos docentes de investigação e não do departamento. Departamento é mais uma arrumação institucional (...)

GP: É TANTO, QUE NO BRASIL, OS GRUPOS DE PESQUISA FAZEM PARTE, ESTÃO DENTRO DO DEPARTAMENTO, MAIS TRANSCENDE O DEPARTAMENTO. DEPARTAMENTO É MAIS BUROCRÁTICO. E ELE EXISTE APENAS PARA, PELO MENOS NO NOSSO CASO NÉ?, PARA VALIDAR, INSTITUCIONALMENTE ALGUMAS DECISÕES QUE A GENTE TOMA COMO CORPO DOCENTE.

HB: É, complicado isso, pois a pesquisa toda a pesquisa é centro de investigação, não departamento (...)

9. UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DO PORTO (UPORTO)

Entrevistado: Prof. Dr. Fernando Zamith

Bloco 1 – Dinâmica de transformação das estratégias de formação acadêmica

GP: DESDE QUANDO O SR./SRA. PERCEBEU ALGUM IMPACTO CAUSADO PELAS MUDANÇAS TECNOLÓGICAS SOBRE A DINÂMICA DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NESTA INSTITUIÇÃO? COMO CARACTERIZARIA ESSE IMPACTO?

FZ: Sim enquanto docente sim, eu tive de começar a minha carreira como docente comecei a oito nove anos estou no nono ano de docência comecei num curso recém-criado já tinha sido criado dois anos antes e que já estava muito vocacionado para a tecnologia e muito bem preparado para tecnologia foi aliás inovador em Portugal e acabou sendo exemplo para outros cursos no país teve a sorte de ser desenhado naquela altura portanto não senti o antes e o depois quando muito senti o antes em duas vertentes uma enquanto aluno, mas já, nos anos 80 há muitos anos tudo mudou não mudou só o ensino de jornalismo mudou o cenário todo o mundo todo mudou, mas também enquanto jornalista que é a profissão que continuo a desempenhar do que eu via dos novos jornalistas recém formados os estagiários e depois os que ingressavam na profissão verifiquei que houve aí uma mudança uma passagem mas que na parte dos alunos sem grandes problemas porque estavam na áreas deles tudo mais simples a evolução tecnologia acompanhou também a sua geração da parte da docência realmente reparei que alguns que davam cursos em algumas universidades levou tempo para fazer essa conversão essa adaptação tecnológica.

GP: ENSINO E PRATICAS DOCENTES MUDARAM?

FZ: Voltando para o parêntesis eu só poderei contá-lo o que se passou de 2002 até aqui. O que eu noto de qualquer maneira e também ouço e o desenvolvimento dessas evoluções tecnológicas desde dessa altura até agora, de 2002 até agora, e parece me que alguns docentes mais tradicionais tiveram grande dificuldade de se adaptar tudo mais até a procedimentos básicos burocráticos de gestão das cadeiras das disciplinas o próprio relacionamento com os estudantes utilização básica de ferramentas de *e-mail*, ferramentas de *e-learnig* etc. houve

alguma, aí até em gestão de conteúdo extranet, intranet em partes da universidade houve alguma dificuldade de adaptação por parte de alguns docentes e se calhar ainda hoje se nota isso alguma dificuldade, um exemplo básico foi a resistência a utilização do PowerPoint em sala de aula como ferramenta de apresentação como auxiliar do que o professor tem a transmitir a uma resistência muito grande por parte de muitos docentes a utilizar e alguns argumentam com argumentos sólidos (...) no atual contexto os alunos que temos nesse momento, como o Prof. Rosental Alves costuma dizer, ‘nossos alunos tem sempre vinte anos’ (...) temos que saber aproveitar essa vantagem dos alunos trazerem sempre o novo terem tido uma adolescência uma infância estarem a ter uma juventude nova noutra com outro percurso diferente não podemos comparar as gerações achar que ela são todas iguais parece-me que isso obriga o professor estar mais atento para saber pedagogicamente o que tem que fazer para que conseguir agarrar os alunos e transmitir conhecimento e dar-lhes instrumento para que sejam autônomos naquilo que será no futuro a sua profissão.

GP: E NO CASO DO CURRÍCULO E DISCIPLINAS ASSOCIADAS ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS?

FZ: No nosso caso foi a ruptura, se é podemos chamar ruptura porque estamos a falar de coisas formalmente diferentes, a grande ruptura foi a criação propriamente do curso foi criado o curso de ciências da comunicação aqui da Universidade do Porto foi criada em 2000 marcou uma série de componentes inovadoras uma parte tecnológica extremamente importante porque (...) quatro faculdades importantes da universidade a faculdade de letras, belas artes, de economia e engenharia sobretudo na parte da engenharia introduziram-se disciplinas de programação, disciplinas de edição de áudio e de vídeo teóricas e de práticas comunicações digitais e internet uma série de (...) desde 2000 que está a formatar tudo para os novos tempos. De alguma há uma ruptura entre estas por que não nasceu do zero o curso. O curso aproveitou uma boa parte da experiência que existia antes (...) que era a escola superior de jornalismo do Porto que era uma escola privada que tinha nos anos 80 eu fui aluno dela assim como grande parte dos jornalista trabalhadores no Porto e também em Lisboa foram, alunos dessa escolas neste momento os diretores de informação por exemplo da RTP, TPI, da TSF uma série de outros órgãos de comunicação social foram alunos da escola superior de jornalismo do Porto foi um curso quase que inovador foi o segundo curso que surgiu no país de jornalismo de comunicação social mais especificamente antes disso só existia em Lisboa na Universidade

Nova de Lisboa e por isso foram muito anos de experiência da década de 80 até 2000 que a escola de jornalismo teve no entanto houve durante bastante anos uma fase de negociação entre a Escola Superior de Jornalismo e a faculdade de letras da universidade do Porto ... a Universidade do Porto sendo a maior universidade do país que ainda hoje é, não tinha u curso nesta área enquanto todas as universidades do país tinham então houve um processo negocial e de alguma forma terminou o curso da escola superior de jornalismo e arrancou este. Então houve uma transição mesmo muitos docentes transitaram também e de alguma forma houve algum efeito de contágio, digamos assim, houve algumas disciplinas que sem mantiveram muito ficou (...) para o jornalismo era um curso muito virado para o jornalismo, aliás a designação inicial do curso era para jornalismo e ciências da comunicação uma designação pouco *sui generis* hoje já não é bem assim é ciências da comunicação depois dois pontos jornalismo, assessoria e multimédia são as três vertentes que o curso tem. Portanto não foi necessário, como o curso estava formatado assim desde 2000, não foi necessário em termos curriculares grandes mudanças para introduzir Bolonha ou respeitar Bolonha nesse aspecto não houve problema quase nenhum o curso era um curso de quatro anos foi necessário “emagrecer” o curso de alguma maneira a ficar apenas com três anos. Houve algumas disciplinas que deixaram de existir e outras que ficaram com tempo letivo mais curto e ficou as vertentes apenas com um ano tinha dois anos passou apenas um anos e o tronco comum manteve-se em dois anos. Não houve grandes alterações a esse nível falando apenas na parte da licenciatura.

GP: E SOBRE A CAPACITAÇÃO DOS DOCENTES? AUTOCAPACITAÇÃO? A UNIVERSIDADE TEM CURSO DE RECICLAGEM/FORMAÇÃO PARA DOCENTES?

FZ: Não há um programa de formação continua como nós chamamos. As universidades de alguma forma vão dando alguma atenção a isso há até um núcleo específico de formação continua a universidade do Porto tem, mas não é obrigatório, não é essa a prática, a prática que existe é o próprio docente precisa de, até para evoluir na carreira, precisa de ir prestando provas periódicas pra ir subindo de grau há vários graus académicos, assistente, professor auxiliar, professor associado, professor catedrático etc. e uma serie de passo intermédio professor auxiliar com agregação em todos esses passos para subir na carreira é preciso prestar essas provas é preciso participar em concurso na maior parte das vezes. Não há uma

formação específica uma componente digamos mais pedagógica isso não há a acho que (...) deveria haver

GP: É POSSÍVEL PERCEBER EM SUA INSTITUIÇÃO UMA PRÁTICA DE CONVERGÊNCIA NA FORMA COMO AS DISCIPLINAS SÃO PRATICADAS? COMO ISSO OCORRE?

FZ: Esse é um problema quase que interno em todo ensino não só no nível universitário mas também a níveis intermédios que é dificuldade de articulação entre essas áreas quase que não está se quer instituído que haja essa articulação embora teoricamente possa estar lá escrito, mas na prática é extremamente complicado, pois nota-se que os próprios alunos se queixam disso não haver mais articulação entre as disciplinas. Funciona muito com alguma autonomia cada uma delas e até porque sempre aqueles receios de não querer entrar no campo do outro. Quando eles sabem que aquele professor é especialista daquela área o outro ao lado tem receio de alguma forma estar a ingerir num processo que não é dele. Passa muito pelas pessoas em si o haver ou não, nota-se que nem sempre tem sido assim, porque também tem que ter reação da outra parte. Eu dou cadeiras práticas de ciberjornalismo e jornalismo online são disciplinas que são comuns, quatro áreas que são disciplinas que são ramificadas que é imprensa, rádio e televisão e online que obviamente obriga alguma articulação entre os docentes têm sido conseguido felizmente podia ser ainda mais conseguido poderia uma articulação ainda maior. Mas como estou numa área de online mais ligado ao online etc. sente a preocupação de dizer algum diálogo alguma relação com os professores nomeadamente de comunicação digitais e internet professores das áreas mais tecnológicas etc. e por vezes isso é complicado horários distintos programas nem sempre coincidentes as próprias negociações da colocação das diversas disciplinas no plano curricular provoca alguns (...) algumas áreas que poderiam estar mais cedo do que outras a articulação é complicada e parece-me que e também é quase que impossível chegar a uma situação medial que haja uma articulação perfeita entre todas as áreas um sincronismo entre as matérias (...) basta uma aula ser adiada porque houve uma queda de eletricidade foi impossível utilizar o computador, houve uma queda no servidor, como muitas vezes acontece, ou qualquer outra coisa portanto a perfeição não é possível alcançar com certeza, agora podia haver uma articulação melhor – podia, eu também não sei bem como talvez no fundo teria de haver uma espécie de conselho superior um órgão

transdisciplinar que pudesse a todo momento intervir para que houvesse uma perfeita articulação entre as diversas matérias.

GP: VOCÊ ACHA QUE OS SEUS COLEGAS ACEITARIAM?

FZ: Muitos iam levantar muitas questões, mas questões “ah isso é impossível (...) porque não sei que porque não sei o que mais (...) porque ia alterar o meu plano completamente” muitos iam torcer o nariz. Agora acho que vindo também de cima pra baixo acho que podia também não ...uma determinação superior direto da faculdade direto do curso a direção do curso “a partir de agora tem que ser assim” podia haver alguma reação negativa tem de se ter algum cuidado nisso também agora eu sou completamente a favor em todos os esforços nesse sentido que haja cada vez maior articulação entre as matérias.

Bloco 2 – Processos formativos

GP: OLHANDO PARA O QUE É PRATICADO EM SUA INSTITUIÇÃO, DO PONTO DE VISTA DA FORMAÇÃO, O QUE DIFERENCIA ELA DAS OUTRAS INSTITUIÇÕES DO PAÍS?

FZ: ...porque minha experiência é só nesta universidade nunca dei aula noutra universidade. Meus colegas de outras universidades consigo perceber alguns sintomas mas são muito escassos aquilo que é mais fácil talvez mais mensurável é o plano curricular propriamente dito e comparando os planos curriculares o nosso tem duas características claramente distintas uma, a aposta muito forte a técnica a tecnologia enquanto os outros cursos estão muito mais agarrados à teoria, à letra, à escrita clássica e, outro, a prática este é um curso muito vocacionado para a prática os próprios alunos tem uma serie de cadeiras praticas nas diferentes áreas , na assessoria, na multimédia enquanto que outros tem uma componente teórica densa. Há a eterna discussão se a universidade deve ser mais um centro de capacitação teórica ou pratica uma velha discussão muitas universidades entendem que a componente teórica deve ser valorizada. E nisso estou à vontade com uma universidade que sempre apostou, e agora está a fazer a transição, sempre apostou muito numa sólida componente teórica foi à universidade do Minho onde completei a licenciatura lá, na altura ainda pré

Bolonha quando as licenciaturas eram de cinco anos tenho além do bacharelado da Escola Superior de jornalismo de três anos tenho o cinco anos da universidade do Minho da licenciatura e tenho essa experiência, algo dos anos 90, experiência do que era isso é muito bom muito positivo ter essa componente teórica mas também acho que é certamente valorizado (...) pratico e rapidamente pode ingressar na (...)

GP: AS PRÁTICAS DE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO, EXISTENTES EM SUA INSTITUIÇÃO, MUDARAM COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS? COMO?

FZ: Eu não sou propriamente uma boa testemunha disso. Comecei em 2002 quando comecei como o curso era novo não havia nem sequer um centro de investigação, só mais tarde é que surgiu em 2004, cada um tinha sua participação sua investigação mais muito individualmente (...) surgiu mais tarde não me parece (...) surgiu já (...) cada um de alguma forma manteve as suas praticas eventuais de investigação não me parece que tenha havido uma mudança. Como disse não sou grande testemunha porque não sou do passado não sei o que era antes

GP: MAS NA PRÁTICA ATUAL A TECNOLOGIA TEVE INFLUÊNCIA?

FZ: Sim, sempre teve digamos assim, porque sempre lidei com questões muito ligadas a tecnologia a internet e tudo desde do início consegue assim, não tive essa necessidade de passar de uma fase pra outra, outros docentes poderia ter sido diferente , por minha área de investigação principal sempre foi ciberjornalismo, internet, ligação entre tecnologia e novos meios ou novos suportes, portanto, desde o inicio utilizei as novas tecnologias até mesmo nas aulas utilizo blogs eu mantenho um blog para apoiar as aulas desde 2002 desde que comecei. Aliás um dos mais antigos blogs integrados em Portugal entre os vinte e poucos mais antigos, comecei logo com isso numa altura em que a explosão do blog foi em 2003 no ano seguinte, também por essa relação que eu fiz com os professores das áreas a engenharia eu rapidamente comecei a apropriar me das ferramentas tecnológicas não só para o ensino como para investigação, em área de investigação tem sido uma (...) e avaliação de site sites noticiosos tem de estar atento às tecnologias.

GP: É POSSÍVEL PERCEBER EM SUA INSTITUIÇÃO UMA RELAÇÃO ENTRE PESQUISA/INVESTIGAÇÃO E GRADUAÇÃO (LICENCIATURA/1º CICLO)? ESSES SÃO PROCESSOS COMPLEMENTARES?

FZ: São duas carreiras paralelas docência e investigação de graus acadêmicos para se conseguir os graus acadêmicos tem que ser pelas vias do grau de investigação. Acho que todos os cursos do país e o nosso também tem uma cadeira de métodos de investigação, portanto faz-se alguma investigação, mas ainda é pouco e com Bolonha a coisa ficou (...) portanto em três anos é muito complicado aqui o que se nota agora e que mesmo com Bolonha já começou-se haver conceder-se o grau de mestre sem precisar passar por muita investigação. Felizmente os dois anos de mestrado o primeiro ano, no nosso caso, outros adotaram licenciatura de quatro anos no nosso caso foi três anos mais dois, os dois primeiros anos é muito virado para a investigação os alunos tem que fazer nem que seja pequenos artigos pequenos trabalhos tem de fazer alguma investigação mas depois para terminar e para atingir o grau podem optar pela via profissionalizante, ou seja, não ir pela área da investigação pode optar por um estágio profissional e um relatório (...) e não ir pela área de investigação. Agora, quando estamos a falar em graus acadêmicos para a docência e tudo o mais isso aí é claramente pela via da investigação, está mesmo associado o (...) todos os docentes tem um grau elevado, mais elevado possível. Quando eu vim para docência eu era licenciado apenas nem o grau de mestre tinha e hoje a pressão já é bastante grande para ter no mínimo o mestrado e dentro de poucos anos já é muito complicado ser admitido como docente universitário se você não tiver o grau de mestre (...) já é um patamar posterior chegar-se ao grau de doutor já se coloca logo na carreira como professor auxiliar e não assistente há logo uma subida de grau ...é sempre na área de investigação que se (...)

Bloco 3 – Impacto dos processos macro de ajustes educacionais/jurídicos

GP: SEGUNDO A SUA PERCEPÇÃO, O QUE MUDOU EM SUA INSTITUIÇÃO COM O PROCESSO DE BOLONHA: NO CAMPO DA FORMAÇÃO EM GRADUAÇÃO/LICENCIATURA? HOUVE TRANSFORMAÇÃO NOS PROCESSOS OU APENAS FICOU NO CAMPO DISCURSIVO?

FZ: No nosso caso específico a transformação foi muito pequena, como disse aqui a pouco, foi uma adaptação simples onde foi reduzido de quatro para três anos tirando algumas disciplinas e encurtando outras, não foi um processo muito complicado foi um processo

debatido, discutido e isso eu considero positivo, o próprio diretor do curso fez algumas reuniões com os docentes todos a discutir isso de uma forma aberta, e havia discussões mesmo, havia posições diferentes sobre o que teria que ser, depois na prática viu-se que isso permitiu também coincidiu também com um arranque com um novo fôlego dos mestrados, o curso aqui tinha mexido apenas com licenciatura e com o mestrado que depois não se repetiu, foi uma edição apenas, tivemos vários anos sem mestrado. E Bolonha serviu também para de alguma forma ganha um novo balanço para de alguma forma se relançar os mestrados de uma forma diferente para Bolonha com três vertentes de especialização que foram criadas na altura também pouco olhando para o quadro docente que tínhamos o curso como é novo há muita gente que ainda não tem grau de doutor, eu por exemplo não tenho para o fim do próximo ano estou a terminar a minha tese, nos últimos anos vários se doutoraram também de certo a outros colegas também que estão a se doutorar e um processo que sabíamos que a médio prazo íamos a chegar tanto que é natural que daqui alguns anos tenha modificação da nossa oferta de mestrados também por causa disso, mas surgiram aqueles treze e pra mim a diferença mais clara foi o grau de mestre já não significar um grau acadêmico apenas, no sentido de investigação científico, acadêmico é, mas poder atingir o grau de mestre sem uma aposta clara e sem provas claras de investigação científica e isso me causa alguma pena e no fundo alguma desvalorização do grau porque (...) eu fiz um bacharelado que era três anos e três anos é uma licenciatura portanto o grau de bacharel praticamente desapareceu e no fundo agora a licenciatura deveria ter havido alguma conversão para não se (...) estão a dar grau de licenciado a quem não tem uma mesma preparação que tinham os licenciados, estamos agora a dar o grau de mestre, salvo algumas exceções, a quem não tem a mesma preparação que tinham os anteriores mestres e há muito poucos anos, isto cria algum (...), pois o mercado vai distinguir isso, ainda é um bocado cedo para se fazer essa avaliação não sei se o mercado está a distinguir ou não há alguns sinais que sim mas há outros que não como a lógica portuguesa muito a pratica e a tradição muito agarrada aos concursos público no que diz respeito à função publica a organismos, institutos públicos empresas públicas e isso vai (...) pelo grau acadêmico tanto faz que seja mestre há 10 anos ou se é mestre desde ontem e isso causa injustiça provoca injustiça naturalmente e isso parece me que é o sinal mais importante, agora temos que pensar que o objetivo principal de Bolonha é um objetivo muito nobre, muito importante, muito interessante e, acho que todos nós temos que sofrer um bocado para conseguir isso, quando nós estamos empenhado num esforço de unificação, praticamente é isso temos de saber se temos de saber perder alguma coisa em benefício de algo que eu acho

que é muito positivo que é quase perfeita, infelizmente não é tão perfeita quanto isso, a unificação de graus do (...) países que se inscreveram em Bolonha e isso é muito positivo e permite num mundo cada vez mais globalizado em que as distinções entre nações não fazem mais sentido ...sem fronteiras, não faz sentido, sem fronteiras sobretudo nessa questão de para as pessoas para os profissionais, eu poder trabalhar em qualquer outro país da união europeia em igualdade de oportunidades com o cidadão desse país e vice-versa (...) tem que ser comparado tem que haver facilmente uma equivalência entre um e outro esse é um objetivo nobre como digo tem que ser mantido.

GP: AS MUDANÇAS DESENCADEADAS PELO PROCESSO DE BOLONHA FORAM PERCEBIDAS E ACEITAS: PELO CONJUNTO DE PROFESSORES? DE QUE FORMA? (RESISTÊNCIA, AMBIGÜIDADE, TOTAL ACEITAÇÃO?) E, PELOS ALUNOS? DE QUE FORMA?

FZ: Houve alguma. Eu assisti situações bem mais complicadas enquanto jornalista em outras áreas as engenharias, medicina e etc. nas áreas de docência por exemplo, é extremamente complicado nas licenciaturas (...) acabaram por transitar para o mestrado uma coisa um bocadinho estranha que vai ter reflexo no futuro houve muita resistência muita oposição muita discussão sobre o formato, esse três mais dois, quatro mais um, se para atingir determinados limites teria de ser obrigatório ir até o mestrado o curso de medicina por exemplo era cinco (...) seis anos contando com estágio era de seis anos fazia-se sentido não é, agora reduziram pra agora vai ficar médico com três anos de maneira nenhuma, portanto na prática é um mestrado integrado os alunos entram para fazer medicina ficam cinco anos e saem com grau de mestre não há outra forma senão não conseguiam exercer a profissão há alguns cursos que obrigam tempo. A uniformização tem esses quês, depois obriga a fazer algumas alterações. Resistência que internamente houve algumas mas no nosso curso parece-me que foi mais pacífico outros, por exemplo, no Minho foi mais complicado que era cinco anos.

GP: NA RELAÇÃO QUE VOCÊS DESENVOLVEM COM OUTRAS UNIVERSIDADES? COMO? HOUVE APROXIMAÇÃO DE INSTITUIÇÕES OU ANTES UM MAIOR DISTANCIAMENTO?

FZ: Acho que não houve nenhuma aproximação entre as instituições tanto que aquela ideia de concorrência continua de alguma forma até se acentuou mais com Bolonha, mas isso aí (...) mas não houve uma maior aproximação houve algum diálogo sim, porque era obrigatório para o processo abriu algum dialogo. Os cursos, a maioria mudou para ciências da comunicação alguns tinham outras denominações a acabou por optar por ciências da comunicação, mas manteve-se o espírito de concorrência de cada uma manter ou acrescentar uma coisa diferente que justificasse uma aposta específica numa determinada especialização.

Bloco 4 – Outros direcionamentos

GP: NA PRÁTICA VIVENCIADA PELO SR./SRA, HÁ CONSIDERAÇÕES/DISCUSSÕES A RESPEITO DAS DEMANDAS DE MERCADO NO NÍVEL DAS COMPETÊNCIAS (COMPETÊNCIAS PRODUZIDAS NO CURSO X COMPETÊNCIAS EXIGIDAS PELO MERCADO)? ATÉ QUE PONTO A FORMAÇÃO ATENDE ÀS DEMANDAS DO MERCADO? DEVE ATENDER?

FZ: Não houve muita discussão sobre as competências deveria ter havido mais. E curioso que no ensino base em Portugal tem um excesso de discussão sobre competências, mas que ainda não chegou ao ensino superior não se discute muito isso. Mas não tardará muito, penso que não coincidiu isso parece me que claro não coincidiu com Bolonha noutras áreas sim nesta área não a única questão que se colocava era, sobre as competências, especificamente no jornalismo que é aquilo que estive mais ligado sempre, era se três anos era suficiente para a pratica jornalística se estavam preparados para isso, (...) obviamente que sim, não se devia estar a exigir um mestrado para se conseguir ir a uma profissão é tanto que os três anos tem que ser (...) para ser uma profissão. Tal maneira essa questão é importante, que estamos num país, ao contrario do Brasil embora o Brasil tenha voltado pra trás 40 anos depois, em Portugal não é necessário licenciatura (...) ter diploma para exercer o jornalismo, basta o ensino secundário não é preciso nenhuma qualificação superior. Por isso não faz sentido agora as universidades querer exigir mas e mais quando o mercado e a lei não obrigam, de vez em quando há algumas propostas mas a discussão nunca foi muito forte nesse sentido em tornar obrigatória a licenciatura.

GP: O QUE O SR./SRA. ACHA QUE FALTA NESSE PROCESSO? QUE SUGESTÕES TERIAM PARA A MELHORIA?

FZ: O que daria talvez como sugestão principal, talvez provavelmente na própria designação dos graus acadêmicos, por exemplo, especificamente no caso dos mestrados se é em via científico em via profissionalizante isto estar realmente é sentir em conta quando há migração de um país para o outro (...) embora isso seja contra o efeito de simplificação do ensino superior de oito anos globalmente, isto é, conseguir os três graus em oito anos. Mas parece me que falta isto para realmente puder ser alcançado o objetivo de Bolonha para certificar alguém que pode ir para outra universidade de outro país, a confiança que pode depois para este grau se para qualquer coisa (...) não tem se valorizado a via científica e não a via profissionalizante, porque a via profissionalizante no fundo é fechado num ciclo é alguém que está a dizer “não eu quero ir para esta profissão, estou aqui para conseguir munir dos melhores instrumentos e das ferramentas para chegar a esta profissão o meu objetivo depois não é fazer o doutoramento”, isto está a ficar um pouco mais claro